



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História



HANNA GIACOMETTI HALM

***DIPLOMATIC DAYS: A REVOLUÇÃO
MEXICANA ATRAVÉS DAS
CORRESPONDÊNCIAS DE EDITH
O'SHAUGHNESSY (1911-1912)***

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HANNA GIACOMETTI HALM

***DIPLOMATIC DAYS: A REVOLUÇÃO MEXICANA ATRAVÉS DAS
CORRESPONDÊNCIAS DE EDITH O'SHAUGHNESSY (1911-1912)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e à Banca Examinadora como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Vanderlei Vazelesk
Ribeiro

Rio de Janeiro
2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

HH194 Halm, Hanna Giacometti
Diplomatic Days: A Revolução Mexicana através das correspondências de Edith O'Shaughnessy (1911-1912) / Hanna Giacometti Halm. -- Rio de Janeiro, 2022. 137

Orientador: Vanderlei Vazelesk Ribeiro.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. Diplomatic Days. 2. Edith O'Shaughnessy. 3. Relações Internacionais entre Estados Unidos e México. 4. Revolução Mexicana. 5. Escrita epistolar. I. Ribeiro, Vanderlei Vazelesk, orient. II. Título.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data ____/____/____

Nome: Hanna Giacometti Halm

Título: *Diplomatic Days*: A Revolução Mexicana através das correspondências de Edith O'Shaughnessy (1911-1912)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e à Banca Examinadora como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: ____/____/_____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vanderlei Vazelesk Ribeiro
Orientador (UNIRIO)

Prof. Dr. Flavio Limonic
UNIRIO

Prof. Dr. Fernando Luiz Valle Castro
UFRJ

Rio de Janeiro
2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Vanderlei Vazelesk Ribeiro por sua paciência e confiança nessa empreitada.

Agradeço também às bancas de qualificação e defesa, na figura do Prof. Dr. Flavio Limoncic e do Prof. Dr. Fernando Luiz Valle Castro, pela leitura atenta deste trabalho e pelas valiosas considerações; ao Programa de Pós Graduação em História da Unirio, pelo suporte institucional; à CAPES, pelo incentivo recebido.

Ainda, agradeço à biblioteca da Florida State University, cujo acervo viabilizou parte valiosa da bibliografia aqui utilizada, e onde este trabalho foi gestado anos atrás; a Alexandra Elbakyan, pelo Sci-Hub e o acesso sem fronteiras de parte significativa dos textos consultados para a escrita deste trabalho. A Layla Mandelbaum Amendoeira, por me ajudar a lembrar inúmeras vezes que sou merecedora das minhas conquistas. Finalmente, agradeço à minha esposa Juliana, às nossas cinco meninas e ao lar que construímos quotidianamente. Nossa família me inspira vida.

“It is not possible to discuss class war anywhere, least of all in Latin America, without bringing into account external intervention, more specifically and obviously the intervention of United States imperialism, as represented both by private concerns and by the American state itself.”

Ralph Miliband (1973)

Resumo

O presente trabalho faz uma análise da obra *Diplomatic Days*, livro publicado pela esposa de diplomata Edith O'Shaughnessy a partir de sua correspondência pessoal durante os anos 1911 e 1912, quando, acompanhando seu esposo, Segundo Secretário da Embaixada dos Estados Unidos no México, ela discorreu sobre o quadro político-diplomático do país durante a Revolução Mexicana. Enquanto obra mista, o texto pode ser abordado sob o ponto de vista da escrita epistolar enquanto gênero literário e historiográfico, como relato de viagem – uma etnografia perpassada pela experiência feminina –, mas também como fonte rica e útil para o estudo das relações internacionais entre México e Estados Unidos durante o período.

Palavras-chave: *Diplomatic Days*; Edith O'Shaughnessy; Relações Internacionais; Estados Unidos; México; Revolução Mexicana; escrita epistolar; relato de viagem.

Abstract

This graduate thesis analyzes *Diplomatic Days*, a book published by the diplomat's wife Edith O'Shaughnessy, based on her personal correspondence during the years 1911 and 1912, when, accompanying her husband, Second Secretary of the United States Embassy in Mexico, she discussed the political and diplomatic situation of the country during the Mexican Revolution. As a mixed work, the text can be approached from the point of view of epistolary writing as a literary and historiographical genre, as a travel report - an ethnography permeated by the female experience - but also as a rich and useful source for the study of international relations between Mexico and the United States during the period.

Keywords: *Diplomatic Days*; Edith O'Shaughnessy; International affairs; United States; Mexico; Mexican Revolution; letter writing; travel literature.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. Horizontes de expectativa: panorama das relações entre México e Estados Unidos até os primórdios da Revolução Mexicana.....	11
CAPÍTULO 2. “ <i>Delightful leisure</i> ” – escrita epistolar e relato de viagem	41
2.1. Uma esposa de diplomata	46
2.2. Diplomatic Days	53
2.3. A prática epistolar.....	59
2.4. O relato de viagem.....	69
CAPÍTULO 3. “ <i>Can courtesy to foreigners be carried further?</i> ” a experiência do eterno distanciamento	79
3.1. Do início da viagem até a queda de Díaz	79
3.2. O governo provisório de De la Barra.....	95
3.3. Do governo Madero até a volta para casa.....	108
CONCLUSÃO.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

Embora tenha feito considerável sucesso em seu lançamento em 1917, *Diplomatic Days*, bem como toda a obra de Edith O’Shaughnessy sobre suas viagens ao México, parece relegado ao esquecimento. O livro, que compila a correspondência da autora para sua mãe entre maio de 1911 e outubro de 1912, traz um relato da estadia da autora no México, quando, em tempos de Revolução Mexicana, acompanha seu esposo Nelson O’Shaughnessy em missão diplomática ao país. Mesmo sendo uma fonte detalhada acerca das relações internacionais entre os Estados Unidos e o México desde o final do Porfiriato até o desenvolvimento do governo de Francisco Madero, *Diplomatic Days* em geral é referenciado como uma curiosidade sobre a Revolução Mexicana ou é ignorado pela historiografia sobre o tema – salvo algumas raras exceções, como os trabalhos de Molly Wood sobre a importância das esposas no serviço diplomático dos Estados Unidos no século XX, e de Maria de Lourdes Arciniega, que, a partir do exemplo de O’Shaughnessy, aborda como sua posição de esposa de diplomata lhe permite transitar entre espaços altamente demarcados pelas questões de gênero.

Sendo assim, este trabalho pretende examinar mais a fundo essa fonte, questionando a forma como tem sido interpretada – e subutilizada –, propondo uma nova abordagem para sua leitura. Este estudo entende que os textos presentes nas correspondências de *Diplomatic Days* têm potencial para serem interpretados além do olhar etnográfico de uma literatura de viagem, podendo ser compreendidos como um valioso registro sobre os bastidores do círculo diplomático frequentado pela autora, além de comporem um documento narrativo de acontecimentos essenciais para o entendimento da conjuntura política do México durante os primeiros anos da Revolução Mexicana.

No primeiro capítulo, abordaremos as expectativas e a experiência de O’Shaughnessy enquanto cidadã dos Estados Unidos pertencente à elite diplomática. Para tal, nos debruçaremos sobre um panorama histórico que remonta às relações internacionais entre os governos mexicano e estadunidense desde seus primórdios, com a independência do México no século XIX, até a culminância da Revolução Mexicana, quando a autora inicia sua estadia no país.

No segundo capítulo, discutiremos as dimensões do texto de O’Shaughnessy enquanto relato de viagem, escrita epistolar, e livro publicado. Além disso, nos

aprofundaremos sobre seu papel social de esposa de diplomata estadunidense, levando em conta a sua consciência em relação ao poder hegemônico exercido pelos Estados Unidos.

O terceiro capítulo é dedicado a uma análise detalhada da fonte, fazendo uma ligação entre a cronologia das cartas da autora e os acontecimentos mais basilares da Revolução Mexicana, como as revoltas maderistas, a queda de Porfírio Díaz, o governo interino de Francisco León de la Barra, o governo Madero e as revoltas que o atravessaram. Dessa forma, muito além de uma curiosidade etnográfica, o texto se desenvolve principalmente a partir das observações de O'Shaughnessy mediante as demandas e interferências dos Estados Unidos nessa conjuntura.

CAPÍTULO 1. Horizontes de expectativa: panorama das relações entre México e Estados Unidos até os primórdios da Revolução Mexicana

Não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa.¹

A formação de uma perspectiva da ideologia estadunidense presente no texto de Edith O'Shaughnessy, dado que a autora é cidadã estadunidense e integrante de um recorte ainda mais restrito e específico dessa elite, parte de um referencial complexo e que precede os anos de Revolução Mexicana. Nesse sentido, para uma compreensão mais abrangente do contexto a ser analisado nos próximos capítulos, será aqui necessário retornar a quase um século antes para construir o contexto que envolve a fonte estudada nesta dissertação. O esforço em expor essa trajetória propõe compreender a formação de alguns elementos-chave das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e o México desde a independência deste, no início do século XIX.

Em *Futuro Passado*, Reinhart Koselleck discorre sobre a relação entre experiência e (horizonte de) expectativa, associando-as como dois planos, respectivamente espacial e temporal do conhecimento que se projeta na vivência e no fazer histórico do indivíduo. A experiência, mesmo que individual, é resultado de um acúmulo de outras experiências, racionais ou inconscientes, que se dão tanto no plano geracional quanto no institucional; é, portanto, o resultado de experiências alheias que se condensam na vivência do indivíduo. Por isso ela é espacial, segundo a formulação de Koselleck: "ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes".² A experiência fornece um conjunto de referências a partir do qual se baliza o horizonte de expectativa: ou o indivíduo reafirma suas expectativas a partir dessa experiência acumulada, criando um futuro que já esperava, ou é obrigado a criar um novo horizonte de expectativas com base em uma experiência nova.

A reflexão de Koselleck nos ajuda a compreender o sentido do universo de experiências e expectativas de Edith O'Shaughnessy, ao mesmo tempo racionais e

¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 25, 2006. p. 307.

² *idem*, p. 311.

inconscientes. A sua ideia - seu horizonte de expectativa - de México e da própria Revolução são construídas através da experiência de outros viajantes (que mencionaremos no capítulo 2), mas principalmente da experiência geracional e institucional da elite estadunidense que se manifesta através da política imperialista dos EUA em relação ao México desde o século XVIII.

Desde que conseguiu emancipar-se da Nova Espanha em 1821, o México teve que lidar com situações de descrédito que desafiavam constantemente a sua soberania nacional. O Tratado de Córdoba, documento assinado por Agustín de Iturbide e por Juan O'Donojú em agosto daquele ano, punha fim à Guerra de Independência do México e reconhecia a sua independência. Contudo, o documento seria posto em xeque pelos tribunais espanhóis poucos meses depois, o que representava o início de um extenso debate acerca do reconhecimento internacional de seu governo, bem como da definição de seu território no pós-independência.

Coroado imperador do México, Agustín de Iturbide governou somente até março de 1823. Sua administração foi enfraquecida pela falta de reconhecimento do México enquanto nação integralmente independente pela Espanha, pela Santa Sé e por outras nações europeias dominantes, como França e Grã-Bretanha. Além disso, ainda enfrentou internamente a oposição de diferentes facções do Congresso, tendo também que lidar com a falta de aprovação do vizinho Estados Unidos.

Podemos citar como um primeiro incômodo nesse momento pós- independência a opção do recém ex-vice-reinado hispânico pela monarquia, o que ia de encontro com o desejo dos Estados Unidos de que todas as Américas viessem a seguir o modelo de governo republicano, representando um contrapeso diante de possíveis intervenções europeias no continente. Era evidente para os EUA uma preocupação com o movimento mexicano de reconstrução das antigas legitimidades monárquicas do Antigo Regime na era pós-napoleônica, quando ao mesmo tempo as potências europeias se organizavam para combater revoluções insurgentes na América hispânica. Tal propósito era visto como uma ameaça aos interesses do sistema político da democracia republicana estadunidense, já que o possível retorno à hegemonia colonial significaria um regresso ao monopólio mercantilista colonial espanhol. Essa ameaça também trazia receios à Inglaterra em relação aos abalos que a abertura comercial com os mercados hispano-americanos, nesse momento muito úteis à maturação de sua Revolução Industrial, poderia sofrer.

Relacionado a isso, uma série de discussões no Congresso e no gabinete presidencial estadunidenses questionavam a capacidade dos novos países latino-americanos de formar governos estáveis. Mesmo que em 1822 a administração de James Monroe tivesse tomado a decisão de reconhecer as novas nações independentes da Nova Espanha, o Secretário de Estado John Quincy Adams se mostrou adverso. Para além da desconfiança da estabilidade da formação de governos independentes, havia a preocupação em envolver os Estados Unidos em um problema de política exterior maior com a Espanha, com quem, além de manter um comércio expressivo, negociava naquele momento a aquisição do território das Flóridas.³

Com sua independência, o México herdou da Nova Espanha toda a questão territorial anterior com os Estados Unidos, cuja diplomacia expansionista aumentara ainda mais a pressão sobre os territórios da costa norte do Golfo do México depois da compra da Louisiana, em 1803. Dessa maneira, quando o Congresso estadunidense autoriza o presidente James Monroe a conceder o reconhecimento aos novos países independentes da América Latina, em 1822, os Estados Unidos enviam Joel Robert Poinsett como primeiro embaixador de seu país no México. Seus objetivos eram tratar dos assuntos do momento, mas, principalmente, explorar a possibilidade do México aceitar ceder parte de seu território por meio de venda. Isso expunha o interesse dos Estados Unidos em renegociar seu território, aproveitando que, até então, sua fronteira com o México não estava formalmente delimitada e o Tratado Adams-Onís, assinado entre Estados Unidos e a Espanha em 1819, dava aos estadunidenses uma brecha de interpretação que significava uma oportunidade de expandir seus domínios.⁴

A partir disso, a fronteira do Texas passou a representar um território de tensão entre as duas nações. Marginal no contexto colonial da Nova Espanha, o Texas possuía uma fraca densidade demográfica, com apenas poucos núcleos de população em sua vasta extensão. Em vista disso, a autorização dada pelos tribunais espanhóis para a colonização estrangeira de territórios da Nova Espanha em 1820 permitiu que o Texas

³ STAGG, John Charles Anderson. **Borderlines in Borderlands**. Yale University Press, 2009, p. 200-205; HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. **Historia de las relaciones internacionales de México, 1821-2010** Vol. 1. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2011. p. 61-63.

⁴ Sobre o Tratado Adams-Onís ver GREENE, Meg. **The Transcontinental Treaty, 1819: A Primary Source Examination of the Treaty Between the United States and Spain Over the American West**. The Rosen Publishing Group, Inc, 2005; MAGOC, Chris J.; BERNSTEIN, David (Ed.). **Imperialism and Expansionism in American History: A Social, Political, and Cultural Encyclopedia and Document Collection [4 volumes]: A Social, Political, and Cultural Encyclopedia and Document Collection**. ABC-CLIO, 2015, pp. 291-295; STAGG, John Charles Anderson. *op. cit.* p. 169-209.

passasse por um acentuado processo de migração anglo-americana. Juntamente com as concessões empresariais que davam livre acesso e uso a importantes rios do território por empresas, que em sua maioria eram também dos Estados Unidos, as migrações fizeram com que a autoridade do México sobre a fronteira do Texas ficasse comprometida, tanto na administração de Iturbide quanto depois de sua queda e da instauração da Primeira República Federal, em 1823.

Dentre os vários problemas dessas concessões de colonização, a escravatura representava um ponto bastante delicado entre os colonos e a lei mexicana da época. Proibida no México, a escravidão continuava a ser praticada pelos imigrantes do Texas através da justificativa constitucional estadunidense do direito à propriedade. Isso fez com que o fluxo de escravos persistisse através da prática de contratos pessoais de trabalho entre os colonos imigrantes e seus "funcionários",⁵ mesmo após o decreto de setembro de 1829 em que o presidente Vicente Guerrero emancipava todos os escravos no território nacional mexicano. Tal desconsideração da autoridade mexicana em relação à abolição da escravatura, tema esse caro ao processo de independência da nação, além das práticas que burlavam a lei nacional, muito representam a influência dos Estados Unidos no território do Texas e o quanto essa fronteira estava vulnerabilizada pela atuação continuamente incisiva de colonos e empresas estadunidenses.

Como reação à questão da fronteira do Texas, em 1828 é enviada uma comissão mexicana de fronteira com o objetivo de demarcar o território, medida necessária para a ratificação do Tratado Adams-Onís e para o fortalecimento da soberania do México na região. De fato, já não restavam mais dúvidas de que a vasta presença de colonos estadunidenses punha em risco a integridade territorial do país. Em 1830 o México também passou a supervisionar com mais proximidade a colonização no Texas a partir de atos como a verificação da legalidade dos contratos, a proibição da introdução de novos escravos, o incentivo à colonização com população mexicana, e, mais substancialmente, através da proibição final do estabelecimento de colonos estadunidenses.⁶ Os desdobramentos dessa reação desembocaram em revoltas texanas

⁵ HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. *op. cit.* p. 91-92.

⁶ KELLEY, Sean. "Mexico in his head": Slavery and the Texas-Mexico border, 1810-1860. **Journal of Social History**, v. 37, n. 3, pp. 709-723, 2004, p. 714.

que se acentuaram nos anos seguintes com a Guerra de Independência do Texas, momento cuja atuação dos Estados Unidos foi fundamental para a derrota do México.⁷

Mesmo com o governo do presidente estadunidense Andrew Jackson declarando que não interferiria nas rebeliões e tensões texanas contra o México, os Estados Unidos ofereceram constante apoio aos beligerantes texanos a partir de sua ambiguidade diplomática e das interpretações de suas leis de neutralidade.⁸ Destarte, além de terem mobilizado seu exército para a fronteira, e mesmo para dentro do próprio Texas, também se estabeleceram como uma ativa base logística de recrutamento de voluntários, provisões, embarcações, dinheiro e propaganda feita pela imprensa estadunidense, que agia com incentivos ao voluntariado e endossava com entusiasmo os colonos rebeldes. Comitês de voluntariado foram montados em vários estados dos EUA, principalmente Louisiana, que tinha muito interesse econômico em apoiar a rebelião, uma vez que a maioria das transações mercantis que os colonos estadunidenses no Texas empreendiam para o exterior passava por seus portos.⁹ Consequentemente, o volume de voluntários advindos dos Estados Unidos para combater na região em prol da rebelião foi determinante para a independência do Texas, tendo, inclusive ultrapassado a quantidade de combatentes do próprio exército de operações texano.¹⁰

Tendo em vista os mais variados exemplos de apoio que os Estados Unidos ofereceram aos colonos no Texas durante os conflitos, o ministro das relações exteriores do México, José Maria Ortiz Monasterio, chegou a denunciar a questão diante da Secretaria de Estado dos Estados Unidos em 1835, alegando violação do direito internacional e um estado de vulnerabilidade da seguridade nacional do México. De fato, nominalmente os Estados Unidos se diziam em paz com o país, mas nesse momento promovia a violência armada e a desestabilidade política, violando suas próprias leis de neutralidade. Essa acusação foi negada pelos Estados Unidos, que continuou a declarar-se neutro em relação às revoltas presentes na fronteira do Texas e no início de 1836 chegou a declarar sua não-intervenção, visando uma imagem de imparcialidade.¹¹ Nessa situação, inclusive, os Estados Unidos chegam a admitir que

⁷ BOROVKOV, Anatoly N. Colonización y anexión de Texas. **Iberoamerica**, n. 4, pp. 32-47, 2017, p. 39.

⁸ CASTRO MARTÍNEZ, Pedro Fernando. Andrew Jackson y la causa texana. **Secuencia**, n. 20, pp. 55-78, 1991, p. 63-34

⁹ HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. *op. cit.* p. 95.

¹⁰ TUCKER, Phillip T. Motivations of United States Volunteers during the Texas Revolution, 1835-1836. **East Texas Historical Journal**, v. 29, n. 1, pp. 25-34, 1991, p. 25.

¹¹ HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. *op. cit.* p. 98.

houve sim apoio aos rebeldes do Texas, mas que nada tinha a ver com o Estado estadunidense, uma vez que esse incentivo advinha de iniciativas privadas. No entanto, independentemente de qualquer justificativa sobre o apoio à independência do Texas, as relações entre México e Estados Unidos ficaram bem danificadas a partir de então.

Era evidente a face expansionista dos Estados Unidos nesse processo, já que é possível notar o estímulo não apenas do presidente Andrew Jackson, mas também da opinião pública do país. Nesse momento, o crescimento dessa ideologia precedia e alicerçava a criação do termo "Destino Manifesto", cunhado por John L. Sullivan em 1845, que sintetizava as aspirações dos Estados Unidos em dominar toda a América do Norte e exercer influência em todo o continente.¹²

Contudo, a anexação do Texas ao território estadunidense não ocorreu de imediato. Tanto a oposição dos estados antiescravistas do norte dos Estados Unidos, com o argumento de que a anexação beneficiaria os estados escravistas do sul do país, quanto a crise econômica de 1837, que desfocou esse tema nos círculos políticos, adiaram por alguns anos a adição do Texas ao território estadunidense. Além disso, diante da situação, uma anexação imediata poderia significar o assentimento das acusações do governo mexicano sobre a intervenção do país na guerra de independência do Texas, e portanto um total rompimento com o México.

A República do Texas seguiu independente até meados de 1845, sendo uma experiência carente de tradições políticas próprias. Nesse sentido, isso com certeza a diferenciava de outras novas nações americanas que tinham uma trajetória colonial e um espírito nacionalista particular que lhes dava identidade e orgulho comum para galgar alguma presença no cenário internacional. Além disso, apresentava sérios problemas econômicos, já que dependia do monocultivo do algodão e havia herdado uma boa dívida pública durante a guerra contra o México. Quando finalmente a questão sobre a anexação do Texas volta com mais força aos círculos políticos estadunidenses, ela motiva a suspensão das relações diplomáticas dos Estados Unidos com o México em 1844.¹³

¹² Sobre Destino Manifesto ver MERK, Frederick; MERK, Lois Bannister. **Manifest destiny and mission in American history: A reinterpretation**. Harvard University Press, 1995; OCAMPO, Emilio. **De la Doctrina Monroe al destino manifiesto: Alvear en Estados Unidos, 1835-1852**. Claridad, 2009; ISENBERG, Andrew C.; RICHARDS JR, Thomas. *Alternative wests: Rethinking manifest destiny*. **Pacific Historical Review**, v. 86, n. 1, p. 4-17, 2017.

¹³ HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. *op. cit.* p. 113.

Essa era exatamente a época de efervescência do Destino Manifesto; a campanha para a eleição de James K. Polk no mesmo ano havia feito grande uso do discurso expansionista, aproveitando que tanto a mentalidade da classe política quanto a mentalidade popular já estavam permeadas por essa ideologia. Assim, a anexação do Texas já não bastava, visto que também havia grande interesse dos Estados Unidos em ter vasto acesso ao oceano Pacífico, focando principalmente os mercados orientais da Ásia, o que incluía a aquisição da Alta Califórnia em seu radar de interesses.

A campanha eleitoral e o mandato de James K. Polk tiveram o tema do expansionismo como um de seus principais pilares, o que ficou notório a partir de seu slogan *Fifty-Four-Forty or Fight*, uma referência aos planos de aquisição do território até 54°40' de latitude norte na costa oeste do continente.¹⁴ Por isso mesmo os primeiros momentos do governo já foram marcados pela aquisição de três quintos do território do Oregon, negociados com a Inglaterra na fronteira do paralelo 49° e por novas reivindicações territoriais em relação ao Rio Grande, em que se pretendia ampliar a região da fronteira desde a sua foz até o paralelo 42° de latitude norte, aumentando o território do Texas e somando a região do Novo México e da Alta Califórnia mais acima. Logo a política expansionista de Polk resultaria na Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), já que as respostas negativas do México, ainda afrontado pela recente anexação do Texas, em ceder a venda desses territórios fez os EUA ter iniciativas beligerantes, como o envio da sua Marinha de Guerra à costa oeste mexicana.¹⁵

Ao declarar guerra ao México em 1846, Polk anulou as já irregulares relações diplomáticas mantidas pelos dois países e enviou tropas para tomar o Novo México e seguir em direção à Alta Califórnia, cujo litoral já estava bloqueado pela Marinha dos Estados Unidos. As investidas militares não pararam por aí: o exército estadunidense avançou por território mexicano para bombardear e conquistar Veracruz, o que foi

¹⁴ GROSSMAN, Herschel I. Choosing between peace and war. *Annals of Economics and Finance*, v. 14, n. 2 (B), p. 747-765, 2013, p. 750.

¹⁵ Sobre a Guerra Mexicano-Americana de 1846 ver FOOS, Paul. **A short, offhand, killing affair: soldiers and social conflict during the Mexican-American War**. Univ of North Carolina Press, 2002; EISENHOWER, John SD; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. **Tan lejos de Dios: la guerra de los Estados Unidos contra México, 1846-1848**. Fondo de Cultura Económica, 2000; GUARDINO, Peter. **La marcha fúnebre: una historia de la guerra entre México y Estados Unidos**. Grano de Sal, 2018.

seguido por tentativas falhas de negociação para a cessão de territórios, além de mais conflitos que levaram as tropas dos Estados Unidos até à Cidade do México.¹⁶

Era um momento muito delicado para o México, visto que a tomada de territórios e a chegada das tropas invasoras em sua capital colocava o país em total vulnerabilidade em relação às forças estadunidenses. Contudo, mesmo que os próximos passos dessa hostilidade tenham sido a interrupção do conflito e a retomada das negociações para a assinatura de um tratado de paz e fronteiras, assinado em 1848, firmou-se a cessão dos territórios reivindicados pelos Estados Unidos e tomados durante a guerra.

Assim foi definida a fronteira entre os dois países pelo curso do Rio Grande até Ciudad Juárez, que seguiria a oeste pelo deserto até o encontro dos rios Gila e Colorado, seguindo por terra em direção ao Oceano Pacífico e formando uma linha de fronteira relativamente próximo ao limite entre a Baixa Califórnia e a Alta Califórnia. Segundo Guardino:

El Tratado de Paz, Amistad, Límites y Arreglo Definitivo entre los Estados Unidos Mexicanos y los Estados Unidos de América se conoce como Tratado de Guadalupe Hidalgo por el suburbio de la ciudad de México donde se firmó el 2 de febrero de 1848, por lo que, irónicamente, se combinó el nombre de la patrona religiosa de México y el apellido del hombre que dio inicio a la guerra de Independencia. En el tratado se reconoció oficialmente la posesión estadounidense de Texas, al igual que la frontera del río Bravo. Estados Unidos recibió también todos los territorios que actualmente forman los estados de California, Arizona, Nevada, Utah y Nuevo México, así como partes de Colorado, Wyoming y Oklahoma; en compensación, Estados Unidos pagó a México 15 millones de dólares y acordó pagar las reclamaciones de los ciudadanos estadounidenses por las propiedades dañadas durante los conflictos internos de México. Esas disposiciones, especialmente la transferencia de territorios, son las que los estadounidenses y los mexicanos más informados recuerdan sobre el tratado, el cual, en general, es considerado como el hito del expansionismo de Estados Unidos y la prueba de la fortaleza de los deseos expansionistas personificados sobre todo por el presidente James K. Polk.¹⁷

¹⁶ PECQUET, Gary M.; THIES, Clifford F. Texas treasury notes and the Mexican-American War: market responses to diplomatic and battlefield events. *Eastern Economic Journal*, v. 36, n. 1, p. 88-106, 2010, p. 97-98.

¹⁷ GUARDINO, Peter. *op. cit.* p. 380-381.

A magnitude dessa desapropriação simbolizou uma perda territorial drástica para o México e tinha um sabor ainda mais amargo, uma vez que a quantia de 15 milhões de dólares oferecida pelos Estados Unidos não tinha propósito de compra, mas sim de indenização sobre a dívida nacional proporcional aos territórios perdidos.¹⁸ Com efeito, em função da soma de territórios, o Tratado de Guadalupe Hidalgo expandiu excepcionalmente os horizontes comerciais dos Estados Unidos, que, ao atingir proporções transcontinentais, pôde projetar suas capacidades para o oceano Pacífico, permitindo uma conexão mais ativa com os mercados do Oriente. É dessa maneira que os estadunidenses alcançam os portos chineses e debuta a relação pós-industrial do ocidente com o Japão,¹⁹ por exemplo.

Além disso, a partir dos ganhos da guerra contra o México, a ambição de controlar a zona tropical imediata do sul do continente americano acabou ficando mais executável para o Destino Manifesto estadunidense. Dentro desses esforços, podemos destacar a ação de estados do sul dos Estados Unidos que desejavam aumentar o território, a tentativa de compra da ilha de Cuba em 1848, o projeto de obter a autorização de uma rota de comunicação através do istmo do Panamá e sua intervenção em 1885,²⁰ e inúmeros episódios de incursões *filibusteras*, ou seja, incursões militares privadas com o objetivo de anexar regiões mexicanas e também outros territórios da América Central aos Estados Unidos.²¹

¹⁸ HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. *op. cit.* p. 122.

¹⁹ As relações diplomáticas entre Estados Unidos e Japão têm início em 1854 com o Tratado de Kanagawa, fruto da expedição naval de "abertura" do Oceano Pacífico do Comodoro Perry, e marcam o fim da política de isolamento de mais de duzentos anos do Japão. Ver: Hones, S., & Endo, Y. (2006). History, distance and text: narratives of the 1853–1854 Perry expedition to Japan. **Journal of Historical Geography**, 32(3), 563–578.

²⁰ Nesse período, o território do Panamá pertencia aos Estados Unidos da Colômbia. A intervenção estadunidense no Panamá em 1885 se deu a partir da insurreição de Rafael Aizpurú e tinha objetivo de proteger cidadãos estadunidenses e seus interesses nesse território. O Tratado Mallarino Bidlack (1846) deu direito de trânsito pelo istmo do Panamá para os Estados Unidos, o que possibilitou uma importante rota de passagem entre as costas do país. Ver WICKS, Daniel H. Dress Rehearsal: United States Intervention on The Isthmus of Panama, 1885. **Pacific Historical Review** 1 November 1980; 49 (4): 581-605.

²¹ Sobre o termo *filibusteros*: "*Filibustering was an endeavor that had little to do with today's meaning of the word. Rather, it connoted private military expeditions against countries at peace with the United States. The term gained currency in the 1850s, when several thousands of U.S. citizens and recent immigrants joined irregular assaults not only on Nicaragua, but also against Mexico, Honduras, Ecuador, and the Spanish colony of Cuba. In 1850 and then again in 1851, for example, hundreds of Americans participated in native Venezuelan Narciso López's landings on Cuba's northern coast. So many similar attacks occurred that people living elsewhere, even in the distant Hawaiian kingdom, feared that they would be the Americans' next victims.*" MAY, Robert E. Reconsidering antebellum US women's history: Gender, filibustering, and America's quest for empire. **American Quarterly** 57, no. 4, 2005. p.1155. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40068333>. Acesso em: 18 set. 2021.

Em relação aos atos de *filibusteros*, um episódio que se destaca é a expedição da polêmica figura de William Walker²² à Nicarágua em 1856, cujo sucesso teve apoio de setores empresariais e particulares dos Estados Unidos e pode ser entendida como um modelo dessas ações imperialistas de meados do século XIX. Walker combina, além do propósito deliberado da conquista de territórios, o racismo contemporâneo da época e a ideologia do Destino Manifesto tão incrustada no cidadão estadunidense. Segundo Robert E. May:

Diversos veteranos estadunidenses da Guerra do México contraíram um espírito filibustero. Logo, eles e jovens americanos com ideias semelhantes e imigrantes recentes estariam invadindo terras em toda a região do Golfo-Caribe e intimidando povos tão distantes quanto o Havaí. Sintomático do que estava por vir, os planos abortados e a intervenção de Yucatán em 1848 anunciaram a vindoura epidemia de filibusteros na América.²³

Dessa forma, fica evidente que as manifestações expansionistas dos Estados Unidos continuaram fortes após a assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo e, contando com apoio popular, empresarial e governamental, seguiram representando riscos à soberania territorial do México e outros países próximos.

O avanço de *filibusteros* pelo território mexicano não foi a única tática de apropriação territorial exercida pelos Estados Unidos no século XIX. A própria interpretação geográfica da fronteira foi um estímulo para contrariar a delimitação territorial acordada entre os dois países no tratado de 1848. Um bom exemplo disso é a renegociação dos limites de fronteira entre os anos de 1853 e 1854 e a compra do território do Vale da Mesilla, a norte de Ciudad Juárez.

²² A figura de William Walker pode ser entendida como polêmica tendo em vista as disputas e debates historiográficos que o rodeiam, o que exalta uma caracterização simbólica e metafórica desse personagem que transcende sua individualidade enquanto um *filibustero* estadunidense do século XIX. Segundo Christopher Heaney, "*William Walker is rarely just William Walker. [...] William Walker is a shibboleth by which historians initiate discussions on varying flavors of resistance and empire.*" HEANEY, C. Compared to What? William Walker and Radical Republicanism in the 19th-Century Americas. **Reviews in American History** 47, no. 3, 2019. p. 371.

²³ "*Numbers of American veterans of the Mexican War had contracted a filibustering spirit. Soon they and like-minded young Americans and recent immigrants would be invading lands throughout the Gulf-Caribbean region, and intimidating peoples as far away as Hawaii. Symptomatic of things to come, the aborted plots and Yucatán intervention of 1848 heralded America's coming filibustering epidemic.*" MAY, Robert E. **Manifest Destiny's Underworld: Filibustering in Antebellum America**. Univ of North Carolina Press, 2002. p. 17-18.

As divergências quanto ao pertencimento desse território estavam postas desde o término da guerra e da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, uma vez que as medições descritas no documento traziam alguns erros técnicos. Segundo Zorrilla:

(...) Al no hacerse las mediciones en campo sino en el papel, éstas no correspondían a la realidad. El ejemplo más notorio es el de la ubicación de Paso del Norte, porque de ninguna manera coincidía con las coordenadas que se le daban en los tratados.

Se descubrió que el mapa con las mediciones hechas por el norteamericano Disturnel contenía errores, ya que Paso del Norte aparecía en el mapa en el paralelo 32°15', cuando en realidad la ubicación correcta era 34° 45', ante lo cual se tuvieron que hacer renegociaciones y México siguió perdiendo territorio.²⁴

Novas negociações diplomáticas referentes à cessão de mais territórios deixavam expostas as vulnerabilidades do México, seriamente abalado pelos efeitos da Guerra Mexicano-Americana, frente ao projeto expansionista vitorioso dos Estados Unidos, e podiam trazer o reinício dos conflitos entre os dois países. Ainda assim, com o pretexto de que o território do vale de Mesilla fazia parte dos Estados Unidos, um local geograficamente estratégico para a construção de uma ferrovia transcontinental e rico em minas, a região foi invadida pelo governador do Novo México, William C. Lane, primeiramente em 1851, e depois em 1853, gerando uma série de protestos em todo o México.²⁵

Tal investida deixava evidente a continuidade de uma pretensão expansionista, que era expressada a partir de constantes projetos de expugnação territorial, tanto de particulares, a exemplo dos *filibusteros*, quanto das próprias forças governamentais. Além disso, tendo recém-saído de uma guerra, o México atravessava uma séria crise econômica que dificultava sua regeneração, o que o mantinha ainda mais vulnerável aos conflitos internos do país. Afora as incursões de povos comanches e apaches no norte, havia uma conjuntura política de grande tensão entre o governo conservador de Antônio López de Santa Anna e uma oposição cada vez mais organizada, com a união de líderes locais e o grupo de liberais.²⁶

²⁴ GARCÍA MATA, Víctor. **Los conflictos entre México y Estados Unidos en el siglo XIX, las pérdidas territoriales, el caso La Mesilla y los litigios entre ambas naciones**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2009. p. 20.

²⁵ DEL CASTILLO, Richard Griswold. **The Treaty of Guadalupe Hidalgo: A Legacy of Conflict**. University of Oklahoma Press, 1992, p. 57.

²⁶ KNIGHT, Alan. El liberalismo mexicano desde la Reforma hasta la Revolución (una interpretación). **Historia mexicana**, p. 59-91, 1985. p. 69.

Esse cenário expressa que não restavam muitas alternativas ao governo de Santa Anna senão negociar um contrato de compra e venda com os EUA. Segundo Avila Marcué:

*Para presionar al gobierno mexicano, Estados Unidos patrocinó descaradamente a grupos de filibusteros para que invadieran La Mesilla; además, ordenó a Gadsden que le informara al gobierno de Santa Anna que, de no entregarse de buena gana el territorio solicitado, el pueblo norteamericano lo tomaría por la fuerza.*²⁷

Gadsden, citado acima, corresponde ao diplomata e ministro plenipotenciário James Gadsden, enviado pelos Estados Unidos para gerenciar a negociação. Também empresário do ramo ferroviário, era fortemente motivado pelo projeto de construção da ferrovia transcontinental que comunicaria as duas costas litorâneas dos Estados Unidos. Para se concretizar, o projeto demandava a inclusão da Mesilla ao trecho entre Chihuahua e Sonora, viabilizando a passagem entre El Paso e San Diego.

A venda do território de Mesilla se concretizou com o Tratado de Mesilla em 30 de dezembro de 1853, por 10 milhões de dólares, e foi o ponto determinante para o crescimento e sucesso da revolução liberal de 1855 e a retirada de Santa Anna do poder. Contudo, esse tratado trazia outras importantes vantagens para os Estados Unidos, como a concessão para navegação no rio Colorado, o Golfo da Califórnia e, principalmente, a livre passagem pelo Istmo de Tehuantepec.²⁸

A discussão sobre o direito de trânsito pelo istmo de Tehuantepec, com o interesse de comunicar os oceanos Pacífico e Atlântico, precede tanto o Tratado de Mesilla quanto o Tratado de Guadalupe Hidalgo e a própria Guerra Mexicano-Americana (1846-1848).²⁹ De acordo com Herrera León:

*Apenas restablecidas las relaciones diplomáticas con Estados Unidos, Tehuantepec volvía a ser tema de discordia. Visto como un paso interoceánico, Tehuantepec puede remontarnos a las expediciones de Cortés. Su historia, en este sentido, cuenta con varios capítulos, siendo los más oscuros los que corresponden a la segunda mitad del siglo XIX.*³⁰

²⁷ AVILA MARCUÉ, Felipe. **Santa Anna y la venta de la Mesilla**. Ciencia UANL. 2013 16 (64). pp. 15-19.

²⁸ VÁZQUEZ, Josefina Zoraida Vázquez e MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos. Un ensayo histórico, 1776-2000**. 4a ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. p. 79.

²⁹ RAJCHENBERG, Enrique, e HÉAU-LAMBERT, Catherine. En la antesala del Plan Puebla-Panamá: Tehuantepec en el siglo XIX. **Revista Chiapas**, 14, 2002.

³⁰ HERRERA LEÓN, Fabián. Ensayo episódico de la vida internacional de México de 1848 a 1876. **Boletín del Archivo General de la Nación**, núm. 16 (mayo-agosto 2018), p. 71.

Em 1842, o governo de Santa Anna havia concedido ao empresário José de Garay o amplo direito de passagem pelo istmo de Tehuantepec para a construção de uma ferrovia transoceânica. Com a Guerra entre México e Estados Unidos e com a Revolução Federalista, o governo mexicano considerou essa concessão nula em 1845. Contudo, sem a ciência do governo mexicano, a partir de 1846 Garay vendeu esse direito aos empresários britânicos Manning Mackintosh & Schneider, que transferiram a concessão à empresa estadunidense Hargous Brothers em 1848, que por sua vez vendeu o direito aos empresários fundadores da The Tehuantepec Railroad Company of New Orleans.

Mesmo o governo mexicano ratificando em 1851 que a concessão havia caducado em 1845, os trâmites relativos ao istmo de Tehuantepec continuavam de forma ilegal e a diplomacia estadunidense continuou a pressionar o México para a ratificação da concessão da Garay em 1842, enquanto que o setor empresarial seguia com o trabalho de exploração da região.³¹ Quando James Gadsden foi enviado ao México em 1853, as negociações sobre o direito ao istmo de Tehuantepec foram retomadas e o livre trânsito pela região foi garantido através do Tratado de Mesilla. Contudo, a tensão político-diplomática em torno do istmo continuou por toda a década de 1850 até o governo dos Estados Unidos garantir o direito perpétuo de trânsito a partir do Tratado de McLane Ocampo em 1859.³²

Em geral, a política exterior dos Estados Unidos sobre o México durante a década de 1850 se baseou em especulações e em ofertas de acordos comerciais e empréstimos que poderiam comprometer a capacidade de crédito do México, a fim de fazer com que o país cedesse ainda mais territórios para arcar com dívidas e demais compromissos. Tal cenário pode ser compreendido a partir das movimentações do Secretário de Estado dos Estados Unidos, John Forsyth, que durante a administração do presidente James Buchanan foi responsável por várias propostas de contratos de compra e venda de territórios, como a Baixa Califórnia, Sonora e parte do norte de Chihuahua, além de continuar negociações acerca do istmo de Tehuantepec. De acordo com Burnett:

³¹ BASANTE, Marcela Terrazas. Relación mexicano-norteamericana durante la dictadura santanista. Empresarios y especuladores en el tratado de la mesilla. In: Celis, Leticia Mayer, Luis Jáuregui, and José Antonio Serrano Ortega. **Historia y nación: Política y diplomacia en el siglo XIX mexicano**. Vol. 2. Estudios Historicos, 1998. p. 425.

³² Sobre o Tratado McLane-Ocampo ver GALEANA, Patricia. **El Tratado McLane-Ocampo: la comunicación interoceánica y el libre comercio**. UNAM, 2006.

Recentes eventos históricos como a compra de Gadsden convenceram Buchanan que os líderes do México [...] poderiam ser eventualmente forçados a se desfazer dessas posses. Buchanan tentou convencer Forsyth do potencial impacto dessas negociações, alegando que, se ele tivesse sucesso, "isso trará grandes e duradouros benefícios para seu país e dará a seu nome o direito de ser escrito na lista de seus mais ilustres diplomatas".³³

Logo, a diplomacia estadunidense aproveitou as instabilidades políticas e financeiras do México durante a Reforma Liberal e, conseqüentemente, durante a Guerra da Reforma (1858-1861). Alinhados aos liberais mexicanos, os Estados Unidos ofereceram apoio militar e reconhecimento político ao governo republicano de Benito Juárez. Enquanto isso, as forças conservadoras/monarquistas mexicanas, apoiadas por Estados europeus, usavam a presença protecionista estadunidense para incentivar a presença e intervenção de uma potência estrangeira no país.

Quando o México foi ocupado por tropas de seus principais credores, Inglaterra, Espanha e França, como resposta à moratória sobre os pagamentos de dívidas externas em 1861, os Estados Unidos eram atravessados pelos conflitos internos entre entidades abolicionistas do norte e estados escravistas do sul. Nesse sentido, a vitória dos republicanos na eleição de 1860 havia sido o ponto determinante para o futuro das relações diplomáticas com o México, uma vez que o projeto de país de Abraham Lincoln era deveras diferente da administração antecessora. Contudo, a recusa ao convite feito aos EUA pelas nações europeias para participar da ocupação do México em 1861 para pressionar o país devedor não deve ser vista como uma posição espontaneamente conivente com a soberania mexicana, mas sim por uma expressão da manutenção do sistema republicano nas Américas, e também por uma defesa da Doutrina Monroe.³⁴

A partir dos acordos financeiros do México com seus credores via Tratado de La Soledad (1862), Espanha e Inglaterra se retiraram do país. As tropas francesas,

³³ "Recent historical events such as the Gadsden Purchase convinced Buchanan that the Mexican leadership—public professions to the contrary notwithstanding—would eventually be forced to dispose of these remote holdings. Buchanan tried to convince Forsyth of the potential impact of these negotiations, claiming that, if he succeeded, "This will be productive of great and enduring benefits to your country and entitle your name to be enrolled in the list of her most distinguished Diplomats". BURNETT, Lonnie A. **The Pen Makes a Good Sword: John Forsyth of the Mobile Register**. University of Alabama Press, 2006, p. 83.

³⁴ ROCHA, Miguel de Oliveira Estanqueiro. Estados Unidos e Europa: entre parceria e isolacionismo. In: VALENTE, Isabel Maria Freitas; DE OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Visões Interdisciplinares sobre a Europa e o Mundo. Uma experiência de convergência disciplinar em homenagem a Maria Manuela Tavares Ribeiro**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2019, p. 101. Disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1849-4_6. Acesso em: 19 de fev. 2022.

entretanto, permaneceram e seguiram com o projeto de formação de um império em território americano. Aproveitando a conjuntura geopolítica desse momento, que envolvia principalmente a Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865), o horizonte foi propício para a tomada de poder. Conforme Valone, "o Imperador Napoleão III da França usou a distração da Guerra Civil nos Estados Unidos para violar a Doutrina Monroe e estabelecer o regime do austríaco Ferdinando Maximiliano".³⁵ Dessa forma, as relações diplomáticas entre Estados Unidos e México durante o Segundo Império Mexicano também continuaram a ser tocadas a partir do conflito entre os estados da União e os estados Confederados.

Mesmo que inicialmente nesse momento a dinâmica diplomática tenha se expressado por uma ideia de neutralidade entre as partes, o Império Mexicano estava alinhado aos Confederados. Isso implicou, por exemplo, no uso do Rio Grande como rota de saída da produção de algodão dos estados Confederados quando seus portos foram bloqueados pela União e no abrigo que alguns de seus oficiais encontram no México desde sua derrota em 1865. Rejeitando incisivamente o Império Mexicano ao final na Guerra Civil, os Estados Unidos passaram a pressionar a França para a retirada de suas tropas no México e apoiaram com o suprimento de armamentos a contraofensiva das forças republicanas juaristas no norte do México.³⁶

Com a derrubada de Maximiliano I e a retirada das tropas francesas até 1867, o fim do Segundo Império Mexicano se concretizou e o México pôde caminhar para a restauração da república. Embora o cenário tivesse sofrido mudanças consistentes, tanto com o fim da Guerra de Secessão nos Estados Unidos quanto com a vitória republicana no México, as tensões fronteiriças não deixaram de compor a agenda diplomática entre os dois países. É importante pontuar que, a partir da grande e acelerada evolução econômica que os Estados Unidos passou depois da Guerra Civil, o país fortaleceu seu discurso de hegemonia continental, o que foi endossado por ter exercido papel fundamental na retirada de forças europeias do continente, e mais especificamente no México.

Seguindo o curso da expansão de seus mercados comerciais, os Estados Unidos continuaram a promover uma relação de dependência com o sul do continente. A

³⁵ VALONE, S. J. "Weakness Offers Temptation": William H. Seward and the Reassertion of the Monroe Doctrine. **Diplomatic History**, vol. 19, n. 4, 1995. p. 583.

³⁶ VÁZQUEZ, Josefina Zoraida; MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos. Un ensayo histórico, 1776-2000**. 4a ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 87-88.

exemplo disso, podemos citar o processo de reconhecimento formal do governo de Porfírio Díaz, que, de 1876 a 1878, se arrastou entre as administrações dos presidentes estadunidenses Ulysses Grant e Rutherford B. Hayes devido às negociações no tocante aos problemas da fronteira comum entre os dois países.³⁷ Embora o que motivasse essas negociações de condicionamento dos Estados Unidos ao governo de Díaz tivesse como foco questões territoriais já conhecidas, tais como as incursões de povos indígenas e bandos de foragidos nos dois lados da fronteira, as problemáticas da fronteira comum neste momento pareciam ter se expandido em função da opinião pública dos Estados Unidos.³⁸

Além disso, somado a esses conflitos recentes do território, a fronteira acolhia grandes integrações comerciais e uma expressiva movimentação de forças militares. O fluxo comercial no Rio Grande, rota de integração imprescindível na segunda metade do século XIX, ilustra essa questão. Segundo Cerutti e González Quiroga:

*Las luchas civiles e internacionales en México y la guerra de secesión estadounidense pusieron claramente en evidencia la importancia económica del Bravo, luego de haberse transformado en límite fronterizo. Esta ocasión fue la primera en que se demostró dicha importancia, al convertirse el río en una puerta norte o sur, según el caso, para vincular-se con vivacidad al mercado mundial. Pero también, a partir de esta experiencia, el Bravo se situaría en medio de un espacio económico de carácter binacional que parece haber adquirido una singular importancia en ambos lados del río.*³⁹

Nesse sentido, o tratamento dos Estados Unidos acerca dos problemas da fronteira com o México para o demorado reconhecimento do governo de Porfírio Díaz era atravessado por uma gama de interpretações trançadas entre a opinião pública e interesses econômicos. Tendo significado algum risco para a primeira administração de Díaz, a espera pelo reconhecimento do país vizinho não deixou de influenciar o discurso de afirmação de boa governabilidade da "paz porfiriana", ferramenta essencial em seus primeiros anos de gestão.

Com o tempo, o grau de importância dado aos problemas de fronteira foi diluído e o cenário de confronto diplomático entre os dois países não tardou a modificar-se. Ambos passaram a se dedicar a agendas econômicas que combinavam a necessidade

³⁷ HERRERA; SANTA CRUZ, *op. cit.*, p. 161-166.

³⁸ LAJOUS, Roberta. **La política exterior del porfiriato (1876-1911)**. México, D.F.: El Colegio de México, 2010. p. 43-53.

³⁹ CERUTTI, Mario; GONZÁLEZ QUIROGA, Miguel. Guerra Y Comercio En Torno Al Río Bravo (1855-1867). Línea Fronteriza, Espacio Económico Común. **Historia Mexicana**, vol. 40, no. 2, 1990, p. 251.

dos Estados Unidos em ampliar seus mercados, adquirir matéria-prima e mão de obra barata para seus interesses industriais, e o foco do México em empenhar um projeto de modernização, o desenvolvimento econômico e progresso nacional. De acordo com Vázquez e Meyer:

Al principio del periodo, las relaciones estuvieron dominadas por los problemas fronterizos. Poco a poco, el comercio y las inversiones entraron en escena y las necesidades económicas de los dos países parecieron complementarse. México necesitaba capitales para explotar sus recursos y construir líneas férreas y Estados Unidos, que empezaba a generarlos, quería invertirlos. La industrialización norteamericana necesitaba mercados y materias primas, y su vecino del Sur, herramientas, locomotoras, motores, etc. La cercanía y las líneas férreas harían que muchos artículos europeos fueran sustituidos por norteamericanos. Esta "complementación" permitió que las relaciones difíciles hasta la década de los ochenta, gracias a la estabilidad política y al liberalismo económico que lo fundamentaba, dieran paso a una colaboración expresada en el permiso recíproco para que las tropas de uno y otro país cruzaran la frontera para perseguir bandidos o incursiones de indios belicosos. La nueva relación tuvo altibajos, pero no se deterioraría sino hasta el final del Porfiriato.⁴⁰

No entanto, as mudanças observadas na agenda diplomática entre México e Estados Unidos a partir do primeiro governo de Porfírio Díaz podem ser interpretadas como a transformação da própria prática expansionista estadunidense, que deixava um pouco de lado sua fixação por incorporação territorial para focar em integração econômica. Isso, embora soe como uma postura mais pacífica, não deixava de expressar uma penetração diretamente atrelada aos seus interesses imperialistas.

A abertura do México para o investimento de capital estadunidense foi responsável pelo crescimento dos setores ferroviário, de mineração e agrícola, o que permitiu ao país tanto um progresso econômico e social, quanto um alcance de inserção e crédito internacional. Contudo, como contrapartida é evidente a onda de uma política de "americanização" da economia mexicana⁴¹ através do exponencial aumento das importações de bens de produção dos Estados Unidos, como maquinário e ferramentas em geral, necessários para a consumação de toda essa indústria.

Segundo Sandra Kuntz Ficker, só as importações de material para a construção e estabelecimento de ferrovias, que representavam US\$ 250.000 em 1877, chegaram à

⁴⁰ VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos. Un ensayo histórico, 1776-2000.** 4a ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. p. 92.

⁴¹ FICKER, Sandra Kuntz. Las oleadas de americanización en el comercio exterior de México, 1870-1948. **Secuencia**, n. 57, p. 159-182, 2003.

marca de US\$ 2.000.000 em 1880 e representaram mais de 20% das importações advindas dos Estados Unidos neste ano.⁴² Tal dado não somente exemplifica o aumento das importações de produtos estadunidenses, como também manifesta o desenvolvimento de uma lógica de "dependência"⁴³ do México em relação aos Estados Unidos, já que o fortalecimento de seus laços econômicos implicava uma subordinação da política mexicana ao capital estadunidense e seus objetivos expansionistas de controlar o mercado continental.

A nova agenda diplomática focada em relações econômicas dava tom aos meandros da chamada "diplomacia do dólar", símbolo dessa presença mais apurada do imperialismo estadunidense, promovida pelo Secretário de Estado Philander Chase Knox durante a administração dos presidentes Theodore Roosevelt e, principalmente, William Howard Taft.⁴⁴ Sabe-se, entretanto, que o presidente Porfírio Diaz e o embaixador do México nos Estados Unidos, Matias Romero, empenharam-se consistentemente em atrair investimento estadunidense com objetivo de fazer com que o capital, tecnologias e os mercados do país vizinho contribuíssem para melhorar a economia mexicana e modernizar o país sem ferir sua soberania. A partir da combinação desses fatores, cresceu nos Estados Unidos uma forte campanha de divulgação acerca dos benefícios de se investir no México, ressaltando, entre outras coisas, as riquezas naturais, o clima tropical, a proximidade geográfica, a disponibilidade de mão de obra barata, a estabilidade política mexicana e o incentivo de Washington como boas prerrogativas para aplicação desse capital. Segundo Lomnitz:

...vieram amplas campanhas publicitárias nos EUA a favor do México. Elas geralmente envolviam remodelação da história deste país e das relações com aquele. Da parte dos EUA, essas campanhas foram orquestradas, no início, pelo diplomata mexicano Matías Romero que, junto com grandes investidores de Nova York, Philadelphia e outras cidades, ofereceu incontáveis banquetes que serviram como ocasiões propícias à publicização da nova imagem mexicana e à realização de negócios.⁴⁵

⁴² *Ibidem*, p. 165.

⁴³ LOMNITZ, Claudio. Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da "dependência" no México porfiriano tardio. *Mana*, v. 15, p. 91-125, 2009.

⁴⁴ ROSENBERG, Emily S., Revisiting Dollar Diplomacy: Narratives of Money and Manliness, *Diplomatic History*, V. 22, Issue 2, p. 155-176, 1998; HOLLENBECK, Rachel. Lending a Helping Hand: Dollar Diplomacy in Latin America. *University of Nebraska at Kearney Undergraduate Research Journal*, v. 24, n. 1, p. 25-40, 2020.

⁴⁵ LOMNITZ, Claudio. Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da "dependência" no México porfiriano tardio. *Mana*, v. 15, p. 91-125, 2009. p. 95.

É importante salientar que o esforço propagandista de Porfirio Díaz e de sua elite governante em trazer investimentos internacionais ao México, principalmente dos Estados Unidos, é atravessado pelo projeto de modernização do país, cujo principal combustível era sua própria crença na "ordem e progresso" que a "*pax porfiriana*" possibilitaria. A afirmação de uma estabilidade política traria tanto harmonia social quanto desenvolvimento econômico para o país; contudo, imerso em problemas estruturais de classe e fortes desigualdades entre o desenvolvimento das regiões do país, o México teve dificuldades para absorver uma série de investimentos conforme pretendiam as otimistas vantagens disseminadas pelo governo de Díaz.⁴⁶ Assim sendo, além de depender de investimentos de fora do país, o modelo econômico vigente também acabava por concentrar seus ganhos em uma parcela limitada da população mexicana, deixando muitos à margem dos benefícios do progresso e do desenvolvimento econômico e social, ressaltando uma forte disparidade entre as regiões e setores da economia.

O progresso econômico não se mostrava tão eficiente, ao passo que, apesar do crescimento industrial em diversos setores e do ingresso de capital estrangeiro no país, não houve nesse período uma consistente melhoria das condições de vida da maior parte da população mexicana, que vivia muitas vezes em situação de extrema pobreza e exploração nas mãos dos setores industriais e latifundiários do país. Em crise política na transição do século XIX para o XX, o Porfiriato experimentou sua decadência. De acordo com Katz:

*El gran flujo de inversiones extranjeras después de 1900 había hecho al país más y más dependiente de las naciones industriales avanzadas; la adopción del patrón oro por México en 1905 había frenado el crecimiento económico, y la crisis cíclica que ocurrió en los Estados Unidos durante 1907-1908 tuvo un efecto devastador sobre México en general y sobre los estados nortenos en particular.*⁴⁷

As falhas estruturais de um modelo econômico tão dependente do capital exterior e a concentração da riqueza do país na elite dificultaram uma possível estabilidade do mercado, o que afetou de forma consistente tanto a classe trabalhadora quanto a classe média mexicana. Esse quadro ficou muito evidente com a depressão financeira de 1907-1908 nos Estados Unidos, que provocou a redução das exportações e

⁴⁶ SCHELL, William. American investment in tropical Mexico: Rubber plantations, fraud, and dollar diplomacy, 1897–1913. **Business History Review**, v. 64, n. 2, p. 217-254, 1990.

⁴⁷ KATZ, Friedrich. **La guerra secreta en México**. Ediciones Era, 2013, p. 50.

o encarecimento da importação de vários produtos necessários à produção industrial e manufatureira do país:

A depressão dos Estados Unidos de 1907-8 negou ao México suas duas principais fontes de capital: lucros com a venda de matérias-primas e o influxo de investimentos estrangeiros. O fim da economia de exportação restringiu o mercado para o setor manufatureiro, enquanto a redução do investimento reduziu o acesso ao capital, impedindo ainda mais o crescimento econômico.⁴⁸

Com a perda de investimentos, encarecimento das importações e escassez de capital nos primeiros anos do século XX, a atividade econômica em declínio afetou tanto o setor rural quanto o setor industrial, prejudicando fortemente a renda do governo. Além disso, as tensões no mundo rural e as greves operárias que reivindicavam melhorias nas condições de trabalho e vida dos trabalhadores mexicanos eram retrato da insatisfação com o governo Díaz, que reagiu à tal crise com medidas bastante negativas à sua imagem para manter a máquina estatal, aumentando impostos e congelando salários. O crescente sentimento de injustiça social ajudou na organização de uma sólida massa politizada como oposição, o que nesse momento seria essencial à conjuntura de queda do porfirismo e efervescência da revolução.

A entrevista Díaz-Creelman,⁴⁹ publicada em 1908 na revista *Pearson's Magazine*, Nova Iorque, com o título original *President Diaz: Hero of the Americas* e posteriormente reproduzida em fragmentos no periódico mexicano *El Imparcial*, teve séria relevância para a politização da população e fortalecimento de grupos de oposição nesse momento. Fazendo um paralelo entre as figuras de Theodore Roosevelt e Porfírio Díaz, a entrevista serviu para que Díaz justificasse suas reeleições e demonstrasse apoio à reeleição de Roosevelt.⁵⁰ Entre outras questões, a publicação também apresentava um estudo antropológico do México, representando-o como o encontro da modernidade com a tradição, e de seu presidente, caracterizado como a mistura bem sucedida de

⁴⁸ "The U.S. depression of 1907-8 denied Mexico her two primary sources of capital: profits from the sale of raw materials and the influx of foreign investment. The demise of the export economy constricted the market for the manufacturing sector, while the curtailment of investment reduced the access to capital, further impeding economic growth." CAHILL, Kevin J. The US Bank Panic of 1907 and the Mexican Depression of 1908–1909. *The Historian*, v. 60, n. 4, p. 795-811, 1998, p. 802.

⁴⁹ Ver CREELMAN, James; DEL CAMPO, Mario Julio. *Entrevista Díaz-Creelman*. Universidad Nacional Autónoma de México, 2016.

⁵⁰ TRILLO, Mauricio Tenorio. Algo más que una entrevista: la Díaz-Creelman, 1908. *Istor: revista de historia internacional*, v. 9, n. 35, p. 117-128, 2008, p. 122-123.

raças, e deu espaço para que Díaz abordasse as relações de amizade entre os dois países, sem deixar de expor críticas ao imperialismo estadunidense.

Contudo, a historiografia sobre o Porfiriato aponta alguns pontos peculiares das declarações de Díaz nessa entrevista: o reconhecimento de que o México estaria pronto para a democracia; o anúncio de que deixaria a vida política e não se candidataria à reeleição em 1910; e que seria tolerante com sua oposição. Ou seja, a entrevista expôs uma possibilidade de abertura e diálogo às instituições democráticas, reconhecendo que a democracia liberal seria o melhor sistema político para o México a partir daquele momento. Depois de 32 anos no poder, Díaz queria com essas falas passar a ideia de que suas reeleições teriam sido necessárias para o país até aquele momento por conta de circunstâncias excepcionais, com um propósito de manter o país estável para alcançar seu desenvolvimento e progresso.⁵¹

Como resultado, essas declarações aqueceram a esfera política mexicana e deram margem para a organização e crescimento de novas frentes de oposição política. A entrevista Díaz-Creelman, e principalmente o anúncio da não candidatura de Díaz em 1910, fez com que surgisse uma ideia de liberdade para grupos adversários, que a partir de então foram estimulados a ampliar suas influências a nível nacional entre 1908 e 1910.⁵² Nesse sentido, podemos observar a politização e participação de porções inéditas da população nessas organizações, que incluíam não apenas os descontentes de classes médias, mas também camponeses que até o momento só tinham expressão através de organizações locais isoladas.⁵³

Dentre todos esses movimentos, o Partido Nacional Antirreelecionista foi fundado em 1909 com objetivos de concorrer às eleições de 1910. Liderado por Francisco Madero, esse partido pode ser considerado o grupo político mais importante em relação às novas organizações opositoras a Díaz surgidas a partir de 1908. Embora tenha sido inicialmente construído em boa parte por intelectuais e setores da classe média mexicanos, com o tempo o partido de Madero acabou consolidando uma base entre classes mais baixas com o apoio de grupos obreiros e camponeses. A reação de Porfírio Díaz, incomodado com o crescimento desse movimento, foi de perseguição a

⁵¹ GARNER, Paul. **Porfirio Díaz**. Routledge, 2014, p. 214-215.

⁵² ESCALANTE GONZALBO, Pablo et al. **Nueva historia mínima de México**. México: El Colegio de México, 2008, p. 359.

⁵³ KATZ, Friedrich. *op. cit.* p. 52.

Madero, que acabou preso pouco antes das eleições de 1910, quando Díaz foi reeleito mais uma vez.

Francisco Madero foi solto pouco tempo depois dos resultados das eleições e logo seguiu em exílio junto a alguns de seus companheiros para a cidade de San Antonio, Texas, onde em finais de outubro de 1910 apresentou o *Plan San Luis Potosi*. Nesse manifesto, declarou as últimas eleições como ilegais, afirmou-se presidente provisório do México e convocou o povo mexicano para lutar contra a ditadura porfirista em 20 de novembro do mesmo ano. Assim, estava aceso o pavio da Revolução, que seria dirigida por Madero a partir do estado de Chihuahua, na fronteira norte do país, mas que estimularia revoltas ao redor de todo território mexicano. A escalada das forças maderistas a nível nacional, através do apoio que recebeu de lideranças revolucionárias regionais, assim como sua movimentação na fronteira com os Estados Unidos, foram determinantes para o desencadear da Revolução Mexicana, embora não sejam os únicos motores, como já tratamos neste capítulo. Nas palavras de Aguilar Camín e Meyer:

...a revolução desencadeada por Madero não foi filha da miséria e da estagnação, e sim da desordem provocada pela expansão e mudança: o investimento estrangeiro desenvolveu cidades e criou impérios produtivos, mas também gerou inflação, que afetou o salário real de trabalhadores e da classe média; a vinculação ao mercado norte-americano abriu oportunidades de emprego e aumentou as exportações (seis vezes entre 1880 e 1910), mas vulnerabilizou o país às flutuações da economia norte-americana, cuja recessão de 1907, por exemplo, levou ao repatriamento de milhares de trabalhadores mexicanos que tinham sido demitidos das fábricas e minas do outro lado da fronteira; o boom da mineração criou cidades e pagou altos salários, mas alterou regiões, criou populações flutuantes, instáveis e turbulentas e semeou um nacionalismo explosivo resultante da discriminação antimexicana do emprego; a ferrovia encurtou distâncias, reduziu os custos dos transportes e unificou mercados, mas também multiplicou o preço das terras ociosas, facilitando sua expropriação, e segregou, ao não alcançá-los, os centros tradicionais de produção e comércio, assim como as oligarquias que deles se beneficiavam; e a modernização agrícola consolidou um setor extraordinariamente dinâmico, mas contribuiu para a destruição da economia camponesa, usurpou os direitos das aldeias e comunidades rurais, atirando seus habitantes à clemência do mercado, da fome da peonagem e da migração.⁵⁴

⁵⁴ AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. EDUSP, 2000. p. 15-16.

Sabe-se, portanto, que a Revolução Mexicana se desenvolveu através da conjunção de fatores e forças políticas movidas por objetivos heterogêneos, que vão desde o descontentamento agrário à oposição política da classe média e a articulação do movimento operário, todos descontentes com o monopólio político e econômico da oligarquia porfiriana.⁵⁵ A expansão econômica desordenada e suas transformações sociais, a política repressiva do governo e a inflação causada pela alta dos impostos somavam-se à agitação popular que, em parte, também tinha como um de seus motores um sentimento nacionalista⁵⁶ e contrário ao imperialismo estadunidense. Tal sentimento tinha se fortalecido devido ao histórico de maus-tratos e baixos salários a trabalhadores mexicanos por empresas estrangeiras instaladas no México durante o regime Díaz. Ademais, Porfírio Díaz já não podia contar com o apoio integral das elites regionais, deliberadamente enfraquecidas pelo governo em prol do favorecimento de empreendimentos estrangeiros, e divididas com o crescimento de uma geração renovada de oligarcas, que já não viam em Díaz qualquer expectativa de melhora econômica no país.

Isso posto, é crucial pontuar que os conflitos civis que inauguraram e deram sequência à Revolução Mexicana tiveram intensa intervenção estadunidense, o que motivou uma consistente troca diplomática, mas também pôs à prova os estatutos de neutralidade diplomática dos Estados Unidos. Interpretados diversas vezes de maneira ambígua, ou mesmo tendenciosa, os estatutos de neutralidade eram motivo de discordância entre setores oficiais do Departamento de Estado estadunidense, governos estaduais e população. Essa situação acabou por favorecer movimentações contrárias a Porfírio Díaz na fronteira entre os dois países, além de viabilizar a estruturação de forças revolucionárias no início da década de 1910.

Não seria a primeira vez que a fronteira com os Estados Unidos serviria como ambiente de articulação política para mexicanos. Desde sua formação, a fronteira serviu de local de exílio e revigoramento para dissidentes políticos, facilitando a reestruturação, organização e promoção de movimentos de oposição. O próprio Porfírio Díaz usou o território estadunidense em finais do século XIX para promover seu Plano de Tuxtepec com apoio de empresários texanos. Já na primeira década do século XX, a fronteira seria refúgio a Ricardo Flores Magón, revolucionário cujo movimento teve

⁵⁵ KATZ, Friedrich. *op. cit.*, p. 28-29.

⁵⁶ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.14.

grande impacto na oposição ao Porfiriato e na construção ideológica da Revolução Mexicana. Durante o exílio dos magonistas em território estadunidense, fundou-se tanto o Partido Liberal Mexicano quanto o jornal anarquista *Regeneración*, notáveis instrumentos de luta contra o regime porfirista. Além disso, também foi a partir da fronteira norte que Francisco Madero começou a reunir seguidores e armamento com o fim de se preparar para a Revolução, o que gerou mais uma série de discussões diplomáticas entre México e Estados Unidos acerca das leis de neutralidade estadunidenses.

A legislação promulgada no *Revised Statutes of the United States* de 1873 estabelecia algumas leis com a finalidade de controlar, tanto para cidadãos estadunidenses quanto para qualquer outros residentes dos Estados Unidos, possíveis ações de hostilidade contra nações e/ou povos estrangeiros com os quais o país estivesse em paz. Entre as Seções 5281 e 5291 desse documento, podemos observar que estavam previstas multas e punições de prisão a cidadãos que servissem em alguma força armada contra potências em paz com os Estados Unidos; ou seja, cidadãos estadunidenses estavam proibidos de se alistar ou aceitar comissões para servir a exércitos estrangeiros, assim como também não seria permitido fornecer, ou ajudar a fornecer, armamento ou quaisquer outros meios para expedições militares contra nações amigas do país.⁵⁷

Ciente da vulnerabilidade da fronteira norte, Porfírio Díaz já havia tomado providências sobre possíveis movimentações de opositores na região desde seus primeiros anos como presidente, solicitando, principalmente, a aplicação das leis de neutralidade dos Estados Unidos. Contudo, as reivindicações diplomáticas das autoridades mexicanas diante do país vizinho não tiveram retornos suficientes para evitar a movimentação e fortalecimento dos maderistas, que fundou juntas para propaganda e recrutamento de soldados não só em cidades fronteiriças do Texas, como San Antonio e El Paso, mas também adentrando em regiões mais centrais e ao norte dos Estados Unidos, como as cidades de Denver, no Colorado, St. Louis, no Missouri, e até Chicago, em Illinois.⁵⁸ Segundo Cumberland:

Independientemente da relutância das autoridades estadunidenses, no entanto, não há dúvida de que Madero era culpado de frequentes infrações

⁵⁷ **Revised statutes of the United States, passed at the first session of the Forty-third Congress, 1873-'74.** [2d ed.]. Washington, Govt. print. off., 1878. p.1024-1026.

⁵⁸ TAYLOR, Lawrence D. The border as a zone of conflict: Foreign volunteers in the Mexican revolution and the issue of American neutrality, 1910–1912. **Journal of Borderlands Studies**, v. 20, n. 1, p. 91-113, 2005, p. 92.

*aos estatutos federais que puniam qualquer pessoa que iniciasse ou partisse a pé do solo dos Estados Unidos para uma expedição militar contra o governo mexicano, e o fracasso dos Estados Unidos para tomar medidas contra ele foi notado pelos membros da junta de San Antonio, que notaram a óbvia inferência.*⁵⁹

O governo dos Estados Unidos, embora oficialmente não desejasse a derrubada de Díaz em virtude dos inúmeros investimentos do país no México, negava continuamente que as leis de neutralidade estavam sendo violadas. Mesmo com inúmeras denúncias de Porfírio Díaz e do embaixador do México nos Estados Unidos, Francisco León de La Barra, ao embaixador estadunidense no México, Henry Lane Wilson, e ao Secretário de Estado dos Estados Unidos, Philander C. Knox, não houve a implementação de uma política repressiva na fronteira diante das acusações de que tropas revolucionárias mexicanas estavam adquirindo armamento, munição e outros recursos no território dos Estados Unidos. As respostas de Knox a tais reivindicações foram em geral insensíveis às demandas do governo do México, tanto ao contrariá-las quanto ao alegar falta de evidências para que se provasse que os estatutos de neutralidade dos Estados Unidos não estavam sendo desobedecidos.

Com opiniões divergentes sobre um possível descumprimento dos estatutos de neutralidade do país entre Knox e o próprio gabinete do presidente William Howard Taft, mostradas em seus documentos oficiais, é evidente um desalinhamento entre os funcionários do governo, as deliberações oficiais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, os governos estaduais fronteiriços e cidadãos estadunidenses dessas regiões. Nesse sentido, as incursões de Madero em território estadunidense, mesmo finalmente caracterizadas como beligerantes em março de 1911 pelo governo de Taft,⁶⁰ permaneceram ocorrendo, já que, dependendo da interpretação, os estatutos de neutralidade estavam sendo respeitados. Segundo Berbusse:

A compra e venda de armas e munições sempre foi interpretado como mero comércio, não relacionado a expedições armadas. A solicitação de tropas nos Estados Unidos foi permitida como parte da liberdade de expressão sob a Constituição

⁵⁹ "Regardless of American officials' reluctance, however, there can be no doubt that Madero was guilty of frequent infractions of the federal statutes providing punishment for any person beginning or setting on foot from United States soil a military expedition against the Mexican government, and the failure of the United States to take action against him was noted by the members of the San Antonio junta, who drew the obvious inference." CUMBERLAND, Charles C. **Mexican Revolution: Genesis under Madero**. University of Texas Press, 2014, p.128.

⁶⁰ BERBUSSE, Edward J. Neutrality-Diplomacy of the United States and Mexico, 1910-1911. **The Americas**, v. 12, n. 3, p. 265-283, 1956. p. 279.

estadunidense. Em uma palavra, a política oficial dos Estados Unidos tornou-se estritamente neutra, uma condição que implicava a admissão da beligerância Maderista; na prática, as simpatias fronteiriças permitiram que muita ajuda passasse aos rebeldes de Madero.⁶¹

O conflito na cidade de Casas Grandes, no norte de Chihuahua, em 6 de março de 1911, representou um ponto importante na disputa diplomática entre México e Estados Unidos, relacionada neste momento às incursões maderistas e ao envolvimento de cidadãos estadunidenses em tropas revolucionárias. Nessa ocasião, os maderistas foram derrotados por forças federais e parte de seu contingente foi preso. A presença de voluntários estadunidenses entre os prisioneiros atestou os motivos de preocupação do governo do México em relação à adesão estrangeira em grupos revoltosos, ao mesmo tempo que fez com que os Estados Unidos tivessem que se posicionar de forma mais incisiva quanto à segurança de seus cidadãos em território mexicano.

Tal episódio fez com que a embaixada dos Estados Unidos no México se posicionasse para negociar a não execução desses prisioneiros.⁶² Contudo, isso deixa evidente que o envolvimento diplomático dos Estados Unidos se estendia unicamente a seus interesses particulares e sua própria segurança nacional. Nesse sentido, mesmo ao enviar um contingente de 10 mil soldados, além de embarcações de guerra estadunidenses para atuarem na fronteira com o México e portos mexicanos, as intenções do presidente estadunidense William H. Taft certamente não eram de controlar trânsitos suspeitos de homens, armamento e munição na região, mas sim agir na proteção dos cidadãos dos Estados Unidos, bem como de suas propriedades em território mexicano.

De fato, essa providência do governo dos Estados Unidos pode ser interpretada como uma atitude para proteção a empresas e residentes estadunidenses residentes no México, além de proteção a possíveis voluntários desse país em forças revolucionárias mexicanas, caso houvesse qualquer situação que os pusesse em risco a partir dos conflitos armados que ali aconteciam. Mas isso também serviu como uma demonstração de força dos Estados Unidos, já que, com o envio desse contingente armado, o país

⁶¹ "Trade in arms and munitions was always interpreted as mere commerce, not as related to armed expeditions. The soliciting of troops in the United States was allowed as part of the freedom of speech under the American Constitution. In a word, official United States policy had become strictly neutral, a condition that implied admission of Maderist belligerency; in practice, border sympathies allowed much aid to pass to the Madero rebels." *Ibidem*, p. 282.

⁶² TAYLOR, Lawrence D., *op. cit.*, p. 97-98.

mostrava suas capacidades militares mais robustas em comparação ao exército federal mexicano. Conseqüentemente, a ação de Taft na fronteira com o México acabou sendo deveras negativa para a imagem do governo de Porfírio Díaz. Segundo Katz:

Esses passos foram extremamente prejudiciais para Díaz. Por um lado, expressavam claramente o fato de que o governo dos Estados Unidos não o considerava mais capaz de controlar o país; Por outro lado, eles deram a muitos mexicanos a impressão de que Díaz queria a intervenção dos EUA.⁶³

Sem dúvida, essa conjuntura se somou ao avanço irrefreável das forças revolucionárias, que ao passar dos meses ficaram maiores em número e poder bélico. Desde finais de 1910, com o chamamento de Madero para a luta armada, diversas expedições revoltosas formadas por forças políticas foragidas nos Estados Unidos cruzavam a fronteira em direção ao interior do México para realizar levantes.⁶⁴ Embora muitos desses movimentos tenham fracassado ou não tenham tido sólida significância em um primeiro momento, a partir de março de 1911 a Revolução passou a ter resultados mais positivos, tanto com insurreições vitoriosas e avanços sobre algumas regiões de Sonora e Chihuahua quanto com o início de levantes mais ao centro e sul do país, com focos desde os estados de Durango a Guerrero.

Assim, a crescente massa revoltosa se espalhou de norte a sul do território mexicano, o que dificultava sua repressão pelo exército federal de Díaz e provava a capacidade de mobilização de Madero e da luta antirreelecionista, equipada com armamento e apoio estadunidenses.⁶⁵ No início de maio de 1911, um grupo liderado por Pascual Orozco e Pancho Villa, lideranças apoiadoras de Francisco Madero, decidiu avançar sobre Ciudad Juárez com o objetivo de tomar a cidade. Tendo sucesso sobre as tropas federais, a vitória e conquista desse território fronteiriço no norte do país foi decisiva para a Revolução, uma vez que trouxe a percepção patente do fim do Porfiriato e influenciou a assinatura dos tratados de Ciudad Juárez no dia 21 do mesmo mês.⁶⁶ Dentre as deliberações dos tratados de Ciudad Juárez estavam o fim dos combates armados entre as forças apoiadoras de Madero e o exército federal, a renúncia da

⁶³ "Estos pasos fueron en extremo perjudiciales para Díaz. Por una parte, expresaban claramente el hecho de que el gobierno norteamericano ya no lo consideraba capaz de controlar al país; por otra parte, daban a muchos mexicanos la impresión de que Díaz deseaba la intervención norteamericana." KATZ, Friedrich. *op. cit.*, p. 59.

⁶⁴ AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenz, *op. cit.* p. 35-36.

⁶⁵ ESCALANTE GONZALBO, Pablo et al. *op. cit.* p. 406.

⁶⁶ HERZOG, Jesús Silva. **Breve historia de la Revolución mexicana: Los antecedentes de la etapa maderista.** Fondo de cultura económica, 1973, p. 189-190.

presidência e vice-presidência da república por Porfírio Díaz e Ramón Corral e a nomeação de Francisco León de La Barra, até então embaixador do México nos Estados Unidos, como presidente interino até que se realizassem novas eleições em outubro de 1911.⁶⁷

Vale ressaltar que, para os Estados Unidos, a tomada de Ciudad Juárez pelas tropas antirreelecionistas foi determinante para o reconhecimento das mudanças políticas que estavam ocorrendo no México a nível nacional. Logo depois da queda dessa cidade, mas ainda antes da assinatura dos tratados de Ciudad Juárez, o governo de Taft reconheceu oficialmente aos antirreelecionistas o controle alfandegário da região, importante porta de entrada para diversos insumos dos Estados Unidos para o México.⁶⁸ Com essa postura, os Estados Unidos possibilitaram ao movimento revolucionário adquirir oficialmente quaisquer insumos necessários para a manutenção de seu contingente armado.

Em resumo, a escalada de Francisco Madero ao poder faz parte de um cenário possibilitado pelas interpretações das leis de neutralidade dos Estados Unidos pelos próprios estadunidenses, uma vez que a compra de armas e munições não foram interpretadas como relacionadas à expedições armadas, mas sim como simples comércio, e o voluntariado de cidadãos para tropas revolucionárias no México foi entendido como parte da liberdade de expressão constitucional estadunidense. Por consequência, mesmo que a política oficial dos Estados Unidos fosse estabelecida como neutra, na prática as interpretações das leis de neutralidade e a simpatia de muitos de seus cidadãos, bem como de governantes de cidades fronteiriças, acabaram pendulando a favor de sua articulação bélica e de operação para o movimento revolucionário liderado por Francisco Madero na fronteira norte do México.

Ademais, é possível notar que a postura do governo dos Estados Unidos em relação à Revolução Mexicana nesse momento exemplifica o *modus operandi* de uma diplomacia que, embora declaradamente neutra, não deixava de priorizar ganhos econômicos independentemente das circunstâncias envolvidas. O trecho abaixo, parte de uma carta do presidente William Howard Taft para seu secretário de Estado, Philander C. Knox, datada em 12 maio de 1911, exemplifica isso:

⁶⁷ CUMBERLAND, *op. cit.* p. 150.

⁶⁸ TAYLOR, Lawrence D., *op. cit.*, p. 99.

A mera venda de suprimentos em El Paso aos mexicanos, sejam eles insurrectos ou apoiantes do Governo, e a sua entrega através da fronteira, sem mais, não é uma violação do direito internacional ou do estatuto de neutralidade.

Dir-se-á verdadeiramente que a posse de uma cidade como Juarez pelos insurrectos, portanto, lhes dá uma grande vantagem na medida em que, comprando através da fronteira, eles podem fazer um depósito de suprimentos em Juarez obtido por compra de americanos em El Paso ou em outros lugares nos Estados Unidos. Isto pode ser, mas cresce da fraqueza ou da desgraça do governo mexicano, pela qual não somos responsáveis, e não muda nosso dever ou o direito das pessoas em nossa jurisdição de realizar negócios legítimos.⁶⁹

A primeira carta de Edith O'Shaughnessy em *Diplomatic Days* é datada de 10. de maio de 1911, em que ela relata sua saída dos Estados Unidos em direção ao México. A autora chegava quatro dias depois ao seu país de destino, através do porto de Vera Cruz; dali, seguiu por mais uma noite de trem até a Cidade do México. Em suas cartas seguintes, ao iniciar seu relato de viagem, ela descreve o trajeto de navio, destaca a diversidade entre os passageiros presentes e suas primeiras impressões sobre o clima, cores e cenários dos trópicos. Pouco antes de atracar no México, no dia 5 de maio, ela expressava sua euforia quanto à "aventura" que estava prestes a vivenciar, destacando sua excitação acerca da Revolução Mexicana:

Eu tenho uma emoção profunda de excitação quando penso no México em revolução em que estamos nos aproximando, fumegando tão rapidamente para o centro de tudo. As vitórias, as derrotas, as glórias, as humilhações, desaparecimentos, e destruições que podemos testemunhar, todo esse desconhecido magnético perturbado esperando por nós! Ao olhar o jornal sobre o boudoir frio, escuro e vasto da Sra. Jackson vimos que a revolução de Madero está tomando grandes proporções. Coisas velhas e novas lutas pela supremacia, 'e os céus acima de todas elas'.⁷⁰

⁶⁹ "The mere sale, however, of supplies in El Paso to Mexicans, whether insurrectos or supporters of the Government, and their delivery across the border, without more, is not a violation of international law or of the neutrality statute.

It will be truly said that the possession of a town like Juarez by the insurrectos, therefore, gives them a great advantage in that by purchase across the border they can make a depot of supplies in Juarez obtained by purchase from Americans in El Paso or other places in the United States. This may be, but it grows out of the weakness or the misfortune of the Mexican Government, for which we are not responsible, and it does not change our duty or the right of persons in our jurisdiction to carry on legitimate business." United States Department of State. **Papers Relating to the Foreign Relations of the United States, With the Annual Message of the President Transmitted to Congress December 7, 1911.** Documento 705, Office of the Historian, Foreign Service Institute. Disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1911/d705>. Acesso em 17 de março de 2022.

⁷⁰ I have a deep thrill of excitement when I think of the Mexico in revolution that we are nearing, steaming so quickly to the center of it all. The victories, the defeats, the glories, the abasements, vanishings, and destructions we may witness, all that troubled magnetic unknown awaiting us! In looking over the newspaper in Mrs. Jackson's cool, dim, vast boudoir we saw that the Madero revolution is taking

Os relatos presentes em *Diplomatic Days* se referem à estadia de O'Shaughnessy no México passando dos últimos dias do Porfiriato, o governo interino de Francisco León de La Barra e o governo de Francisco Madero até outubro de 1912, quando o cenário político do país incluía revoltas anti-maderistas tocadas por revolucionários ex-aliados de Madero, como Emiliano Zapata e Pascual Orozco. A percepção da autora sobre o México, os mexicanos, a Revolução e as relações diplomáticas desse país com os Estados Unidos atravessa uma série de questões subjetivas em sua construção de si, enquanto não somente esposa de diplomata mas também como intelectual - o que será analisado no capítulo seguinte.

No entanto, retomando a referência a Koselleck com que se iniciou este capítulo, podemos dizer que o horizonte de expectativa de Edith O'Shaughnessy estava também composto por um conjunto de referências determinado por sua intensa proximidade com a atividade diplomática de seu marido, através dos círculos sociais e políticos com que ela se envolve. A análise de suas cartas, que será feita diretamente no capítulo 3, mostra não somente o olhar etnográfico da intelectual, mas também essa dupla experiência da diplomacia estadunidense, misturando uma intenção de neutralidade com o envolvimento de fato nos passos da revolução.

on great proportions. Old things and new wrestling for supremacy, "and the heavens above them all". O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917, p. 10-11.

CAPÍTULO 2. “*Delightful leisure*” – escrita epistolar e relato de viagem

[...] *Para la señora O’Shaughnessy, la Historia de México conoce dos grandes etapas: salvación o apogeo y traición o ruina. La primera la entiende como la Conquista, la salvación del indio quien sólo logró progresar en tanto duró la Colonia. A partir de ese momento se inicia la traición: la independencia que llevó a México por todo un siglo de horrores y ruina total que se consuman con la Revolución.*

El mexicano ha sido el causante del destino trágico de México. El es quien, con hilos invisibles de la ignorancia y la pobreza, “manipuló” la historia de México. En consecuencia, la Revolución representa tan sólo un fruto más de los desatinos cometidos por los hombres que acelerarán el fin. La Revolución es el paso último antes del desastre total. Tras el porfirismo que a ella le resultaba un sistema próspero y adecuado para el país, sólo podía esperarse un caos total. La Revolución significaba muerte y desolación. Por tanto, el mexicano sólo estaba recibiendo “el castigo divino” disfrazado de Revolución.[...]”⁷¹

O texto acima é um trecho do artigo *Edith O’Shaughnessy, una interpretación* escrito por Eugenia Meyer para o suplemento *México tal cual es...* do jornal *El Heraldo de México* em 1967. Ao examinar o julgamento de desaprovação de O’Shaughnessy em relação à História do México e à Revolução Mexicana, período em que a viajante estadunidense esteve no México, Meyer expõe a opinião dicotômica da autora, que resume entre “apogeu” e “ruína” o curso do país. Diante da ótica de Edith O’Shaughnessy, a Revolução significava um “castigo divino” cultivado pelos erros dos próprios mexicanos. Entendendo o homem mexicano como causador de sua própria ruína, a viajante entende que o país era predestinado ao desastre a partir de uma sucessão de tragédias que incorporam primeiramente a Independência do México e depois, com o fim do Porfiriato, o “caos total” da Revolução iniciada em 1910.

Eugenia Meyer, grande intelectual mexicana reconhecida por seu trabalho metodológico com História Oral⁷², dedicou os primeiros anos de sua vida acadêmica a

⁷¹ MEYER, Eugenia. Edith O’Shaughnessy, una interpretación. **El Heraldo de México Cultural** (suplemento). 93. 1967. p. 11.

⁷² Eugenia Meyer é uma das principais teóricas latino-americanas da história oral, tendo estado no grupo de especialistas estrangeiros convidados a transmitir técnicas e metodologias de história oral em uma das primeiras reuniões coordenados pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do

pesquisar a “Historiografia Norte-americana da Revolução”⁷³ e tem como um de seus primeiros trabalhos a monografia em Licenciatura em História Universal *Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O’Shaughnessy* apresentada à Universidade Nacional Autónoma do México em 1962, que resulta em um artigo publicado no ano seguinte com o mesmo título. Poucos anos depois, Eugenia Meyer traduziu para o espanhol o livro *A Diplomat’s Wife in Mexico: Letters from the American Embassy at Mexico City, Covering the Dramatic Period Between October 8th, 1913, and the Breaking Off of Diplomatic Relations on April 23rd, 1914, Together with an Account of the Occupation of Vera Cruz*, primeiro livro lançado por Edith O’Shaughnessy sobre sua estadia no México, em que somam-se notas de rodapé e um prólogo da historiadora na edição intitulada *Huerta y la Revolución vistos por la esposa de un diplomático en México*, publicada em 1971.

No artigo de 1963 e no prólogo à edição traduzida de 1971 nota-se, principalmente, a exposição de questões discriminatórias presentes no texto de Edith O’Shaughnessy. Sobressaem-se comentários sobre as belezas e riquezas naturais do país colocados em contrapeso com o mexicano, responsável pela ruína da própria terra, que luta em decorrência de um “vício de formação”:

*jamás valoriza correctamente la situación del mexicano y los esfuerzos grandiosos de éstos por lograr una transformación. La lucha del mexicano surge para ella con un vicio de formación, y será totalmente inútil el esfuerzo mientras no solicite y obtenga la “ayuda de los extranjeros.”*⁷⁴

O arbitrário conceito de mexicano, que a viajante caracteriza como o “colonizado”, um grande grupo que inclui indígenas, *mestizos*, *campesinos* e que deve ser pensado separadamente do *hombre político* e do *hombre aristócrata* que também habitam o México, é uma das principais críticas de Meyer ao escrever sobre Edith O’Shaughnessy, principalmente ao sinalizar a objeção da viajante em perceber o que período colonial não é simplesmente a conquista de um povo, como também se trata de

Brasil (CPDOC - Fundação Getúlio Vargas) em 1975. Sobre a fundamental contribuição de Eugenia Meyer ao campo metodológico da história oral latino-americana e sua colaboração para a área no Brasil ver FERREIRA, Marieta de Moraes. Eugenia Meyer. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 413-431, 2013; e MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; LEVINE, R. M.; NEGRA, Cinderela. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. **História oral: desafios para o século**, v. 21, p. 85-98, 2000.

⁷³ FERREIRA, Marieta de Moraes. Eugenia Meyer. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 413-431, 2013.

⁷⁴ MEYER, Eugenia. *Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O’Shaughnessy*. **Anuario de Historia**, ano III, 1963. p. 185.

um período de transformação cultural.⁷⁵ Contudo, perante a ideia negativa sobre a Revolução Mexicana, Meyer afirma que “a história nacional deveria incluir diferentes versões de um mesmo episódio para alcançar uma visão mais objetiva, desprovida de partidarismos”⁷⁶ e que, no caso de Edith O’Shaughnessy, deve-se ter em mente que sua construção do México está relacionada com o mundo que conheceu até então.

Ao valorizar os relatos de viagem enquanto significativas fontes para a historiografia mexicana moderna, Meyer compreende que, apesar da clara expressão de superioridade política e cultural estadunidense em relação ao México impressa na obra de Edith O’Shaughnessy,

sua visão do México, sobre o período revolucionário e o mexicano em geral (...) ao menos nos oferece uma perspectiva muito especial deste complexo problema (...). A autora pôde vislumbrar de certa forma a intenção pela qual lutou o movimento rebelde iniciado em 1910: não apenas no campo político e social, mas sobretudo, e em última instância, seu profundo significado humano.⁷⁷

Dessa forma, o olhar distanciado e as vezes depreciativo de Edith O’Shaughnessy em relação ao momento revolucionário constrói um panorama que têm como alicerce a cultura e o contexto estadunidense do qual a viajante estava associada, mas também revela, em sua subjetividade, uma sensibilidade no trato com a sociedade em crise na qual a autora viveu durante o período de sua escrita.

Um fato curioso é que, apesar de valorizar a obra de Edith O’Shaughnessy enquanto literatura de viagem, Eugenia Meyer não a analisa a partir da especificidade do gênero literário com que os livros são majoritariamente construídos. Trabalhos mais recentes, como os de Alexandra Pita González e Hubonor Ayala Flores, Maria Lourdes Arciniega e principalmente, Molly Wood, abordaram novas perspectivas a respeito da estadia de Edith O’Shaughnessy no México, principalmente em relação à rede de sociabilidade político-diplomática que a autora acessou e fez parte, mas ainda também não têm como foco o tratamento das questões teórico-metodológicas associadas ao gênero epistolográfico e à literatura de viagem.

⁷⁵ MEYER, Eugenia, *Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O’Shaughnessy*. **Anuario de Historia**, ano III, 1963. p. 191.

⁷⁶ MEYER, Eugenia, Prólogo de la traductora. In O’SHAUGHNESSY, Edith. **Huerta y la revolución vistos por la esposa de un diplomático en México**, México, Editorial Diógenes, 1971. p. 19. Tradução nossa.

⁷⁷ MEYER, Eugenia, *Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O’Shaughnessy*. **Anuario de Historia**, ano III, 1963, p. 201-202.

O artigo *Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy*, de Pita González e Ayala Flores,⁷⁸ parte de uma análise da estrutura e contexto de produção da obra de Edith O'Shaughnessy sobre o México com o objetivo de examinar mais a fundo a construção das representações de personagens da Revolução Mexicana, como Victoriano Huerta, Woodrow Wilson e John Lind. Maria Lourdes Arciniega, em sua dissertação '*A Curious Alchemy: Revisioning gender identity in travel writing by Edith O'Shaughnessy, P.K. Page, and Karen Connelly*'⁷⁹ dedica um capítulo a discutir como o relato de viagem de Edith O'Shaughnessy combina espaços públicos e privados, geralmente demarcados entre os gêneros feminino e masculino, em sua correspondência a partir da posição privilegiada de esposa de diplomata. Além disso, também reflete sobre a sua relação com os mexicanos através da cultura imperialista da estadunidense em sua narrativa.

Já o precioso trabalho de Molly Wood,⁸⁰ fruto de sua pesquisa e dissertação de doutorado e artigos derivados, concentra-se na história da diplomacia estadunidense e utiliza a obra de Edith O'Shaughnessy como um grande exemplo da presença e importância das esposas no serviço diplomático dos Estados Unidos no século XX. Segundo Wood, na primeira metade do século XX era comum para os oficiais das Relações Exteriores dos Estados Unidos entenderem suas esposas como “parceiras” no serviço diplomático. A partir desse costume, podemos conceber a presença das esposas de diplomatas como elemento bastante influente para a estruturação da conduta do serviço diplomático estadunidense neste período, além de ter servido como incentivo para a contratação de outras mulheres em serviços públicos:

Elas acompanhavam os seus maridos diplomatas no estrangeiro, como esposas e parceiras quase profissionais no Serviço, concentrando-se

⁷⁸ PITA GONZÁLEZ, Alexandra, AYALA FLORES, Hubonor. *Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy*. *Tzintzun. Revista de estudios históricos*, vol. 62, 2015, p. 149-182.

⁷⁹ ARCINIEGA, Maria Lourdes. '*A curious alchemy: revisioning gender identity in travel writing by Edith O'Shaughnessy, PK Page, and Karen Connelly*'. Dissertação (Master of arts) - Department of English, University of Calgary, Calgary, 2008.

⁸⁰ WOOD, Molly, *An American Diplomat's Wife in Mexico. Gender: Politics and Foreign Affairs Activism, 1907-1927*, tese (Doutorado em História), University of South Carolina, Columbia, 1998; WOOD, Molly. *A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional, Political, and National Identities in the Early Twentieth Century*. *Frontiers*, v. 25, n. 3, 2004, p. 104-133; WOOD, Molly, *Diplomatic Wives: The Politics of Domesticity and the 'Social Game' in the U.S. Foreign Service, 1905-1941*, *Journal of Women's History*, v. 17, n. 2, 2005, p. 142-165; WOOD, Molly. "Commanding Beauty" and "Gentle Charm": American Women and Gender in the Early Twentieth-Century Foreign Service. *Diplomatic History* 31, n. 3, 2007, p. 505-530; WOOD, Molly. *Wives, Clerks, and 'Lady Diplomats': The Gendered Politics of Diplomacy and Representation in the U.S. Foreign Service, 1900-1940*. *European Journal of American Studies*, v. 10, n. 1-12, 2015.

principalmente nos aspectos sociais e domésticos críticos da vida diplomática no estrangeiro. À medida que estas missões americanas cresceram em dimensão e complexidade durante o período de 1900 a 1940, os funcionários do Departamento de Estado dos EUA viram a necessidade de assistência secretarial adicional, e confiaram cada vez mais no trabalho das mulheres, como escriturárias e estenógrafas.⁸¹

Em todos esses trabalhos há um foco específico no livro *A Diplomat's Wife in Mexico* devido, possivelmente, a essa publicação ter tido maior repercussão. *A Diplomat's Wife in Mexico* é constituído por uma coleção de correspondências posteriores (1913-1914) a *Diplomatic Days* (1911-1912), e relata, portanto, o momento da segunda viagem da autora ao México. Segundo Meyer, houve, inclusive, um grande receio por parte da própria viajante em publicar essas cartas, devido ao impacto negativo que poderiam causar a carreira diplomática de seu marido, Nelson O'Shaughnessy.⁸² Ademais, a correspondência de 1913 a 1914 apresenta eventos relacionados ao processo de rompimentos das relações exteriores entre os Estados Unidos e o México, tendo como uma das principais pautas a ocupação estadunidense de Veracruz.

Como os principais trabalhos sobre os relatos de viagem ao México de Edith O'Shaughnessy enfatizam o momento em que a autora se retira do país em decorrência da gravidade dos acontecimentos que antecedem o rompimento das relações exteriores entre os Estados Unidos e o México, a correspondência presente em *A Diplomat's Wife in Mexico* tem como ápice os relatos sobre a política de intervenção estadunidense e não refletem tanto o olhar da descoberta de um novo lugar e cultura antes fora tão recorrente. Essa perspectiva de México “à primeira vista” está mais presente em *Diplomatic Days*, segundo livro publicado por Edith O'Shaughnessy em 1917, mas que, entretanto, constitui-se por sua correspondência entre os anos 1911 e 1912, momento de sua primeira viagem ao país.

Levando isso em consideração, o objetivo deste capítulo é pensar a produção literária de Edith O'Shaughnessy a partir de sua primeira estadia no México,

⁸¹ “They accompanied their diplomat husbands abroad, as wives and quasi-professional partners in the Service, primarily focusing on the critical social and domestic aspects of diplomatic life abroad. As these American missions grew in size and complexity during the period from 1900 to 1940, U.S. State Department officials saw the need for additional clerical assistance, and increasingly relied on the work of women, as clerks and stenographers”. WOOD, Molly M. Wives, Clerks, and 'Lady Diplomats': The Gendered Politics of Diplomacy and Representation in the US Foreign Service, 1900-1940. **European Journal of American Studies** Vol. 10, n. 1, 2015, p.1.

⁸² MEYER, Eugenia. Prólogo de la traductora, in O'SHAUGHNESSY, Edith, **Huerta y la revolución vistos por la esposa de un diplomático en México**, México, Editorial Diógenes, 1971, p. 16.

ênfatizando suas construções a respeito do que ela só havia acessado pela literatura, mas que, através da primeira viagem, tinha a oportunidade de vislumbrar enquanto recém-chegada esse ambiente entendido pela própria até então como “exótico”. Ademais, também nos interessa investigar o formato em que *Diplomatic Days* é construído. A especificidade da correspondência, ou seja, o gênero epistolar, é uma das maiores características a serem levadas em conta na configuração desse relato de viagem que, para além de seu conteúdo, nos faz levantar uma série de questões como, por exemplo: o que instiga Edith O’Shaughnessy a escrever essas cartas? Teria a viajante planejado a divulgação desse conteúdo a futuros leitores para além da remetente inicial? O quanto de intenção a autora tem ao fazer com que seu relato ultrapasse o caráter autobiográfico? Dessa forma, um bom ponto de partida é explorar sua trajetória até o momento da viagem para avaliar tanto sua formação intelectual quanto sua identidade de esposa de diplomata, e os antecedentes dessa viagem que lhe permitiram relatar seu olhar sob o “outro”.

2.1. Uma esposa de diplomata

Nascida em Baltimore, Maryland, em 1868, Edith Louise Coues era a primogênita de uma tradicional família de classe média estadunidense da segunda metade do século XIX. Filha do casal Jeanne August McKenney e Elliott Coues, ela passou a maior parte de sua infância em Columbia, Carolina do Sul, onde foi educada por professores particulares. Aos treze anos de idade foi enviada a Maryland para estudar no convento católico de Notre Dame, o que expressa a inclinação de sua mãe pelo catolicismo.

A relação de Edith Coues com seu pai foi retratada por alguns autores a partir da ausência afetiva e financeira com sua família, ponto determinante para a mudança e educação da futura autora na Europa depois da separação de seus pais. Elliott Coues era um naturalista, ornitólogo e escritor bem-conceituado da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Responsável por uma série de publicações sobre ornitologia e pela criação da *American Ornithologists' Union* no final do século XIX, sua trajetória intelectual também foi marcada por produções relacionadas ao espiritismo e a teosofia. Praticante dedicado a tais doutrinas, Elliott Coues foi criticado pelo círculo científico e expulso da Academia Nacional de Ciências em 1889 por pertencer a

Sociedade Teosófica.⁸³ Mas, sua prática religiosa não trouxe apenas consequências profissionais. Segundo Pita González e Ayala Flores, o exercício de tais princípios foi um dos principais motivos de deterioração do seu casamento com Jeanne August McKenney, católica dedicada, de quem se divorciou em 1886.⁸⁴

A partir do divórcio dos pais, Edith Louise Coues não conviveu mais com Elliott Coues. Jeanne August McKenney mudou-se para Roma com seus filhos logo após o divórcio e é a partir dessa conjuntura que Edith Coues conecta-se com a sociedade europeia, onde continua a tomar aulas particulares, dedicando-se por exemplo a aprender outros idiomas. A autora explora seu conhecimento de línguas em diversos momentos de *Diplomatic Days*, sendo possível ter noção do quanto ela tinha certo domínio em idiomas como francês, espanhol e italiano, bem como o latim.

Também é em Roma que Edith Louise Coues conhece o recém-formado diplomata, Nelson O'Shaughnessy, com quem se casou em 1901 aos 33 anos. Segundo Molly Wood, Nelson O'Shaughnessy também era originário de uma família proeminente dos Estados Unidos e havia se educado em instituições estadunidenses e europeias de prestígio, como a Universidade de Georgetown em Washington e St. John's College em Oxford, onde formou-se advogado em 1899, The Honourable Society of the Inner Temple, Londres, que frequentou entre 1899 e 1901, além de instituições europeias, onde se aprofundou nos estudos de línguas e leis internacionais.⁸⁵ Ainda em treinamento, o jovem diplomata teria de retornar aos Estados Unidos para validar e concretizar sua formação. É dessa maneira que Edith O'Shaughnessy regressa ao seu país de origem, acompanhando-o desde então em sua carreira diplomática.

Nos primeiros anos de carreira de Nelson O'Shaughnessy o casal esteve em diversos países, a começar pela estadia em Copenhague, Dinamarca, em 1904, depois Berlim, em 1905, e Viena, entre os anos de 1907 e 1911. Os anos em Viena foram marcados pelo nascimento do primeiro e único filho do casal, Elim O'Shaughnessy, e algumas dificuldades econômicas em função do pouco apoio financeiro institucional do

⁸³ CUTRIGHT, Paul Russell; BRODHEAD, Michael J. **Elliott Coues: naturalist and frontier historian**. University of Illinois Press, 2001.

⁸⁴ PITA GONZÁLEZ, Alexandra, AYALA FLORES, Hubonor. Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy. Tzintzun. **Revista de estudios históricos** 62 (2015). p. 156. Cf. ARCINIEGA, Maria Lourdes. 'A curious alchemy': revisioning gender identity in travel writing by Edith O'Shaughnessy, PK Page, and Karen Connelly. Dissertação (Master of arts) - Department of English, University of Calgary, Calgary, 2008, p. 27.

⁸⁵ WOOD, Molly. Wood, M. M. (1998). **An American diplomat's wife in Mexico: gender, politics and foreign affairs activism, 1907-1927**. Tese (Doutorado em História) - University of South Carolina, Columbia, 1998. p. 52.

Departamento de Relações Exteriores dos Estados na época. Segundo Wood,⁸⁶ as tribulações financeiras do casal foram causadas por dois motivos principais: em primeiro lugar, a maioria dos compromissos diplomáticos de Nelson O'Shaughnessy entre Copenhague e Viena não correspondiam a atividades de muito prestígio; um outro motivo era a falta de recursos financeiros suficientes, uma vez que, até pouco depois da primeira década do século XX, o serviço diplomático dos Estados Unidos não oferecia uma remuneração suficientemente capaz de arcar com as despesas de seus funcionários em missões exteriores.⁸⁷ Isso é um indicador de que até a Primeira Guerra Mundial os Estados Unidos ainda não exerciam qualquer presença de grande importância nos países da Europa e, portanto, não representavam embaixadas muito relevantes até então.⁸⁸ Além disso, e principalmente, nota-se como a carreira do alto serviço diplomático era exclusiva da elite, pois se fazia necessário ter uma fonte de renda independente da remuneração oficial para amparar a carreira. Dessa forma, podemos perceber que, embora originários de famílias elitizadas, o casal O'Shaughnessy ainda assim encara dificuldades para integrar o circuito diplomático, notoriamente concentrado por uma elite mais restrita, o que justifica a penúria financeira particular que viveram até a viagem ao México.

Nomeado segundo secretário da embaixada dos Estados Unidos no México, a viagem de Nelson O'Shaughnessy ao país representava o cargo de maior prestígio em sua carreira, significando conseqüentemente uma excelente oportunidade para consolidar o nome O'Shaughnessy na história do serviço diplomático estadunidense. Além disso, havia o peso da influência entre os países. O México, diferente dos países europeus, era um local em que os Estados Unidos exerciam uma maior influência, fruto da construção de figura hegemônica perante o hemisfério das Américas e de sua política de anexação de territórios, a partir de acordos, compras e guerras, após a independência em 1776.⁸⁹ Ademais, a relação de poder entre os dois países foi marcada pela incorporação de regiões mexicanas pelos Estados Unidos, como Texas, Califórnia, Nevada, Utah, partes do Novo México, Arizona, Colorado e Wyoming, em processos de

⁸⁶ WOOD, Molly. A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional, Political, and National Identities in the Early Twentieth Century. *Frontiers*, v. 25, núm. 3 (2004), p. 105.

⁸⁷ WOOD, Molly. Wives, Clerks, and 'Lady Diplomats': The Gendered Politics of Diplomacy and Representation in the U.S. Foreign Service, 1900-1940. *European journal of American studies*, v. 10, núm. 1 (2015), pp. 53-54).

⁸⁸ FIORI, José Luís. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, p. 67-110)

⁸⁹ TULCHIN, Joseph S. *América Latina x Estados Unidos: uma relação turbulenta*. Editora Contexto, 2016. pp. 28-31.

enfrentamento como, por exemplo, a guerra mexicano-americana entre os anos 1846 e 1848.

A pretensão hostil da política imperialista dos Estados Unidos significou a subtração de aproximadamente metade do território mexicano, e o protagonismo adquirido pelo país estabeleceu-se a partir de um projeto focado tanto no enfraquecimento das outras nações do continente americano quanto na atividade de expansão de fronteiras e fortalecimento econômico estadunidense. Logo, além de ter perdido boa parte de seu território no século XIX, o México também foi subordinado aos Estados Unidos por conta de uma série de investimentos econômicos, tais como a compra de terra e aplicações milionárias em minas, ferrovias e setor industrial. As ferrovias, por exemplo, foram utilizadas como um padrão de amplificação e consolidação da soberania estadunidense em territórios “periféricos”.⁹⁰ O desenvolvimento de uma relação capitalista de dependência gerada no projeto de soberania estadunidense também foi endossado pela formação de oligarquias na América Latina. Através de uma dinâmica liberal, as elites oligárquicas representaram um ponto chave nesse processo, uma vez que buscavam potencializar e conquistar espaço no mercado internacional através da garantia de proteção e privilégios a investidores estrangeiros para financiar a infraestrutura necessária ao comércio exterior de bens primários.⁹¹

No que diz respeito ao México, é no governo oligárquico de Porfirio Díaz (1876-1911) que o país recebe uma série de investimentos financeiros via capital estrangeiro, principalmente dos Estados Unidos, o que faz, inclusive, com que a gestão combatesse a instabilidade econômica em que o país se encontrava desde o pós-independência. Segundo Javier Garciadiego, foi a primeira vez que o México alcançou um superávit comercial em sua história:

*Gracias a la instalación de varios miles de kilómetros de vías férreas, al mejoramiento de los principales puertos, al desarrollo de las comunicaciones telefónicas y telegráficas y a la desaparición de las alcabalas, durante aquellos años aumentó notablemente el comercio, tanto nacional como internacional. De hecho, la exportación de productos naturales fue superior a la importación de manufacturas.*⁹²

⁹⁰ *idem*, p. 33.

⁹¹ *idem*, p. 35-36.

⁹² GARCADIIEGO, Javier. El porfiriato (1876-1911). **Historia de México**. FCE, SEP, Academia Mexicana de Historia, 2010. pp. 216-217.

Entretanto, essa capacidade de progresso econômico teve como responsável o modelo administrativo de dependência de capital estrangeiro. Essa situação favorecia os interesses da elite aristocrata mexicana e mantinha alguns setores da população em constante vulnerabilidade, a partir de expropriações de terra indígena, expulsão de camponeses de suas áreas ativas, repressão de trabalhadores urbanos e uma série de outras ocorrências que sustentam o cenário da Revolução Mexicana estabelecida a partir de 1910.⁹³ Os Estados Unidos, pretensiosamente envolvidos nesse processo enquanto capital estrangeiro, e essencialmente focados em seu interesse particular de dominação econômica do continente com a justificativa do Destino Manifesto,⁹⁴ operavam, no momento da viagem de Edith O'Shaughnessy, uma autoridade hegemônica que propiciava para seu corpo diplomático um ambiente de superioridade no México.

Dessa forma, a viagem do casal O'Shaughnessy ao México em 1911 pode ser interpretada como uma circunstância bastante benéfica ao casal por uma série de questões que envolvem tanto o exercício diplomático financeiramente facilitado pela estadia fora da Europa e a promoção de carreira a partir de cargo de segundo secretário de uma embaixada quanto a recepção política de mais prestígio em um país entendido enquanto subalterno e dependente, como era o caso. O México, diferente dos países europeus em que o casal havia estado pelo serviço diplomático até então, era um local em que os Estados Unidos exerciam uma posição bastante influente, a qual a própria autora reconhece e evidencia em uma das suas primeiras correspondências sobre a estadia no país publicada em *Diplomatic Days*:

23 de maio.

Minha primeira "terça-feira" foi acompanhada por uma chuva torrencial, mas os colegas apareceram principalmente, *noblesse oblige*, cada um dando

⁹³ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A revolução mexicana**. UNESP, 2010, pp. 32-58.

⁹⁴ Por Destino Manifesto entende-se a doutrina pensada por John O'Sullivan no século XIX. A partir de uma série de crenças nacionalistas e expansionistas, essa doutrina funciona como a ideologia que fundamentou a ocupação e anexação de territórios entre os anos 1803 e 1853 pelos Estados Unidos, fomentando sua hegemonia em relação a outros países americanos. Por conseguinte, o Destino Manifesto é caracterizado pela crença de que os Estados Unidos teriam a missão divina de propagar o progresso e seus modos de vida, expandindo seu território para formar uma grande nação calcada na noção de superioridade étnica do povo estadunidense. A anexação de territórios a oeste do país, como o Texas em 1845, é substancial em se tratando do sentimento de virtude pré-destinada para a expansão dos Estados Unidos no século XIX. Tal perspectiva, apoiada na ideia de que os estadunidenses poriam em curso um processo civilizatório aos "povos inferiores", representa um princípio de superioridade bastante enraizado na cultura dessa sociedade, contribuindo para que a postura hegemônica do país seja naturalizada, apoiada e continuada pela sua população. Ver MOUNTJOY, Shane. *Manifest destiny: westward Expansion. Milestones in American History*. Infobase Publishing. New York, 2009.

alguns itens bastante inquietantes sobre a situação política, de acordo com seu ângulo especial.

A Sra. Wilson, que sempre faz o que lhe cabe fazer, é claro que veio. Somos a única nação aqui que tem uma embaixada. Todos os outros têm delegações ou agências de algum tipo, ou entregaram seus negócios à nação amiga mais relacionada no local. Isso coloca a Embaixada em uma posição de supremacia contínua no que diz respeito à posição e importância.

O Sr. de Soto, o "Velasquez" do jantar da Delegação Francesa, chegou atrasado. Ele havia passado o último inverno em Roma com o duque e a duquesa d'Arcos. O duque foi ministro espanhol aqui anos atrás. Conversamos sobre amigos romanos distantes. Ele foi muitas vezes à bela casa de Marie K. Vou gostar de ver algo dele. Ele conhece o México em todas as suas fases, e estou ansioso para virar as páginas deste maravilhoso novo capítulo, que sinto que deveria ser escrito em *maguey*, não em mero papel.⁹⁵

Um ponto principal explícito na carta apresentada acima é a plena ciência da reputação do serviço diplomático dos Estados Unidos no México. O fato dos Estados Unidos serem o único país a ter uma embaixada é simbólico e sintomático para traduzir o poder político e econômico sobre o vizinho latino-americano. Fazendo uso das próprias palavras da autora, a embaixada localizava-se, portanto, em um posto de constante supremacia e importância. Dessa maneira, fica evidente que a autora tinha como consciência particular a noção de que os Estados Unidos exerciam uma posição de superioridade em relação ao México. Ademais, se seu papel social enquanto esposa de diplomata também é definido pelo campo profissional, em que as esposas de diplomatas eram enquadradas em função participativa e quase oficial no serviço de relações exteriores,⁹⁶ é possível pensar a figura de Edith O'Shaughnessy também enquanto representação de um braço de legitimidade e manutenção do poder dos Estados Unidos no país vizinho.

⁹⁵ "May 23d.

My first "Tuesday" was accompanied by a drenching rain, but the colleagues mostly showed up, noblesse oblige, each giving some rather disquieting items about the political situation, according to his special angle.

Mrs. Wilson, who always does what it is "up" to her to do, of course came. We are the only nation here having an embassy. All the others have legations or agencies of some sort, or have turned their affairs over to the most related friendly nation on the spot. It puts the Embassy in a position of continual supremacy as far as rank and importance go.

Mr. de Soto, the "Velasquez" of the French Legation dinner, came in late. He had spent last winter in Rome with the Duke and Duchess d'Arcos. The duke was Spanish minister here years ago. We talked of distant Roman friends. He has often been to Marie K.'s beautiful house. I shall enjoy seeing something of him. He knows Mexico in all its phases, and I find myself eager to turn the pages of this wonderful new chapter, which I feel should be written on maguey, not on mere paper." O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917. p. 32.

⁹⁶ WOOD, Molly M. Diplomatic Wives: The Politics of Domesticity and the "Social Game" in the US Foreign Service, 1905-1941. **Journal of Women's History** 17, no. 2 (2005): 142-165. p. 144.

Para procurar demonstrar toda a habilidade e traquejo social necessários ao bom desempenho do serviço diplomático, Edith O'Shaughnessy se prepara para a viagem a partir de jornais e livros de história sobre o México, assimilando informações concretas e ilustrativas sobre o país para poder aparelhar-se de informações, o que expõe sua percepção de seu papel profissional enquanto esposa de diplomata. Segundo Meyer, a autora concentrou-se em obras que ofereciam um passado histórico do México e acessou uma bibliografia que inclui William Hickling Prescott, *History of the Conquest of Mexico* (1843); Hernán Cortés, *Cartas de Relación* (escritas entre 1519 e 1526); Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España* (também escritas no século XVI); Alexander von Humboldt, *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle-Espagne* (1811) e Lucas Alamán, *Historia de México* (1852).⁹⁷ À vista disso, é interessante ressaltar na bibliografia apresentada por Meyer o interesse da autora em instruir-se a partir de uma literatura produzida por relatos já clássicos de viajantes sobre o México, como é o caso de Cortés, Díaz del Castillo e Humboldt, o que provavelmente lhe serve como referência ao escrever *Diplomatic Days*.

A relevância profissional de sua categoria de esposa de diplomata também pode ser identificada na carta acima, quando a autora chama por "*colleagues*" os presentes na reunião de sua primeira terça-feira no México. Desse modo, a autora também se constrói como uma igual a todos os presentes no que definiu em provável ironia como "*noblesse oblige*", expressão francesa que trata essencialmente das responsabilidades inerentes aos privilegiados. Ainda, ao citar o momento de interação com Mr. de Soto, além de demonstrar uma proximidade proativa e articulada de comunicação com autoridades do ambiente diplomático, Edith O'Shaughnessy salienta seu interesse em aprender mais sobre o país, não apenas através da literatura, como também através de interações sociais no círculo de poder restrito que apenas a diplomacia poderia proporcionar. Contudo, esse conhecimento sobre o México que ela mostra querer aprender não se trata apenas de um conhecimento puramente relativo ao passado do país, mas de uma história que estava sendo construída naquele exato momento de efervescência política da Revolução Mexicana. Assim, ao escrever "*I find myself eager to turn the pages of this wonderful new chapter*", a autora transparece a noção de que irá vivenciar um momento histórico em que ela mesma detém o potencial de identificar como um novo capítulo a vir.

⁹⁷ MEYER, Eugenia. Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O'Shaughnessy. *Anuario de Historia*, ano III, 1963. p. 184.

2.2. Diplomatic Days

Publicado em 1917 pela eminente casa editorial Harper Brothers, companhia nacionalmente conhecida desde o século XIX e que perdurou por mais de um século nos Estados Unidos,⁹⁸ *Diplomatic Days* foi o segundo livro lançado por Edith O'Shaughnessy sobre sua estadia no México. Embora compile a correspondência direta da autora para sua mãe entre os anos 1911 e 1912, ou seja, anos relativos à primeira viagem da autora ao México, o livro em questão só é publicado depois de *A Diplomat's Wife in Mexico* (1916), que compila a correspondência posterior relativa aos anos 1913 e 1914. A justificativa para esse fato pode ser entendida como uma decisão estritamente publicitária, visto que o retorno do casal do México para o Estados Unidos em 1914 foi bastante adverso por conta da intervenção estadunidense no Porto de Veracruz. Ainda mais, o rompimento das relações exteriores entre os dois países e as fortes críticas da autora a Woodrow Wilson nos últimos dias de viagem poderiam condimentar a divulgação desse material.

Além de tratar de relatos de situações mais recentes ao momento diplomático de ruptura entre o Estados Unidos e o México, e ter potencial político contrário a Woodrow Wilson nas eleições de 1916 por conta da política de intervenção do presidente estadunidense, o livro também significou uma certa desforra da autora para com o futuro da carreira diplomática de Nelson O'Shaughnessy.⁹⁹ Segundo Wood, findada a viagem ao México, Nelson O'Shaughnessy tornou-se agente diplomático especial agregado na embaixada austríaca mas logo foi indicado a outro cargo, o de secretário da embaixada no Rio de Janeiro, em 1915. Tal nomeação foi recebida pelo casal com grande desilusão, pois foi considerada como decadência para a carreira diplomática de

⁹⁸ A Harper Brothers floresceu do ano 1833 ao 1962 até passar pelas fusões Harper & Row (1962-1990) e atual Harper Collins. Ver: EXMAN, Eugene. **The brothers Harper: a unique publishing partnership and its impact upon the cultural life of America from 1817 to 1853**. New York: Harper & Row, 1965; e NORD, D. P., RUBIN, J. S., HALL, D. D., & SCHUDSON, M. (Eds.). **A History of the Book in America. Volume 5. The Enduring Book: Print Culture in Postwar America**. UNC Press Books, 2009.

⁹⁹ PITA GONZÁLEZ, Alexandra, AYALA FLORES, Hubonor. Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy. Tzintzun. **Revista de estudios históricos**, v. 62, 2015, p. 174.

Nelson,¹⁰⁰ e abriu caminhos para que Edith O'Shaughnessy iniciasse o processo de publicação de seus relatos de viagem.

Devido à pouca informação sobre o México acessível ao grande público nos Estados Unidos no início do século XX, a publicação de *A Diplomat's Wife in Mexico* se tornou bastante popular e pôs sua autora em posição de autoridade em questões mexicanas por sua experiência enquanto esposa de diplomata no país. Além disso, o livro alavancou sua imagem política, tornando-a uma das vozes para a campanha presidencial do candidato republicano Charles Evens Hughes contra Woodrow Wilson em 1916, por conta das críticas à administração e política intervencionista em relação ao México.¹⁰¹ Outrossim, a incursão de Pancho Villa em Columbus, Novo México, em março de 1916, e a frustrante reação do governo estadunidense a esse ataque na tentativa de captura do líder revolucionário pouco depois em Chihuahua, também destacou as tensões entre os dois países¹⁰² e colaborou ativamente para chamar a atenção civil para as questões mexicanas, intensificando a demanda de literatura sobre o país, a qual o recém lançado *A Diplomat's Wife in Mexico* devidamente atendia.

Logo, *Diplomatic Days*, publicado em 1917, teve sua divulgação e recepção influenciadas pela boa repercussão de *A Diplomat's Wife in Mexico*, como pode ser visto no anúncio da revista mensal da própria editora, *Harper's Monthly Magazine*:

Harper's Magazine Advertiser

Um Novo Livro da Autora de "*A Diplomat's Wife in Mexico*"

Por Edith O'Shaughnessy

(Sra. Nelson O'Shaughnessy)

Este novo livro é tão encantador como o maravilhoso livro de reminiscências da autora - "*A Diplomat's Wife in Mexico*" - que foi publicado no ano passado. Um grande apreço pela beleza e romance da terra à qual o seu marido, Nelson O'Shaughnessy, foi um diplomata acreditado, e um poder feliz de fazer os outros sentirem isso com ela, juntamente com informações privilegiadas e fofocas divertidas daqueles que se encontram em lugares altos não são frequentemente encontradas juntas como aqui. O livro começa com a Viagem Marítima de Nova Iorque e a introdução do escritor aos tópicos. Depois segue as suas primeiras impressões da Cidade do México, o

¹⁰⁰ WOOD, Molly. Wood, M. M. (1998). **An American diplomat's wife in Mexico: gender, politics and foreign affairs activism, 1907-1927**. Tese (Doutorado em História) - University of South Carolina, Columbia, 1998. p. 145.

¹⁰¹ WOOD, Molly. *A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional, Political, and National Identities in the Early Twentieth Century*. **Frontiers**, v. 25, n. 3, 2004, p. 120-121.

¹⁰² KATZ, Friedrich. Pancho Villa and the Attack on Columbus, New Mexico. **The American Historical Review**, vol. 83, n.1, 1978. p. 101.

cenário de uma casa americana num ambiente novo e pitoresco, a rotina diária e os dramáticos incidentes históricos que a interromperam.¹⁰³

Nota-se que o título do anúncio se apoia em dois pilares para localizar e chancelar *Diplomatic Days*: a aceitação de *A Diplomat's Wife in Mexico*, lançado um ano antes pela mesma editora, e a posição profissional de prestígio de Nelson O'Shaughnessy. Esse segundo recurso corrobora para a identificação da autora em posição sempre secundária e dependente da alegoria simbólica do marido. Contudo, é crucial pontuar que há uma escolha em caracterizar Edith O'Shaughnessy enquanto "*Diplomat's Wife*" ou "*Mrs. Nelson O'Shaughnessy*". Além do próprio título do primeiro livro publicado já sugerir essa designação, essa autoria, embora exponha um costume de submissão das mulheres em relação aos seus cônjuges masculinos, ilustra a prática de mulheres que se dedicaram à sua imagem de esposa de diplomata nos Estados Unidos e beneficiaram-se com as oportunidades associadas a essa posição naquele momento.¹⁰⁴

É importante assinalar que, embora o nome Edith O'Shaughnessy esteja presente na lombada e capa de *Diplomatic Days*, na folha de rosto a caracterização da autora se faz enquanto esposa, além de autora de um produto prévio também ligado ao seu papel social conjugal: "*Edith O'Shaughnessy [Mrs. Nelson O'Shaughnessy] Author of A Diplomat's Wife in Mexico*". Portanto, assim como no anúncio Harper's Monthly Magazine, há uma perspectiva de autoria que assenta o nome da autora para além de um elemento de discurso enquanto nome próprio, construindo um papel que a classifica e a torna exclusiva, ainda que também subordinada. Segundo Foucault,¹⁰⁵ o nome do autor caracteriza um certo modo de ser do discurso que "não é flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas se trata de um discurso que deve ser recebido de certa

¹⁰³ "Diplomatic Days

By Edith O'Shaughnessy

(Mrs. Nelson O'Shaughnessy)

This new book is just as delightful as the author's wonderfully successful book of reminiscences – "A Diplomat's Wife in Mexico" – which was published last year. A keen appreciation for the beauty and romance of the land to which her husband, Nelson O'Shaughnessy, was an accredited diplomat, and a felicitous power of making others feel it with her, together with inside information and amusing gossip of those in high places are not often found together as here. The book begins with the sea Voyage from New York and the writer's introduction to the topics. Then follow her first impressions of Mexico City, the setting of an American household in new and picturesque surroundings, the daily routine and the dramatic historic incidents which interrupted it." A New Book by the Author of "A Diplomat's Wife in Mexico". *Diplomatic Days*. **Harper's Monthly Magazine**. V. CXXXV, jun-nov. 1917. p. 946.

¹⁰⁴ WOOD, Molly, Diplomatic Wives: The Politics of Domesticity and the 'Social Game' in the U.S. Foreign Service, 1905-1941, **Journal of Women's History**, v. 17, n. 2, 2005, p. 146.

¹⁰⁵ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Veja, 2015, p. 45-46.

maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto."¹⁰⁶ Nesse sentido, levando em consideração a função-autor enquanto uma aplicabilidade do discurso em que se faz necessário um distanciamento entre a pessoa que escreveu o texto e o sujeito a qual o texto é atribuído,¹⁰⁷ podemos considerar que *Diplomatic Days* exerce uma função dupla de produto de um discurso e ferramenta para legitimação do mesmo. Ou seja, a caracterização da autora enquanto esposa de um diplomata conjectura um plano de recepção que promove o livro com respaldo no *status* e na experiência do serviço diplomático, ao mesmo tempo em que usa desse poder para ratificar a voz da elite da qual a autora faz parte. Assim, o nome Edith O'Shaughnessy é afirmado como um crédito singular que circunda a obra da autora, trazendo significado e revelando o poder de sua precedência a partir da categoria referente ao seu discurso de integrante ao universo diplomático.

Outra intenção publicitária do anúncio da Harper's Monthly Magazine é exaltar a divulgação de informações extraoficiais exclusivas, além da apresentação de um local exótico e enigmático, e da própria descrição da embaixada estadunidense, o que a editora assume ser demandado por um grande público interessado por narrativas privadas e curiosidades. Nessa mesma edição, a revista trouxe trechos de *Diplomatic Days* como degustação, através de algumas cartas selecionadas pelo editor em três amostras: a primeira parte contém algumas cartas sequenciadas de maio de 1911, a segunda parte traz cartas de junho, agosto, setembro e outubro de 1911, e a terceira parte compõe cartas entre janeiro e outubro de 1912. Ou seja, tal demonstração, como prova generosa de vários momentos do livro, serve de propaganda para aguçar sua compra pelos leitores da revista que poderiam ou não ter acessado o lançamento anterior da autora, *A Diplomat's Wife in Mexico*, lançado pela mesma editora um ano antes. Todas as partes dessa prova têm como ilustração uma série de fotografias que, embora não estejam presentes em sua totalidade no livro, também colaboram para a divulgação do produto e aproximam seus leitores-alvo do conteúdo das cartas. As partes um e dois da amostra ainda possuem introduções do editor:

[Nenhum livro sobre os recentes acontecimentos no México teve uma recepção mais ampla ou mais entusiasta do que "A Diplomat's Wife in Mexico", pela Sra. Nelson O'Shaughnessy, esposa do encarregado de negócios americano e embaixadora em exercício durante os dias do regime de Huerta e Segundo Secretário da Embaixada Americana antes dessa altura.

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ CHARTIER, Roger. Literatura e história. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 1, n. 1, p. 197-216, 2000, p. 199.

As seguintes cartas à sua mãe - com outras que se seguirão - contam as experiências anteriores da Sra. O'Shaughnessy no México - a queda da administração Diaz e o breve e trágico governo de Madero. – Editor]¹⁰⁸

[As páginas seguintes das cartas da Sra. O'Shaughnessy à sua mãe oferecem uma imagem íntima da vida nos círculos diplomáticos da capital mexicana durante os dias que antecederam a tomada de posse de Madero e o fim da presidência provisória de De La Barra. Os leitores do volume recentemente publicado da Sra. O'Shaughnessy, *A Diplomat's Wife in Mexico*, reconhecerão muitas das figuras deste brilhante grupo diplomático que aqui participam num capítulo anterior mas não menos interessante da história mexicana. – Editor]¹⁰⁹

Como podemos observar, as introduções do editor da *Harper's Monthly Magazine*, além de respaldarem *Diplomatic Days* na boa recepção de *A Diplomat's Wife in Mexico* e no status profissional de Nelson O'Shaughnessy, trazem uma enunciação de temas do livro centrados na situação administrativa do governo do México entre 1911 e 1912, como o fim do governo de Porfirio Diaz e as administrações de Francisco León de la Barra e de Francisco Madero, o que chama a atenção para a rede de sociabilidade prestigiada da autora enquanto parte de um círculo diplomático.

O entrecruzamento social dos "personagens" do livro é elementar para substancializar uma série de situações tópicas à estadia da autora, visto que entre os temas abordados nas cartas sobressaem-se eventos sociais, como jantares e passeios e, conseqüentemente, espaços de sociabilidade, como o prédio da própria embaixada ou residências particulares frequentadas pelas delegações estrangeiras e pela elite política mexicana. Esses espaços são de suma importância para a narrativa da autora, posto que representam os cenários que dão sentido ao clima não apenas político, mas também, afetivo e intelectual, das reuniões de uma elite político-diplomática, onde são tratados assuntos solenes e burocráticos, tocantes às questões oficiais, mas também questões extraoficiais que descortinam bastidores desse escol específico.

¹⁰⁸ “[No book dealing with recent events in Mexico has had a wider or more enthusiastic reception than “*A Diplomat's Wife in Mexico*”, by Mrs. Nelson O'Shaughnessy, wife of the American chargé d'affaires and acting ambassador during the moments days of the Huerta régime and Second Secretary of the American Embassy before that time. The following letters to her mother – with others that are to follow – recount Mrs. O'Shaughnessy's earlier experiences in Mexico – the fall of the Diaz administration and the brief tragic rule of Madero. – Editor.]” *Diplomatic Days in Mexico* (part 1). **Harper's Monthly Magazine**. V. CXXXV, Jun-Nov. 1917, p. 518.

¹⁰⁹ “[The following pages from Mrs. O'Shaughnessy's letters to her mother offer an intimate picture of life in diplomatic circles at the Mexican capital during the moments days leading up to Madero's inauguration and the end of De La Barra's provisional presidency. Readers of Mrs. O'Shaughnessy's recently published volume, *A Diplomat's Wife in Mexico*, will recognize many of the figures in this brilliant diplomatic group who here participate in an earlier but not less interesting chapter of Mexican history. – Editor.]” *Diplomatic Days in Mexico* (part 2). **Harper's Monthly Magazine**. V. CXXXV, Jun-Nov. 1917, p. 707.

Nesse ponto, é também importante retomar que *Diplomatic Days* deve ser pensado a partir de mais de uma materialidade, já que antes de compor um livro, o texto presente foi concretizado a partir das cartas que a autora enviou para sua mãe durante sua estadia, e, portanto, implica um processo complexo e técnico de mobilidade literária quando é publicado. Publicar correspondências privadas faz parte de uma tradição antiga que pode ser provada pelo próprio mercado editorial e pelo público dedicados às correspondências. O plano prévio de alcançar outros leitores-alvo futuros para além do destinatário nem sempre ser detectado, ou descartado, ao se fazer análises epistolares. Contudo, muitas vezes quem escreve cartas apenas alcança essa apreciação mais ampla dos leitores do porvir, seja um alguém diferente do destinatário ou um grande público, a partir da notoriedade adquirida pelo epistológrafo e, também, do conteúdo da carta.¹¹⁰

Se decomusermos o texto a partir desses dois formatos, ou seja, a correspondência manuscrita original e o livro impresso com essa correspondência, podemos inferir que, apesar de comporem materialidades inseparáveis com a publicação do texto, elas configuram trabalhos distintos, pois figuram objetos com uma existência destacável. Em conformidade com Roger Chartier,¹¹¹ essa questão exemplifica a discussão de que todo texto é indissociável de seu formato, o que lhe confere uma existência e apropriações particulares que lhe demandam um significado próprio. Importa a esta dissertação, portanto, que se assumam a especificidade de *Diplomatic Days* a partir de sua dimensão pública de livro. Assim, deve-se sublinhar suas limitações referentes a sua materialidade, considerando as transformações e operações editoriais técnicas que configuram um objeto em particular. Mas também não se pode negar que, embora sua organização implique prováveis escolhas editoriais para a publicação, o conteúdo do livro é composto pela correspondência da autora. Mesmo que não se tenha acesso ao manuscrito original das cartas, e todas as peculiaridades físicas e sensoriais simbólicas que esse suporte permite, ou seja, tipo de papel e envelope, caligrafia, dobras do papel, perfumes,¹¹² etc, o conteúdo presente em *Diplomatic Days* não é alterado enquanto gênero textual.

¹¹⁰ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. EDUSP, 2016. p. 13-14.

¹¹¹ CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. **São Paulo: Editora UNESP**, 2014. p. 25-27.

¹¹² Sobre materialidade das correspondências ver HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Dimensão material e social. In **Escritas epistolares**. EDUSP, 2016. p. 61-75; GOMES, Angela de Castro. Em família: Correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004; GASTAUD, Carla Rodrigues. **De**

2.3. A prática epistolar

Prática comum aos intelectuais, as correspondências são um dos suportes possíveis de uma obra, que além de proporcionar um espaço de registro de atividades, sentimentos e planejamentos, convencionam-se muitas vezes em descrições de acontecimentos do dia-a-dia que nos permitem ter acesso à individualidade de quem as escreve. O estudo de cartas permite a aproximação com uma série de elementos cardeais à figura do autor, tal como sua rede e espaços de sociabilidade, uma vez que em geral a carta é estreitamente ligada às experiências de seu autor e representa um formato de escrita subjetiva e existencial.¹¹³ A correspondência dispõe muitas vezes o que podemos entender como laboratório de criação, ou seja, apresenta experimentações estéticas e literárias, encaixando-se como a "primeira forma" de uma obra. De acordo com Brigitte Diaz, o processo de escrita epistolar funciona como uma gênese para o engajamento literário e retêm, inclusive, todos os estágios da comunicação literária a partir da noção de que um remetente se dirige ao um destinatário da mesma maneira que um autor se dirige a um público.¹¹⁴ Assim sendo, o hábito de Edith O'Shaughnessy em corresponder-se com sua mãe sobre o cotidiano de sua viagem ao México denota não apenas a intenção familiar de transmitir notícias, mas também uma finalidade de desempenhar uma prática criativa de literatura.

Segundo o prefácio de *A Diplomat's Wife in Mexico*, a própria autora aponta que as cartas sobre a viagem ao México foram escritas a sua mãe "dia-a-dia, a partir de um hábito de anos, para consolar uma a outra perante a distância e sem nenhuma intenção de publicação."¹¹⁵ Esse hábito de correspondência entre filha e mãe também é investigado por Pita González e Ayala Flores, que constatam ser, de fato, um costume prévio, já que o arquivo pessoal de Edith O'Shaughnessy possui uma quantidade significativa de cartas remetidas a sua mãe que, embora não tão frequentes, datam de

correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹³ GÓMEZ, Antonio Castillo; D'ALBIS, Cécile. Entre public et privé: Stratégies de l'écrit dans l'Espagne du Siècle d'Or. In: **Annales. Histoire, sciences sociales**. Cambridge University Press, 2001, p. 819.

¹¹⁴ DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar, ou, O pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 74-77.

¹¹⁵ O'SHAUGHNESSY, Edith. Foreword. In **A Diplomat's Wife in Mexico: Letters from the American Embassy at Mexico City, Covering the Dramatic Period Between October 8th, 1913, and the Breaking Off of Diplomatic Relations on April 23rd, 1914, Together with an Account of the Occupation of Vera Cruz**. Nova Iorque e Londres: Harper & Brothers, 1916.

momentos anteriores à viagem.¹¹⁶ Todavia, é elementar pontuar que uma vez enviada, a propriedade da carta é transferida de forma integral para o destinatário, ficando vulnerável aos seus cuidados e negligências.¹¹⁷ Portanto, a figura da mãe exerce um papel benevolente para o exercício dissertativo de O'Shaughnessy, participando substancialmente enquanto mediadora da autora em relação à sua escrita, e também como guardiã desses escritos.

Assim, embora exista uma dimensão familiar e afetiva que não podemos desconsiderar, "a ligação epistolar é, de imediato, ligação com a escrita, que a presença do outro irriga e dinamiza,"¹¹⁸ o que explica um fazer epistolar que não apenas contempla questões domésticas, autobiográficas e parentais, mas que muito aborda conteúdos de significância histórica e crítica política. Podemos ter como alguns dos muitos exemplos desse tipo de produção a correspondência que trata do Plano de San Luis Potosí, cujo manifesto é definido pela autora como um "documento político bastante pessoal e arbitrário," mas facilmente aplicável, segundo cita a autora, por conta da boa quantia de "aproximadamente 65 milhões" deixada por Porfirio Diaz no tesouro mexicano;¹¹⁹ ou ainda, a correspondência que aborda a prisão do general Bernardo Reyes, que O'Shaughnessy ironiza ao afirmar que o militar, ao rebelar-se contra Madero através do Plan de la Soledad, estava fazendo o mesmo que Madero fez a Diaz, e que, a partir dessa situação, embora a postura do então presidente fosse querer "esmagar com os possíveis movimentos revolucionários com mão de ferro, suas mãos não possuíam nem ferro ou algo que pudesse esmagar."¹²⁰

Dessa maneira, percebemos que, quando enviadas a sua mãe, as cartas de Edith O'Shaughnessy são uma consequência do gesto de escrita particular da autora, servindo, antes de qualquer remetente, a ela mesma, e constituindo uma possibilidade de auto-treinamento e reflexo de si em que a autora se manifesta tanto para si própria quanto para o destinatário. Trata-se de uma "presença imediata," onde a autora manipula sua própria individualidade e pode ofertar a si mesma o produto desta construção¹²¹ - um

¹¹⁶ PITA GONZÁLEZ, Alexandra; AYALA FLORES, Hubonor. Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy. **Tzintzun. Revista de estudios históricos**, n. 62, 2015. p. 159.

¹¹⁷ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 23.

¹¹⁸ DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar, ou, O pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 75.

¹¹⁹ O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917, p. 43.

¹²⁰ *Idem*, p. 157.

¹²¹ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega. 2015, p. 146-150.

produto, inclusive, de um estilo de vida que combina banalidades do dia-a-dia do jogo social com as situações únicas e extraordinárias que apenas a rede de sociabilidade político-diplomática presente no México daquele momento poderia oferecer, mais ainda do que à esposa de um diplomata, à esposa de um diplomata estadunidense.

Contudo, é importante salientar que o destinatário não é simplesmente uma releitura acessória em sua função mediadora para a escrita epistolar, visto que há na prática de correspondência o que Foucault entende como uma harmonia entre o olhar do outro e o olhar sobre si mesmo.¹²² Portanto, tendo em vista essa relação entre remetente e destinatário, o processo de escrita epistolar pelo qual O'Shaughnessy se constrói não deixa de levar em conta a presença e valor de quem a lê enquanto parte essencial dessa produção, pois, nesse caso, para além de dimensão materna, "o reflexo de si próprio observado na carta complica-se com o olhar do outro,"¹²³ ou seja, o contato com o ausente já pressupõe um discurso imanente ao olhar do outro em questão e a própria correspondência tanto já oferece traços para perceber essa projeção quanto pode fornecer um tipo de leitura que se quer gerar:¹²⁴

10 de Maio.

Uma palavra apressada a tiracolo. Não acredite em tudo que vê nos jornais e, principalmente, não deixe o Paris Herald deixá-la em pânico. Estamos bem e amanhã nos mudamos para o lar agradável. Caso haja motins, podemos usar não apenas um carvalho, mas dois, pois há um conjunto duplo de portas para o grande vestíbulo que leva ao pátio, e subimos um lance, no que os italianos chamariam de *piano nobile*. Nada acima, mas um telhado plano, conveniente e acessível. Disseram-me que o telhado é uma grande característica da vida latino-americana, especialmente nos dias revolucionários.

Escrevo longamente sobre a disposição da casa porque sei que você gostaria de ouvir; não porque haja uma chance em mil do cerco tão falado, embora pareça na nota encomendar grandes suprimentos das mercearias americanas, e as pessoas estão tendo suas portas e venezianas reforçadas. A luta na fronteira ainda não tem nada a ver conosco.¹²⁵

¹²² FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega. 2015, p. 160.

¹²³ DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 2, 2014, p. 239.

¹²⁴ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: EDUSP, 2016. pp. 13-14.

¹²⁵ "May 10th.

A word in haste by the pouch. Don't believe all you see in the newspapers, and specially don't let the Paris Herald make you panicky. We are well, and to-morrow we move into the pleasant home. In case there are riots we can sport not only one oak, but two, as there is a double set of doors to the large vestibule leading into the courtyard, and we are up one flight, in what the Italians would call the piano nobile. Nothing above but a flat, convenient, accessible roof. I am told the roof is a great feature of Latin-American life, especially in revolutionary days.

A carta acima demonstra um pouco da combinação entre o olhar do remetente e do destinatário e ressalta o estímulo de um discurso construído a partir do que se espera que o destinatário gostaria de ler. Nota-se que existem duas intenções primárias que regem o conteúdo e são expressamente próprias a uma relação de cuidado e preocupação familiar: comunicar que se está bem e distante do conflito na fronteira; e informar sobre a casa para qual a família estaria se mudando. Mas, a partir do propósito de tranquilizar a mãe sobre sua estadia no México revolucionário, e principalmente diante a tensão entre Diaz e Madero no limite de Chihuahua, a autora discorre criticamente sobre a arquitetura das casas do país – o que já vinha falando em cartas anteriores e o que tudo indica parecia fazer o gosto da mãe – e comenta sobre a disposição dos cômodos e o uso da laje, cujo costume é ironizado enquanto anormal e inseguro. Além disso, embora reitere sobre seu bem estar, não deixa de transparecer alerta diante da situação de conflito no país, já que menciona as pessoas estarem reforçando suas entradas domiciliares e especifica, mesmo que de maneira jocosa, a possibilidade de se proteger com duas portas em risco de alguma conflagração, uma vez que parece não negar a possibilidade de uma ameaça futura.

Segundo Angela de Castro Gomes “a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo que está determinada por objetivos e pela sensibilidade que a provoca.”¹²⁶ Nesse sentido, a carta apresentada ilustra a captura de um momento específico e significativo da viagem, ao tratar tanto da resolução das buscas por uma moradia quanto de um momento-chave da Revolução Mexicana relacionado à situação da fronteira. É provável que Edith O'Shaughnessy, embora bastante a par dos assuntos oficiais daquele momento, não tivesse a percepção de que o conflito em Chihuahua viria significar uma etapa crucial para o futuro da Revolução. Contudo, através da data da carta podemos perceber que a autora estava se referindo a momentos que antecedem ao que entendemos na historiografia como a Batalha de Ciudad Juárez, curiosamente ocorrida no exato dia que escreveu a carta acima, que resultou na renúncia e exílio de Porfírio Diaz e no governo interino de Francisco León De la Barra.¹²⁷ De toda forma, o

*I write at length about the disposition of the house because I know you like to hear; not because there is one chance in a thousand of the siege so much talked about, though it seems in the note to order large supplies from the American grocery-stores, and people are having their doors and window-shutters strengthened. The fighting on the frontier has nothing, as yet, to do with us.” O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917, p. 22.*

¹²⁶ GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004, p. 11.

¹²⁷ A tomada de Ciudad Juárez em 10 de maio de 1911 está inserida em um complexo processo de negociações e confrontos políticos e militares entre as tropas federais ao lado de Porfírio Diaz e as tropas

relato apresenta uma situação excepcional digna de nota para a autora que, ao mesmo tempo que aparenta querer tranquilizar sobre o cenário de agitação, comentando sobre a disposição da casa como uma distração, não deixa de falar sobre o assunto ou mesmo detalhar iniciativas de resguardo caso as revoltas atingissem na Cidade do México.

Assim como na leitura de toda correspondência publicada, ao lermos o conjunto de cartas de *Diplomatic Days* ocupamos um espaço e tempo exterior ao da dupla epistolar e redação em questão. Além disso, por razões óbvias, o livro não possui qualquer carta da mãe da autora, Jeanne August McKenney, e, portanto, trata-se apenas da “correspondência direta”¹²⁸ de Edith O’Shaughnessy, isto é, uma correspondência que se apresenta apenas por uma única voz. Como consequência dessa condição de monólogo, a leitura que logramos das cartas do livro se constrói por um sistema que contempla somente um ponto de vista do diálogo, sem acessar as reações e emoções expedidas como resposta ao que a autora escreveu, mas não deixa de permitir que possamos delinear, de alguma forma, a identidade do destinatário. Não obstante, a intimidade do laço afetivo em questão expõe uma liberdade discursiva, comum das cartas escritas a familiares,¹²⁹ que é facilmente perceptível ao notarmos o teor das mensagens e a regularidade da escrita:

12 de Maio

(...)

O jantar dos doze na Embaixada, ontem à noite, foi muito agradável. O anúncio do Presidente Taft de que não haveria intervenção fez com que todos se sentissem tranquilos novamente. Havia rumores na cidade sobre possíveis decisões em Washington. Sentei-me entre o embaixador e um estadunidense, o Sr. McLaren, íntimo de Madero, em cuja casa ele estava escondido no outono passado, quando corria o risco de ser preso.

Eu estava mais interessada em ouvir, em primeira mão, sobre Madero. O Sr. McLaren, um advogado inteligente com uma longa experiência no México, diz que [Madero] é inspirado, iluminado, altruísta, com apenas uma ideia, a regeneração do México. Ele parece não ter dúvidas de que Madero será capaz de resolver a situação mexicana em linhas altas e amplas, e acha que certamente estará aqui, na cidade, pela força ou pela abdicação de Díaz, dentro de um ou dois meses.

revolucionárias que apoiavam Francisco Madero. O ataque e tomada da cidade aconteceu enquanto era discutido um armistício para a suspensão dos confrontos e a retirada das tropas de Madero do local, todavia alguns desacordos fizeram com que as tropas não cessassem fogo e continuassem a ofensiva que deu vitória às tropas maderistas. Ver CUMBERLAND, Charles C. **Mexican Revolution: Genesis under Madero**. University of Texas Press, 1974, p. 138-151.

¹²⁸ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. EDUSP, 2016, p. 41.

¹²⁹ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *op. cit.*, p.41.

O Sr. Wilson, pelo contrário, disse-me novamente que via com pavor a derrubada do regime de Díaz. Embora o presidente tenha oitenta e três anos, com muitas das enfermidades e obstinações da velhice, ele também preserva muitas das qualidades que o tornaram grande, e o Sr. Wilson disse que pessoalmente, em todas as suas relações com ele, nunca o encontrou com falta de compreensão ou energia.¹³⁰

O trecho apresentado acima é relativo à carta do dia 12 de maio e constitui a sequência da carta do dia 10 de maio de 1911, há pouco apresentada neste trabalho. A periodicidade com que a autora se dedica à prática epistolar, assim como a possibilidade de ler sua produção de forma contínua, permite-nos acompanhar o enredo quanto à situação conflituosa daquele momento e identificar pouco a pouco os processos de desenlace do embate entre as tropas revolucionárias e federais na fronteira, bem como a conduta e opinião de alguns personagens de sua rede de sociabilidade político-diplomática sobre a conjuntura e as figuras de Díaz e Madero. Um exemplo muito significativo dessa perspectiva é o comentário sobre ter sido agradável saber da decisão do presidente dos Estados Unidos, William Howard Taft, em desconsiderar uma intervenção no México em função dos conflitos em Chihuahua. Sabemos, contudo, que Taft ordenou a presença de suas tropas na fronteira com o México desde inícios de março em função dos ataques de Madero em Casas Grandes e, principalmente, pela desconfiança de que Díaz pudesse efetivamente proteger a propriedade privada de cidadãos estadunidenses presentes no México, o que demonstrava uma perda de confiança do governo dos Estados Unidos na garantia de paz naquele território pelas forças federais mexicanas. Essa deliberação foi recebida pelo governo mexicano como uma grande afronta e acentuou consideravelmente o conflito, somando-se, a partir disso,

¹³⁰ “May 12th. (...) The dinner of twelve at the Embassy last night was very pleasant. President Taft’s announcement that there would be no intervention made every one feel easy again. Rumors had been rife in town as to possible decisions in Washington. I sat between the ambassador and an American, Mr. McLaren, an intíme of Madero, in whose house he lay concealed last autumn when he was in danger of arrest.

I was most interested in hearing, at first hand, about Madero. Mr. McLaren, a clever lawyer with a long experience of Mexico, says he is inspired, illuminated, selfless, with but one idea, the regeneration of Mexico. He seems to have no doubt of Madero’s being able to work out the Mexican situation along high, broad lines, and thinks he will surely be here, in the city, through force or the abdication of Díaz, within a month or two.

*Mr. Wilson, on the contrary, told me again he saw with dread the overthrow of the Díaz régime. Though the President is eighty-three, with many of the infirmities and obstinacies of old age, he also preserves many of the qualities that made him great, and Mr. Wilson said that he personally, in all his dealings with him, never found him lacking in understanding or energy.” O’SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917. pp. 22-24.*

o receio de uma intervenção estadunidense no México.¹³¹ Portanto, o comentário da autora sobre a não intervenção ter acalmado a Embaixada a respeito dos conflitos na fronteira denota tanto que havia um sentimento de preocupação com uma possível interferência de Taft quanto um entendimento de grande influência do Estados Unidos na Revolução.

O formato de *Diplomatic Days* permite, a partir de cartas dispostas em continuidade, uma leitura facilitada da produção epistolar de O'Shaughnessy em que podemos visualizar, além dos fluxos de interação entre personalidades do contexto e pormenores sociais do que a autora destaca ao fazer seu relato, alguns estágios do processo revolucionário no México. É o que se pode perceber, por exemplo, em sua exposição acerca da opinião de Mr. McLaren, que, segundo O'Shaughnessy, era partidário de Madero e acreditava na breve abdicação de Díaz e sucesso maderista, e também em sua exposição acerca da opinião do embaixador do Estados Unidos no México, Henry Lane Wilson, em relação a Porfírio Díaz, que, a partir da carta, parecia ter certo apreço pelo presidente mexicano. Além disso, é pertinente destacar novamente a importância dos espaços de sociabilidade para a construção desse relato, uma vez que a autora alcança essas conversas a partir dos jantares da Embaixada que permitem à mesa a possibilidade de conversas desse teor.

Apesar das cartas presentes no livro apresentarem uma periodicidade muito intensa, em que podemos encontrar correspondências datadas de quase todos os dias da estadia e, em muitas delas, em mais de um momento de mesmo dia, não temos como saber a regularidade do envio e/ou se a autora expedia mais de uma carta ao mesmo tempo, já que focamos na dimensão do livro e não nas cartas enquanto um objeto que, acompanhadas de envelopes, poderiam nos fornecer a resposta para essa questão. Uma vez que a prática epistolar depende do funcionamento do sistema postal¹³² e o serviço em questão comportava o trânsito entre México e Itália, é bem provável que O'Shaughnessy tenha remetido cartas referentes a mais de um dia em conjunto algumas vezes. Todavia, é patente que seu hábito de escrever cartas se dava de forma ritualística e profusa mesmo com a potencial morosidade dos correios que, nesse sentido, ampliava

¹³¹ FARRIER, Paul Everest. Taft and Mexico: neutrality, intervention and recognition, 1910-1913. 1966. p. 45-49; CUMBERLAND, Charles C. **Mexican Revolution: Genesis under Madero**. University of Texas Press, 1974, p. 32-41.

¹³² HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: EDUSP, 2016. p. 69-70.

a distância física entre mãe e filha. Isso demonstra o que, segundo Haroche-Bouzinac, corresponde à defasagem produzida pela duração do envio:

Remetente e destinatário movem-se na contramão um do outro. O primeiro, voltado para o futuro, deve projetar-se para o momento da recepção e imaginar quais poderão ser as disposições do receptor num futuro do qual ignora quase tudo. Suas capacidades deverão ser essencialmente as da antecipação. Em contrapartida, o destinatário deve ter em conta que a mensagem recebida não pode ser considerada atual, porque pertence já ao passado: as reflexões contidas na carta dizem respeito a decisões já tomadas, eventos quase sempre encerrados.¹³³

Tendo isso em vista, podemos deduzir que a rotina de correspondência de O'Shaughnessy para sua mãe considerava o tempo de envio das cartas como um detalhe subjacente e acatado como parte do processo epistolar. Uma vez que a recepção das cartas acontece em momentos futuros, comunicados como a movimentação insurgente em inícios de maio na fronteira, ou sobre a segurança da Cidade do México naquele momento, a correspondência poderia ser lida quando o cenário revolucionário já tivesse passado por transformações substanciais. Porém, tal probabilidade não é tida como uma limitação para relatar os acontecimentos do dia-a-dia, o que indica tanto um assentimento com a questão da defasagem epistolar, o que também ratifica a troca de correspondências ser um hábito constante entre a dupla em questão, quanto denota uma intenção criativa desse hábito manifestada a partir da fixação de momentos específicos com objetivos para muito além de uma notificação. Dessa forma, "as cartas são sempre escritas em um ponto específico do tempo que influencia seu conteúdo, mesmo que não explicitamente,"¹³⁴ mas, quando remetidas, seu tempo é recorrido com o momento da leitura.

A correspondência de Edith O'Shaughnessy exemplifica uma característica comum desse tipo de documento, representando ao mesmo tempo um ato individual e uma prática social que tem objetivos claros de construir identidades, e principalmente a própria identidade da autora enquanto esposa de diplomata. No entanto, essa mesma característica nos leva a uma problemática comum dos arquivos pessoais e chama a atenção para os perigos na análise desse tipo de fonte: assim como todo arquivo pessoal, as correspondências privadas muitas vezes aparentam constituir um produto autêntico da intimidade que revela confidências e segredos ao destinatário. Dessa forma, é

¹³³ *Idem*, p. 111.

¹³⁴ STANLEY, Liz. The epistolarium: On theorizing letters and correspondences. *Auto/biography*, v. 12, n. 3, 2004, p. 208.

essencial que o exame desse tipo de documento seja feito de maneira não ingênua tanto em relação ao conteúdo textual e características de seu suporte material, quanto em relação à intenção do epistológrafo ser lido por terceiros ou ainda publicados em um momento futuro.

Segundo Christophe Prochasson, as correspondências oferecem muitas armadilhas aos historiadores, especialmente a partir da ideia de que podemos estar desvendando a intimidade de quem as escreve e chegando a informações autênticas por conta de seu caráter privado. Esse tipo de fonte, assim como outros exemplos de arquivos pessoais, pode reservar conteúdos dissimulados e ricos em retórica, podendo portanto, enganar pesquisadores principalmente em relação ao propósito de transformar algo íntimo em algo público.¹³⁵ Através de uma expectativa perigosa e enganosa, pesquisadores podem muitas vezes ter a impressão de que documentos privados são repositórios seguros de informações de uma vida.¹³⁶ Esse engodo característico das correspondências reflete, nas palavras de Angela de Castro Gomes, uma "ilusão da verdade", uma vez que os documentos pessoais possibilitam um trato mais próximo com os sujeitos/objetos de pesquisa e fornecem informações valiosas através de seu suporte, ao mesmo tempo em que podem trazer problemas de interpretação caso não seja feita uma leitura que problematize a "espontaneidade", a "autenticidade" e a "verdade" dos documentos.¹³⁷

Portanto, as cartas de *Diplomatic Days* enquanto documento histórico devem ser compreendidas a partir de uma crítica teórico-metodológica que seja também capaz de amparar seu conteúdo por outros textos, como a bibliografia específica sobre a Revolução Mexicana ou sobre as relações internacionais entre Estados Unidos e México durante o recorte temporal em questão. Não se trata de deslegitimar a veracidade do conteúdo das cartas de Edith O'Shaughnessy em *Diplomatic Days*, mas sim de indagar esse material a partir de sua competência característica de relato e a partir da produção de um discurso.

Não cabe a nós delimitar a verdade ou a completude do tema que a autora aborda enquanto analisamos essa produção epistolar, mas, por outro lado, é imprescindível

¹³⁵ PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998, p. 111-112.

¹³⁶ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, 1997, p. 41-42.

¹³⁷ DE CASTRO GOMES, Ângela Maria. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998, p. 125-126.

reconhecer as circunstâncias que atravessam essa produção, além de ter como base que a autora constrói uma narrativa de sua própria vida a partir de elementos selecionados e destacados para tal. Por conseguinte, frisar a trajetória e o contexto social da autora enquanto intelectual e esposa de um diplomata estadunidense presente no México entre os anos em questão é tão importante quanto destacar o formato de seu relato e o processo editorial que se dá poucos anos depois da viagem, já que é seu contexto social que atravessa e viabiliza a produção de suas correspondências no tempo, espaço e formato que se realizam: "a carta, melhor do que qualquer outra expressão, associa o lugar social e a subjetividade."¹³⁸

A subjetividade de *Diplomatic Days* enquanto correspondência, portanto, permite-nos pormenorizar a construção do indivíduo Edith O'Shaughnessy pelo discurso da própria autora e através de suas próprias movimentações, demandas e indagações particulares centradas em seu universo político-diplomático. Contudo, levando-se em consideração o "campo de possibilidade"¹³⁹ intrínseco na construção dessa identidade, vimos que é fundamental demarcar o contexto da personalidade da autora, analisando seus projetos para compreender a perspectiva memorial¹⁴⁰ do relato presente em *Diplomatic Days*. Ora, se toda correspondência, assim como toda produção documental, é gerada a partir de uma vontade humana, ela é passível de interferências, escolhas plásticas e rotas calculadas para um objetivo específico. Dessa forma, podemos dizer que a autora se empenha em sua produzir uma autoimagem em sua produção epistolar, a qual é difundida e legitimada quando as cartas são publicadas *a posteriori*.

Em suma, o conjunto de correspondências de Edith O'Shaughnessy para sua mãe, que constitui uma trama detalhada com início, meio e fim, compõe ainda outro objeto distinto em propósito e materialidade e, portanto, de leitura metodologicamente distinta: o próprio livro, *Diplomatic Days*. Em sua amplitude subjetiva e enquanto conjuntos de fontes distintos, cartas e livro figuram cada qual "um objeto construído, inscrito no tempo e no espaço social."¹⁴¹ Resta ainda analisar a especificidade de

¹³⁸ CHARTIER, Roger. (Dir). **La Correspondance. Les usages de la lettre au XIX siècle**. Paris: Fayard, 1991, p. 9.

¹³⁹ VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Zahar, 1994, p. 39-40.

¹⁴⁰ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, 1997, p. 62.

¹⁴¹ DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 80.

Diplomatic Days enquanto literatura de viagem, o outro gênero em que a fonte está inscrita. Contudo, é importante retomar o caráter específico da materialidade do texto enquanto livro, uma vez que é a partir da realização editorial que sua audiência é ampliada e se faz possível.

2.4. O relato de viagem

Sexta-feira, 5.

Chegando a Vera Cruz.

[...] Tenho uma profunda emoção de excitação quando penso no México em revolução que nos aproxima, fervilhando tão rapidamente para o centro de tudo. As vitórias, as derrotas, as glórias, as humilhações, os desaparecimentos, e as destruições a que podemos assistir, todo o desconhecido perturbado e magnético que nos espera! Ao olharmos para o jornal no boudoir fresco, escuro e vasto da Sra. Jackson, vimos que a revolução de Madero está a assumir grandes proporções. Coisas antigas e novas lutando pela supremacia, "e os céus acima de todos eles".

[...] Aterrámos em Vera Cruz por volta do meio-dia, segundo o capitão Smith, e podemos pegar um trem noturno (treze horas) até a Cidade do México. Tive a ideia de persuadir N. a esperar, para que pudéssemos fazer a famosa viagem de dia. Mas o comboio parte às 6 da manhã, o que significaria uma noite em Vera Cruz, e o que ouço sobre os hotéis não é inspirador de confiança. Tenho a sensação de estar completamente à mercê do desconhecido e do apenas parcialmente controlado - micróbios desconhecidos, humanidades desconhecidas, tudo desconhecido; e ali está o rapaz de olhos azuis, por isso provavelmente deixaremos a paisagem se entreter.¹⁴²

Toda viagem manifesta uma realidade de deslocamento, locomoção e mudança. Toda mudança implica transformações, sejam elas espaciais e/ou pessoais, que se

¹⁴² "Friday 5th.

Nearing Vera Cruz.

[...] I have a deep thrill of excitement when I think of the Mexico in revolution that we are nearing, steaming so quickly to the center of it all. The victories, the defeats, the glories, the abasements, vanishings, and destructions we may witness, all that troubled magnetic unknown awaiting us! In looking over the newspaper in Mrs. Jackson's cool, dim, vast boudoir we saw that the Madero revolution is taking on great proportions. Old things and new wrestling for supremacy, "and the heavens above them all."

[...] We land at Vera Cruz about noon, according to Captain Smith, and can take a night train (thirteen hours) up to Mexico City. I had some thought of persuading N. to wait over, that we might make the famous journey by daylight. But the train leaves at 6 A.M., which would mean a night in Vera Cruz, and what I hear about the hotels is not confidence-inspiring. I have a feeling of being completely at the mercy of the unknown and the only partially controllable—unknown microbes, unknown humanities, unknown everything; and there is the blue-eyed boy, so we will probably let the scenery enjoy itself." O'SHAUGHNESSY, Edith. *Diplomatic Days*. Harper & Brothers, 1917, p. 11.

relacionam com expectativas, projetos e especulações sobre o que se entende como novo, diferente. Relatar uma viagem é, portanto, expressar sensações e personalidades implícitas a esse processo, de modo que a narrativa, mesmo focalizada em conteúdos informativos sobre o lugar para onde se viaja, conserva as representações sociais e os repertórios culturais de quem a constrói. Logo, assim como “o narrador retira o que ele conta da sua própria experiência,”¹⁴³ a “viagem e relato aplicam-se mutuamente,”¹⁴⁴ ao passo de que o relato não somente é arquitetado a partir dos conhecimentos e interesses particulares dos viajantes, como também se nutre com sensação de mudança presente em uma viagem.

Edith O'Shaughnessy, como podemos observar na carta citada acima, expõe sua excitação e expectativas em relação à conjuntura mexicana daquele momento. Ainda em estado literal de locomoção, a bordo do navio que levaria ela, Nelson e o filho do casal a Veracruz, a autora demonstra grande euforia pela possibilidade de testemunhar a Revolução quando se vê mais próxima do México, um lugar desconhecido e, ao mesmo tempo, passível a uma conjuntura de “vitórias, derrotas, glórias, abatimentos, desvanecimentos e destruições”. Ocupando uma posição de espectadora privilegiada para observar a situação a partir de um círculo de elite diplomática e política, ela expressa uma relação de aventura para com o processo revolucionário, com o qual parece se sensibilizar por uma conotação de entretenimento. Inclusive, é possível notar que a perspectiva de encontro com o desconhecido é tratada de maneira dúbia por um ponto de vista que abrange tanto o desejo de avistar a “bela” e “exótica” paisagem do país, quanto de se preocupar com as inseguranças que o território deveria abrigar entre “micróbios, natureza humana e uma totalidade de incógnitas” a serem desvendadas ao longo da viagem.

O processo de expectativa da autora em descobrir o desconhecido expõe de forma figurada uma impressão de eminência em relação ao México. Com isso, O'Shaughnessy assume uma postura de observadora que, mesmo dependente de um objeto que entusiasme por seu grau de novidade extraordinária, expressa ideias de inferiorização do que considera, de antemão, como exótico. Assim, a conexão com o novo, que motiva e estimula o relato da viagem, recorre a uma presença imperativa em

¹⁴³ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 217.

¹⁴⁴ TODOROV, Tzevetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, v. 46, n. 1, 2006, p. 231.

que o viajante se mostra "curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade,"¹⁴⁵ embora dependa da enunciação do "outro" para a justificativa e realização de sua narrativa.

A interpretação sobre a figura do "outro" é uma questão comum aos relatos de viajantes, visto que narrativas de viagem "enunciam o diferente."¹⁴⁶ Nesse sentido, o conceito de retórica da alteridade, trabalhado por François Hartog em *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, é imprescindível para analisar os procedimentos retóricos envolvidos nesse tipo de enunciação. Interessado em compreender como Heródoto desenvolve sua narrativa sobre os povos "não gregos" (persas, massagetas, egípcios, citas, etc) no contexto na Grécia arcaica nas *Histórias*, Hartog aborda como a narrativa do viajante define seu discurso sobre o outro e faz com que tal representação seja acolhida por sua audiência. Em suas palavras:

Se a narrativa se desenvolve justamente entre um narrador e um destinatário implicitamente presente no próprio texto, a questão é então perceber como ela "traduz" o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói. Em outros termos, tratar-se-á de descobrir uma retórica da alteridade em ação no texto, de capturar algumas de suas figuras e de desmontar alguns de seus procedimentos - em resumo, de reunir as regras através das quais se opera a fabricação do outro. [...] Nas *Histórias*, tudo se passa, antes de tudo, entre estas quatro marcas ou estas quatro operações: eu vi, eu ouvi - mas também eu digo, eu escrevo.¹⁴⁷

A retórica da alteridade, portanto, é entendida por Hartog como um procedimento de persuasão em que o narrador cativa sua credibilidade a partir da concepção de testemunho. É ela que produz um "efeito de crença"¹⁴⁸ para a fabricação do outro presente na narrativa de viagem. Como consequência, essa estratégia de convencimento proporciona uma associação entre presenciar o não-semelhante, não-grego, e poder traduzir sua realidade, o que é trabalhado por Heródoto a partir de mecanismos de interpretação que usam da inversão à comparação para dimensionar o enunciado como outro a partir de uma lógica de ausências, oposições e contrastes em referência ao que se tem com como habitual no mundo grego.

No caso de Edith O'Shaughnessy, é perceptível o quanto que a autora destaca a possibilidade de testemunhar alguns eventos marcantes da Revolução. Contudo, ela

¹⁴⁵ TODOROV, Tzevetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, v. 46, n. 1, 2006, p. 242.

¹⁴⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 243.

¹⁴⁷ *Ibid*, p. 242.

¹⁴⁸ *Ibid*, p. 290.

limita seu envolvimento com a conjuntura através de um distanciamento em relação aos mexicanos. A autora espera por adversidades com as quais não demonstra querer se afetar, embora ao passar do tempo incorpore parte das tensões do território. Além disso, é importante lembrar, como já foi comentado neste capítulo, que O'Shaughnessy acessou uma bibliografia específica de relatos de viagem sobre o México, como Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo e Alexander von Humboldt. Dessa forma, podemos alegar que a partir de uma influência literária que transita entre a abordagem das maravilhas naturais do cenário à caracterização do 'outro' nativo como selvagem, principalmente em relação às obras de Cortés e Díaz del Castillo do século XVI¹⁴⁹, a autora não se aproximava de um território totalmente desconhecido. Ou seja, ela já possui um projeto de caracterização prévia do ambiente e de uma identidade figurativa do outro, e o que é reflexionado como questão nova e digna de ser narrada é o México Revolucionário.

Os relatos de viagem têm sido explorados e valorizados largamente pelas humanidades ao longo dos anos. Contudo, existe uma demarcada trajetória historiográfica em relação ao trato metodológico dado a esse tipo de fonte, uma vez que, além de caracterizarem uma gama extensa de gêneros narrativos, como diários, correspondências, cadernos de campo e estudos científicos, também implicam questões muito relevantes a respeito da subjetividade de seus autores. A respeito da variedade de gêneros narrativos, é importante reiterar o caráter ímpar de cada relato de viagem e, em função desse aspecto de singularidade, a necessidade de um trabalho historiográfico que explore o contexto social e cultural do viajante, assim como a conjuntura de produção e publicação da narrativa.¹⁵⁰ O formato narrativo e a subjetividade do autor, portanto, devem ser associados a partir de uma metodologia engajada com a análise cultural, como já ficou exposto acima a respeito de *Diplomatic Days*, onde, em linhas gerais, a narrativa de Edith O'Shaughnessy possui traços agudamente demarcados por seu universo cultural.

Embora atualmente haja consenso sobre a importância de pensar o quadro subjetivo do viajante e do contexto de produção do relato, tal problematização foi construída a partir de um debate recente e aprofundado historiograficamente a partir de

¹⁴⁹ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 233.

¹⁵⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, 2011, p. 46-47.

décadas finais do século XX, no contexto dos estudos pós-coloniais. Isso se mostra principalmente através do trabalho de Mary Louise Pratt em *Imperial Eyes Travel Writing and Transculturation*, em que a autora, apoiada na interação etnográfica entre o Velho e o Novo Mundo do século XIX, dedica-se a conceitos como os de "transculturação" e "zona de contato". Segundo Pratt, os relatos de viagens são estabelecidos em função da imposição imperativa da metrópole em definir a periferia sem dar importância para a maneira com que a periferia, em contrapeso, poderia interpretar a metrópole. Como consequência, esse mecanismo é responsável por legitimar e normatizar a existência hierárquica que separa um "eu" civilizado e culturalmente superior de um "outro" distante, exótico e potencialmente subserviente. À vista desse padrão, o conceito de "zona de contato" é discutido pela autora a partir da perspectiva de "copresença espacial e temporal entre sujeitos" em que se destaca um ato de interação em que "os sujeitos são constituídos em e por suas relações entre si" a partir do momento em que suas trajetórias se cruzam e rompem a circunstância de separação geográfica e histórica.¹⁵¹ Assim, de acordo com Pratt, os povos dominados não deixam de estabelecer, mesmo que sem um controle imediato da cultura imposta pelos povos dominantes, o que será absorvido para si, pois "a transculturação é um fenômeno da zona de contato."¹⁵²

O debate sobre relatos de viagem prosperou nos últimos anos a partir de demandas metodológicas que tentam dar conta das mais variadas possibilidades subjetivas presentes em discursos de viajantes, uma vez que tais discursos tanto abrangem projetos e materialidades variadas quanto são repletos de juízos que muito descortinam sobre o universo cultural do próprio viajante.¹⁵³ Desse modo, existe a necessidade de um maior engajamento crítico para com esse tipo de fonte, o que, dentro da perspectiva historiográfica contemporânea, fica expresso, de acordo com Stella Maris Scatena Franco, por problematizações que contemplem uma série de especificidades, como, por exemplo, a intencionalidade do discurso, a origem sociocultural do viajante e os interesses que motivam suas construções narrativas.¹⁵⁴

¹⁵¹ PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. London: Routledge, 2003, p. 7.

¹⁵² *Idem*, p. 6.

¹⁵³ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, 2011, p. 44-45.

¹⁵⁴ FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, 2011, p. 71.

Uma vez que *Diplomatic Days* expressa a materialidade da viagem de Edith O'Shaughnessy, seu relato diz respeito às suas experiências particulares durante a sua estadia no México. A narrativa do livro, portanto, é construída a partir das projeções e subjetividades que a autora acumula tanto antes quanto ao longo de sua estadia no México. De acordo com Franco:

Nenhuma narração, por mais objetiva que se pretenda, está livre da subjetividade do autor, que pode tanto vir a acrescentar impressões quanto a omitir detalhes. Tais ações, nem sempre conscientes, podem resultar de um leque ilimitado de fatores inter-relacionados, como, por exemplo, as influências advindas da formação cultural do viajante, os interesses específicos envolvidos no empreendimento da viagem e da publicação do relato e até as opções e preferências do próprio autor.¹⁵⁵

A partir disso, podemos relacionar a narrativa da viajante em questão a uma série de temas particulares à sua própria identidade. A formação cultural de O'Shaughnessy, calcada num contexto elitizado e norte-global, provavelmente corrobora para uma certa soberba quando o assunto são países latinoamericanos e suas sociedades. Isso é evidenciado nas cartas ao passo que a autora não só tenta balizar uma distância, como também considera sua própria cultura como ideal de normalidade, civilidade e sofisticação. Ademais, como já comentamos anteriormente, a postura imperialista dos Estados Unidos em relação ao México naquele momento exacerbava uma relação de poder de sólida autoridade de um país sobre o outro que se mostrava de modo velado na postura de superioridade de O'Shaughnessy.

O fato de ela ter como referência o México de relatos antigos de viajantes, como os de Cortés e Díaz del Castillo, além de literatura e outras de mídias hegemônicas estadunidenses e europeias sobre o país, também colabora para uma identificação colonizadora do território em conjecturas do que previamente se teria como exóticas:

Cidade do México, 6 de maio, meio-dia.

Hôtel de Genève, bem perto da Embaixada.

[...] Quando a primeira luz fraca começou a entrar pela minha janela, eu abri a cortina e olhei para uma cena tão bela, tão inesperada, que poderia ter chorado. Os dois grandes vulcões, Popocatepetl e Ixtaccihuatl, eram altos, cor-de-rosa, serenos, inefavelmente belos contra o céu, ainda uma pálida tonalidade de *bleu de nuit*. [...].

¹⁵⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. **Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX**. São Paulo: Editora Intermeios, 2018, p. 22.

Campos escuros e azuis do misterioso *maguey* foram plantados em filas regulares. Mesmo quando olhei para fora, começaram a assumir um tom rico e rosa-acastanhado, as pequenas cabanas indígenas ao longo do caminho tornaram-se cor-de-rosa, tudo começou a brilhar. Os dois picos, que não tinham tido lugar na minha consciência desde que lutei com os seus nomes na escola, eram massas de cor de chama contra um céu de azul mais pálido, mais branco. Nas pequenas estações aparecia ocasionalmente um índio com um cobertor vermelho, de chapéu de palha. Era o México dos sonhos.¹⁵⁶

Nas suas primeiras impressões sobre o país, ainda no trem a caminho da Cidade do México, a autora exalta um “México dos sonhos” que é apresentado como um território idealizado, provavelmente já esboçado em seu imaginário a partir de suas referências, mas que combina a paisagem curiosa e estonteante a estereótipos sobre sua gente. Logo, os famosos vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl são aclamados em uma cena remanescente orientada pelas lembranças passadas que parecem associar tanto um conhecimento ilustrativo dessa estrutura geológica do Vale do México quanto uma memória de estranhamento com a forma de se escrever e falar seus nomes. As longas plantações de agave de coloração azul podem fazer alusão à produção de tequila, e o que a autora entende por cabanas indígenas e a própria alegoria do mexicano vestido com cobertores vermelhos e um chapéu pontiagudo, um *sombrero*, trazem uma impressão folclórica do país, mas que ratificam um ambiente convencionalmente anedótico para o referencial prévio da formação cultural de O’Shaughnessy sobre o México.

Vale lembrar que a motivação e realização da viagem tem como elemento chave o trabalho de Nelson O’Shaughnessy, naquele momento designado a ser segundo secretário da embaixada dos Estados Unidos no México. É na circunstância de esposa que a autora tem a oportunidade de vivenciar essa viagem dentro de suas especificidades privilegiadas do círculo político-diplomático. Entretanto, podemos perceber que através desse ensejo ela pôde se apropriar do momento para movimentar

¹⁵⁶ “*Mexico City, May 6th, noon.*

Hôtel de Genève, a stone's-throw from the Embassy.

[...] *As the first dim light began to come in at my window I drew up the curtain and looked out on a scene so beautiful, so unexpected, that I could have wept. The two great volcanoes, Popocatepetl and Iztaccihuatl, were high, rose-colored, serene, ineffably beautiful against the sky, still a pale tint of bleu de nuit.*[...]

*Dim, bluish fields of the unfamiliar maguey were planted in regular rows. Even as I looked out they began to take on a rich, brownish-pink tone, the little Indian huts along the way became rose-colored, everything began to glow. The two peaks, which had had no place in my consciousness since I wrestled with their names at school, were masses of flame-color against a sky of palest, whitest blue. At the little stations an occasional red-blanketed, peaked-hatted Indian appeared. It was the Mexico of dreams”.*O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917. pp. 15-16.

projetos de cunho pessoal, já que enquanto esposa de um diplomata dos Estados Unidos no México, a autora gozava de certo prestígio hierárquico entre outras esposas.¹⁵⁷ Embora sua imagem estivesse atrelada a uma estrutura matrimonial, a viagem não deixou de lhe garantir espaço naquela rede de sociabilidade cujo protocolo nos parece bastante proveitoso para colaborar com o sucesso de Nelson a partir de seu posto de esposa, o que dentro do contexto do serviço diplomático daquele momento representa algo próximo a um cargo oficial. Ou seja, sua presença subentende uma parceria funcional em que sua desenvoltura e traquejo social é essencial para uma escalada profissional; mas também a favorece, a partir da posição de esposa de diplomata, em ambições individuais, como por exemplo expressar sua figura intelectual a partir, por exemplo, da produção de seu relato epistolar, ou ainda, através das socialização e câmbios gerais com seus iguais.

Em contrapartida, a publicação do livro deve ser pensada em outro patamar pois, se a viagem ocorre a partir da nomeação de seu esposo, o relato se constrói unicamente a partir de Edith O'Shaughnessy. É ela que narra incessantemente a estadia. É através de seu olhar, seus juízos e representações que as cartas são escritas, da mesma maneira que é por sua vontade que o livro é editado e publicado poucos anos depois. É patente, como já foi comentado, que o processo de publicação de suas cartas sobre a viagem envolve uma série de questões e receios, como o temor pela carreira de seu esposo. Mas, apesar da autora muito ser chancelada pelo nome e função oficial de Nelson O'Shaughnessy, é ela que assume o decurso de exposição pública do relato.

É importante pontuar mais uma vez que *Diplomatic Days* foi publicado posteriormente a *A Diplomats Wife in México* e, portanto, sua publicação está diretamente relacionada ao sucesso do primeiro livro. Além disso, é importante lembrar o quanto a autora discorda da política de intervenção dos Estados Unidos no México com a tomada do porto de Veracruz e o rompimento das relações exteriores entre os dois países em 1914. Segundo Wood, a discordância da autora sobre a política dos Estados Unidos sobre o México levou O'Shaughnessy a questionar o quanto o público estadunidense era ignorante em relação ao vizinho latino americano, visto que "não entendiam que as manobras políticas de Woodrow Wilson estavam erradas"¹⁵⁸ e

¹⁵⁷ WOOD, Molly M. A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional Political, and National Identities in the Early Twentieth Century. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, v. 25, n. 3, 2004, p. 107-108.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 120.

poderiam fragilizar ainda mais a relação entre os dois países, principalmente em relação ao enfraquecimento do regime de Victoriano Huerta pelos Estados Unidos e a política de intervenção no México em 1914. Segundo Wood:

A intervenção não militar de Wilson no México, uma política a que se referiu como "espera vigilante", frustrou nacionalistas mexicanos em todo o país, muitos republicanos nos Estados Unidos, e residentes americanos no México. O'Shaughnessy, que tal como outros americanos, tinha inicialmente considerado a intervenção armada americana uma solução prática para a instabilidade mexicana, tinha mudado de ideia quando Huerta chegou ao poder. Mas enquanto Wilson se recusasse a reconhecer a presidência de Huerta e continuasse a desestabilizar o regime de Huerta com a ameaça da intervenção americana, ela acreditava que os combates e a instabilidade no México só iriam continuar e se agravar.¹⁵⁹

A partir dessa conclusão, mesmo que não possamos inferir se a publicação teria sido alavancada por questões didáticas, podemos dizer que se "somente o autor pode justificar a existência do relato",¹⁶⁰ O'Shaughnessy não deixou de valorizar sua narrativa a partir da ideia de que ela presenciou o momento e pôde, portanto, descrevê-lo com a autoridade de um testemunho extraordinário.

Abordar a coleção de subjetividades que rodeiam a figura de Edith O'Shaughnessy colabora com uma análise metodologicamente mais precisa em relação à sua narrativa de viagem. Ao longo da leitura do livro é possível ver que, embora o relato de seus dias no México muito extrapole a dimensão autobiográfica, "imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso,"¹⁶¹ de modo que é possível identificar tanto um background cultural quanto detalhamentos e predileções específicas, além de práticas de representação que expressam a identidade, os valores e o contexto social da autora.

Segundo Lilian Maria de Lacerda, é a partir do próprio discurso que o narrador registra o que viu. Assim, o ato de presenciar e testemunhar não afasta da narrativa as

¹⁵⁹ "Wilson's nonmilitary intervention in Mexico, a policy he referred to as "watchful waiting," frustrated Mexican nationalists all over the country, many Republicans in the United States, and American residents in Mexico. O'Shaughnessy, who like other Americans had initially considered American armed intervention a practical solution to Mexican instability, had changed her mind when Huerta came to power. But as long as Wilson refused to recognize Huerta's presidency and continued to destabilize Huerta's regime with the threat of American intervention, she believed the fighting and instability in Mexico would only continue and worsen". WOOD, Molly M. A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional Political, and National Identities in the Early Twentieth Century. **Frontiers: A Journal of Women Studies**, v. 25, n. 3, 2004, p. 117-118.

¹⁶⁰ TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, v. 46, n. 1, 2006, p. 241.

¹⁶¹ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 221.

interpretações pessoais e as subjetividades de quem constrói um relato.¹⁶² Isso fica bastante evidente quando vemos que as cartas presentes em *Diplomatic Days* demonstram que o discurso da autora está conectado tanto a informações que ela acessou antes da viagem quanto ao seu contexto cultural e social. Essa relação é responsável por moldar a narrativa, assim como colabora para a construção da imagem que a narradora quer explorar de si em seu texto.

Finalmente, o relato de viagem supõe uma circunstância de preocupação em conferir sentido à narrativa de modo que tal estado apoie a lógica tanto retrospectiva quanto prospectiva de legitimidade de um discurso.¹⁶³ Essa condição, para além de advogar por projeções passadas e futuras do próprio viajante, também contribui para solidificar as relações de poder que formam e caracterizam o corpo social particular da viajante em relação ao "outro". Levando-se em consideração o tratamento dos testemunhos enquanto objetos de veracidade, o discurso composto por O'Shaughnessy em seu relato de viagem pode ser entendido como uma ferramenta de exercício do poder estadunidense, uma vez que, "não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade"¹⁶⁴ e que a relação de soberania dos Estados Unidos sobre o México no início do século XX determina uma certa vaidade característica da autora quanto ao seu status no território para qual viaja.

¹⁶² LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 84.

¹⁶³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8a ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 184.

¹⁶⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 278-279.

CAPÍTULO 3. “*Can courtesy to foreigners be carried further?*” a experiência do eterno distanciamento

Conforme descrito no capítulo anterior, a sequência de cartas de Edith O’Shaughnessy em *Diplomatic Days* é quase sempre diária, sendo que em muitas ocasiões ela escreve várias vezes ao longo do dia. Trata-se, portanto, de um volume de informações muito grande e detalhado para um curto período de tempo – quase um ano e meio. Essa intensa produção, embora seja uma característica geral de sua escrita, também reflete a rapidez na frequência de acontecimentos nessa primeira fase da Revolução Mexicana. Sendo assim, este capítulo analisa algumas das principais minúcias da experiência da autora em meio a um momento de particular efervescência política.

3.1. Do início da viagem até a queda de Díaz

Em *Diplomatic Days*, Edith O’Shaughnessy inicia seu relato de viagem a partir de correspondências que narram seu traslado dos Estados Unidos para o México. Enquanto descia a costa atlântica da América, a autora faz apontamentos acerca do *Monterey*, navio que fazia o trajeto, seu serviço de bordo e seus passageiros, com observações sobre o clima tropical que ela passa a experimentar, descrevendo em minúcias as novas cores, temperaturas e cenários à vista. Nas cartas que correspondem ao primeiro capítulo do livro nota-se uma escrita marcada pelas esperas e marcadores da travessia - a espera pela partida do navio, "entre Progreso e Vera Cruz", "chegando em Vera Cruz", a espera pelo trem que os levaria de Vera Cruz à Cidade do México. Isso seria previsível para um material que se ocupa de relatar um traslado, mas também não deixa de expressar seu horizonte de expectativa com o porvir da viagem, já que essa locomoção lhe trazia para perto a experiência do ela somente havia acessado pela literatura. O passo de estar “a caminho” representa, nesse sentido, a apropriação de uma experiência única e particular da autora, que a distingue de sua audiência – estadunidense, burguesa, urbana – por experimentar sensorialmente diferentes tons, cenas e companhias sobre os quais se ocupa em falar. Também aproxima O’Shaughnessy do objeto principal, o México, com toda a grandeza político-diplomática que teria a oportunidade de vivenciar no tempo explicitamente ímpar da Revolução Mexicana.

A carta do dia 5 de maio de 1911, já trabalhada nesta dissertação, traz sua primeira referência à Revolução e é um bom exemplo para essa dimensão de espera em diálogo com a vivência de novas experiências. Quando diz “todo esse desconhecido magnético perturbado esperando por nós! Ao olhar o jornal (...) vimos que a revolução de Madero está tomando grandes proporções”¹⁶⁵, embora não deixe de expor sua excitação com a viagem e idealizar o que viria no México, a autora reconhece que até então suas fontes sobre a insurreição que acontecia no país eram principalmente os jornais de grande circulação. Ou seja, a informação que a autora estava acessando sobre a Revolução era a mesma que qualquer um que estava de fora do México poderia ter. Contudo, a viagem para o país lhe permitiria conhecer, ver e ouvir sobre esses acontecimentos por uma perspectiva mais concreta, *sui generis*, principalmente por conta da ilustre rede de sociabilidade que a autora estaria para interagir durante a estadia.

Ao finalmente chegar à Cidade do México, a autora começa a poder tatear com mais propriedade a situação política do país. Embora haja um período dedicado à instalação da família O'Shaughnessy na cidade, que compreende a busca por uma residência, conhecer a embaixada dos Estados Unidos e aproximar-se da rede político-diplomática ali presente, já nos primeiros dias a autora identifica conexões com algumas personalidades que lhe trazem informações sobre a vida política e social do lugar. Contudo, sobressaem-se nesse primeiro momento interações com indivíduos bem mais afeiçoados ao Porfiriato do que otimistas com os rumos da Revolução.

Um bom exemplo disso é a carta do dia 7 de maio de 1911, dia seguinte à sua chegada, em que, ao contar sobre uma recepção na casa do embaixador dos Estados Unidos no México, Henry Lane Wilson, a autora afirma que ele "é um grande admirador de Díaz, e teme o desconhecido que nos aguarda"¹⁶⁶ e, ao descrever um passeio de carro com a Sra. Wilson, comenta a lembrança prodigiosa que ela conta das festas do centenário da independência do México um ano antes. Através da imagem que a esposa do embaixador constrói de Porfírio Díaz e da primeira dama Doña Carmen como figuras gloriosas e aclamadas pelo povo mexicano no desfile cívico ocorrido no *Paseo de la Reforma* em 1910, a autora refuta em sua carta: "Mas parecia um conto de

¹⁶⁵ "(...) all that troubled magnetic unknown awaiting us! In looking over the newspaper (...) we saw that the Madero revolution is taking on great proportions." O'SHAUGHNESSY, Edith. **Diplomatic Days**. Harper & Brothers, 1917, p. 11.

¹⁶⁶ "The ambassador is a great admirer of Diaz, and fears the unknown awaiting us." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 17.

fadas sobre tudo isso, com um exército revolucionário no norte vindo direto para nós, reunido por um sonhador desconhecido do sonho de igualdade, uma espécie de profeta e apóstolo."¹⁶⁷

Ou seja, em meio aos conflitos armados do país e às opiniões de uma trama política que começa a observar nos primeiros dias de viagem, O'Shaughnessy não deixa de salientar sua percepção sobre o quanto algumas posições poderiam soar partidárias nesse contexto. Contudo, fica evidente um determinado esforço para ainda não se prender a esses discursos, a exemplo do que escreve na próxima carta: "Não estou formulando nada sobre o México. Sinto-me simplesmente um receptáculo de impressões ainda não cristalizadas."¹⁶⁸ E também na do dia 9 de maio de 1911:

Sr. Wilson tem uma situação muito complexa na mão, mas diz que tem motivos de sobra para temer que, se Diaz for embora, será um embarque em mares desconhecidos em um navio sem leme. Pessoalmente, ainda não tenho nenhum dos pontos da bússola, mas parece que algo está se formando em todas as direções.¹⁶⁹

A princípio poderíamos dizer que existe nesse momento uma posição neutra e imparcial da autora no que tange certificar as informações para sua destinatária. Mesmo que houvesse uma tendência de que ela reiterasse o discurso dos que formavam a embaixada dos Estados Unidos - o que veremos mais à frente - há também uma vontade de digerir aquela conjuntura por mais tempo e, sem dúvida, a partir de outros tantos emissores com quem ela viria a conversar. Dessa forma, com o passar dos dias e conforme se instalava na Cidade do México, suas correspondências se ocupam, para além de descrições sobre onde se hospedava, de esclarecimentos sobre informações equivocadas que circulavam sobre a Revolução e que provavelmente eram lidas por sua mãe:

Não acredite em tudo que vê nos jornais e, principalmente, não deixe o Paris Herald deixá-la em pânico. Estamos bem e amanhã nos mudamos para o lar agradável. Caso haja motins, podemos usar não apenas um carvalho, mas dois, pois há um conjunto duplo de portas para o grande vestíbulo que leva ao pátio, e subimos um lance, no que os italianos chamariam de *piano*

¹⁶⁷ "But there seemed something of a fairy tale about it all, with a revolutionary army in the north headed straight for us, brought together by an unknown dreamer of the dream of equality, a sort of prophet and apostle", *Ibidem.*, p. 18.

¹⁶⁸ "I am not formulating anything about Mexico. I feel myself simply a receptacle for impressions not yet crystallized." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p.18.

¹⁶⁹ "Mr. Wilson has a very complex situation well in hand, but says he has ample reason to fear that if Diaz goes it will be an embarking on unknown seas in a rudderless ship. Personally I have not got any of the points of the compass yet, but something seems brewing in all directions." *Ibidem.*, p. 19.

nobile. Nada acima, mas um telhado plano, conveniente e acessível. Disseram-me que o telhado é uma grande característica da vida latino-americana, especialmente nos dias revolucionários.

Escrevo longamente sobre a disposição da casa porque sei que você gostaria de ouvir; não porque haja uma chance em mil do cerco tão falado, embora pareça na nota encomendar grandes suprimentos das mercearias americanas, e as pessoas estão tendo suas portas e venezianas reforçadas. A luta na fronteira ainda não tem nada a ver conosco.¹⁷⁰

Para além dos jornais, a preocupação com os possíveis alardes que circulavam sobre a Revolução também se estendia a algumas personalidades com as quais a autora interagiu, o que podemos ler em sua correspondência do dia 12 de maio de 1911:

Tudo tranquilo aqui na Cidade do México. Diaz e Madero devem chegar a algum tipo de acordo. Os habitantes experientes que conhecem o povo e as condições acham que não há motivo para ansiedades pessoais, embora, é claro, sempre haja alarmistas. Um ministro, cujos cargos durante uma longa carreira foram Guatemala, Sião e México, fala descontroladamente e abasteceu sua casa para um cerco. Ele deixa a água encher sua banheira à noite por medo de que o suprimento de água seja cortado, e mandou colocar barras de ferro em suas venezianas.¹⁷¹

Nas duas últimas citações, O'Shaughnessy persiste na afirmativa de que os confrontos civis no México não afetavam diretamente seu cotidiano. Ao dizer que a luta na fronteira ainda não lhe dizia respeito e que estava tudo tranquilo no local no local de sua estadia, a autora, a partir de seu contexto institucional e de elite, constrói uma ideia de normalidade para a capital do país, distante de maiores riscos. Sem desconsiderar sua remetente, é possível que essa insistência da autora em figurar um local de bonança tenha o sentido de tranquilizar sua mãe. Contudo, também podemos pensar na possibilidade que ela tinha a crença de que pouco, ou mesmo nada, da Revolução

¹⁷⁰ "A word in haste by the pouch. Don't believe all you see in the newspapers, and especially don't let the Paris Herald make you panicky. We are well, and to-morrow we move into the pleasant home. In case there are riots we can sport not only one oak, but two, as there is a double set of doors to the large vestibule leading into the courtyard, and we are up one flight, in what the Italians would call the piano nobile. Nothing above but a flat, convenient, accessible roof. I am told the roof is a great feature of Latin-American life, especially in revolutionary days.

I write at length about the disposition of the house because I know you will like to hear; not because there is one chance in a thousand of the siege so much talked about, though it seems in the note to order large supplies from the American grocery-stores, and people are having their doors and window-shutters strengthened. The fighting on the frontier has nothing, as yet, to do with us." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 22.

¹⁷¹ "All peaceful here in Mexico City. Diaz and Madero are supposed to come to some sort of terms. The well-seasoned inhabitants who know the people and conditions feel there is no cause for personal anxieties, though, of course, there are always alarmists. One minister, whose posts during a long career have been Guatemala, Siam, and Mexico, talks wildly, and has stocked his house for a siege. He lets the water run into his tub at night for fear the water-supply will be cut off, and has had iron bars put across his shutters." *Ibidem.*, p. 22.

chegaria de fato à Cidade do México. Certamente, o tom de tranquilidade que apresenta é retórico, o que fica evidente com a menção ao ministro alarmista, pois as preocupações dos outros evidenciam um desassossego e um medo das pessoas da cidade diante dos rumos da Revolução.

Além disso, podemos afirmar que, embora não houvesse até então confrontos na Cidade do México, isso não era um espelho da realidade ou significava qualquer equilíbrio no país. Sabemos que, desde o final de 1910, a Revolução já se espalhava ao longo do território mexicano, chegando a estados bem mais próximos à Cidade do México do que da fronteira com os Estados Unidos. Vê-se, por exemplo, movimentações mais ao sul do país, como Morelos e Puebla sob a liderança de Zapata, além de outros estados no oeste e centro do país, como Sinaloa, Durango, Zacatecas e etc, onde a Revolução avançava principalmente sobre cidades mineiras, inclusive conquistando e pilhando propriedades de estadunidenses no interior do México.¹⁷² Ainda assim, tensões na fronteira, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, sempre foram motivo de preocupação e debates diplomáticos entre o México e os Estados Unidos.

O cerco à fronteira Ciudad Juárez, para onde mais se concentrava a atenção em relação à Revolução de Madero em maio de 1911, acaba tendo maior relevância e é definitivo para o triunfo maderista. Segundo Cumberland,¹⁷³ uma vez conquistada, Ciudad Juarez permitiu aos revolucionários não apenas a oportunidade de importação legal de armamento e munição através do seu porto de entrada e acesso a bancos em que poderiam fazer empréstimos, inclusive de banqueiros estadunidenses, como também gerou um efeito moral geral que tanto animou e fortaleceu o movimento revolucionário por todo o país quanto abateu ainda mais a confiança no exército federal de Díaz. Da captura de Ciudad Juárez até o fim do Porfiriato, inúmeras outras cidades também são tomadas pela Revolução.¹⁷⁴

É interessante destacar que nesse momento do mês de maio, Ciudad Juarez havia sido tomada por tropas maderistas no dia 10, fato que a autora só aponta na carta do dia 13 de maio: "No dia 10, Juarez foi capturada com seu comandante, general Navarro, por

¹⁷² HART, John Mason. **Revolutionary Mexico: the coming and process of the Mexican Revolution**. Univ of California Press, 1989, p. 243.

¹⁷³ CUMBERLAND, Charles C. **Mexican Revolution: Genesis under Madero**. University of Texas Press, 2014, p. 141.

¹⁷⁴ *Idem.* p. 144-145.

Orozco e Giuseppe Garibaldi."¹⁷⁵ Sendo assim, é possível que a falta de um comentário mais imediato sobre a vitória maderista na fronteira expresse uma certa descrença de que a Revolução de Madero desembocaria em pouco tempo na queda de Díaz ("Díaz e Madero devem chegar a algum tipo de acordo"). Nessa mesma carta podemos destacar mais dois momentos, um sobre o anúncio do próprio presidente Taft a respeito da possibilidade de que o governo dos Estados Unidos interviesse militarmente em território mexicano, e outro em que a autora relata a conversa com uma personalidade próxima a Madero pela qual pôde ampliar seu quadro de opiniões sobre o revolucionário, seguida por mais uma referência à opinião do embaixador Wilson. Para isso, revisitemos o trecho já citado no capítulo anterior:

(...) O anúncio do Presidente Taft de que não haveria intervenção fez com que todos se sentissem tranquilos novamente. Havia rumores na cidade sobre possíveis decisões em Washington. Sentei-me entre o embaixador e um estadunidense, o Sr. McLaren, íntimo de Madero, em cuja casa ele estava escondido no outono passado, quando corria o risco de ser preso.

Eu estava mais interessada em ouvir, em primeira mão, sobre Madero. O Sr. McLaren, um advogado inteligente com uma longa experiência no México, diz que [Madero] é inspirado, iluminado, altruísta, com apenas uma ideia, a regeneração do México. Ele parece não ter dúvidas de que Madero será capaz de resolver a situação mexicana em linhas altas e amplas, e acha que certamente estará aqui, na cidade, pela força ou pela abdicação de Díaz, dentro de um ou dois meses.

O Sr. Wilson, pelo contrário, disse-me novamente que via com pavor a derrubada do regime de Díaz. Embora o presidente tenha oitenta e três anos, com muitas das enfermidades e obstinações da velhice, ele também preserva muitas das qualidades que o tornaram grande, e o Sr. Wilson disse que pessoalmente, em todas as suas relações com ele, nunca o encontrou com falta de compreensão ou energia.¹⁷⁶

¹⁷⁵ "On the 10th Juarez was captured with its commanding officer, General Navarro, by Orozco and Giuseppe Garibaldi." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 25.

¹⁷⁶ "President Taft's announcement that there would be no intervention made every one feel easy again. Rumors had been rife in town as to possible decisions in Washington. I sat between the ambassador and an American, Mr. McLaren, an intime of Madero, [24]in whose house he lay concealed last autumn when he was in danger of arrest.

I was most interested in hearing, at first hand, about Madero. Mr. McLaren, a clever lawyer with a long experience of Mexico, says he is inspired, illuminated, selfless, with but one idea, the regeneration of Mexico. He seems to have no doubt of Madero's being able to work out the Mexican situation along high, broad lines, and thinks he will surely be here, in the city, through force or the abdication of Díaz, within a month or two.

Mr. Wilson, on the contrary, told me again he saw with dread the overthrow of the Díaz régime. Though the President is eighty-three, with many of the infirmities and obstinacies of old age, he also preserves many of the qualities that made him great, and Mr. Wilson said that he personally, in all his dealings with him, never found him lacking in understanding or energy." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, pp. 23-24.

Nota-se que a autora relata o anúncio de Taft sobre uma não intervenção desconsiderando tanto a presença do exército dos Estados Unidos na fronteira com o México quanto o constante comércio de armas e suprimentos e a prática de cidadãos estadunidenses se somarem a tropas maderistas sem serem enquadrados como violação de neutralidade. Como discutimos no primeiro capítulo desta dissertação, os interesses oficiais do governo estadunidense no envio de tropas para a fronteira eram os de garantir a segurança de seus cidadãos. Contudo, sabe-se que essa presença em território mexicano teve bastante influência para o enfraquecimento da política porfirista. Na verdade, a recorrente contribuição de cidadãos dos Estados Unidos, seja via comércio, seja por ingresso em tropas revolucionárias - ou ainda pela vista grossa de alguns governantes locais no que tange o trânsito de maderistas em suas cidades - ampliou significativamente a capacidade bélica, financeira e de contingente humano de Madero. Nesse sentido, podemos certamente entender que O'Shaughnessy reitera o discurso oficial do governo estadunidense, sem evidentemente tecer qualquer crítica à política de seu país.

Depois de uma semana no México e de sucessivas afirmações de que não tinha uma opinião formada sobre o contexto político do país, a autora nos dá pistas sobre o que seria seu posicionamento, uma postura até mesmo óbvia para uma senhora da elite político-diplomática em suas circunstâncias, mas que vale pontuar. Na carta do dia 13 de maio, ela comenta:

Estou lendo *Life of Diaz*, de Creelman, e três volumes de Prescott estão esperando na minha mesinha. (...) Seremos apresentados ao presidente e sua esposa esta semana, e estamos ansiosos para conhecer o criador do México moderno e sua encantadora esposa.¹⁷⁷

Nesse trecho, ela se refere ao livro *History of the Conquest of Mexico*, obra de 1843 de William H. Prescott, mas principalmente à entrevista Creelman-Díaz, publicada em 1908 pela *Pearson's Magazine* com o título *President Diaz, hero of the Americas*. Essa entrevista, conhecida principalmente pelo pronunciamento de que Porfirio Díaz se aposentaria depois de mais de trinta anos no poder e que, segundo ele, o México estaria "pronto para a democracia", também traz uma imagem romântica e grandiosa do

¹⁷⁷ "I have been reading Creelman's *Life of Diaz*, and three volumes of Prescott are waiting on my little table. (...) We are to be presented to the President and his wife this week, and are looking forward to meeting the maker of modern Mexico and his charming consort." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 25-26.

ditador, retratando-o como pai da nação e herói do México moderno.¹⁷⁸ Nesse sentido, há uma inclinação da autora em relação ao regime de Díaz, seja pelo apreço à figura heroica construída por uma imprensa tradicional ou pela influência de sua rede de sociabilidade.

Mesmo mostrando uma admiração por Porfirio Díaz, a autora não deixa de expor sua sensação quanto às imprecisões do contexto político que estava acompanhando. No dia 16 de maio escreveu:

Ontem Madero e Carbajal, que é o enviado de paz de Diaz, seja lá o que isso signifique, se reuniram em Juarez para considerar as propostas do governo Diaz. Tudo aqui está em condição de derretimento, e como isso vai cristalizar só os destinos sabem.¹⁷⁹

Essa sensação de incerteza quanto ao futuro próximo do México era em geral compartilhada por oficiais da diplomacia, uma vez que, enquanto revolucionários ganhavam força, as tropas federais mostravam-se cada dia menos capazes de conter a Revolução, e por semanas se acompanhava negociações de armistício entre Madero e Díaz. A respeito dessas negociações, podemos lembrar que nas vésperas da tomada de Ciudad Juárez, Madero estava disposto a retirar o cerco da cidade em função de uma nova declaração de que Porfirio Díaz deixaria a presidência. Como se sabe, essa intenção não impediu o ataque e captura da localidade.¹⁸⁰ Sendo assim, podemos dizer que, a partir da vitória maderista, há uma evidente sensação de descontrole e dúvida quanto ao que poderia acontecer em seguida, principalmente diante da evidente incapacidade das tropas federais de conter o avanço dos insurgentes pelo país.

Todavia, podemos dizer que, após a tomada de Ciudad Juárez, as dúvidas e incertezas sobre o futuro político do México logo passaram a ser menos sobre ‘o que’ aconteceria e mais sobre ‘como’ aconteceria. A respeito disso, o governo dos Estados Unidos tinha papel central nesse quadro, visto que sua posição após a vitória de Madero na cidade fronteira foi determinante para o curso da Revolução em maio de 1911. Segundo Lawrence Taylor, a influência na compreensão do governo dos Estados Unidos sobre a Revolução é a consequência mais importante da tomada de Ciudad

¹⁷⁸ Ver LOMNITZ, Claudio. Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da " dependência" no México porfiriano tardio. *Mana*, v. 15, p. 91-125, 2009, p. 103-106.

¹⁷⁹ “Yesterday Madero and Carbajal, who is the peace envoy of Diaz, whatever that may mean, went into conference at Juarez to consider the proposals of the Diaz government. Everything here is in a melting condition, and how it will crystallize the fates alone know.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 26.

¹⁸⁰ CUMBERLAND, *op. cit.*, p. 148.

Juárez, porque fez com que os Estados Unidos reconhecessem que havia uma séria mudança política em curso no México e que o Porfiriato estava com os dias contados¹⁸¹. Nesse sentido, o notável apreço de Edith O'Shaughnessy pela figura de Díaz também abarca um ponto de vista de que ela estaria presenciando o fim de uma era gloriosa para o México. Na mesma carta do dia 16 de maio ela relata:

O ministro belga, Allart, que esteve aqui durante os últimos anos de glória de Don Porfírio, me levou para sair. A conversa em toda parte gira em torno da situação política, suposições sobre a abdicação de Díaz, profecias sobre como e quando Madero chegará, se a cidade oferecerá resistência e o pequeno plano de cada um em caso de sítio.

(...) Ninguém parece saber exatamente quais forças estão à disposição do governo federal. Os jornais, entretanto, ficam ricos com a situação, e certamente isso entretém os jantares.¹⁸²

Mesmo que esse trecho ainda exponha uma sensação de incerteza quanto ao futuro político do México e sobre as capacidades bélicas do exército federal, o teor de dúvida já é outro após a queda de Ciudad Juárez e o iminente fim do Porfiriato. Levando em conta o avanço da Revolução nos dias seguintes ao 10 de maio de 1911, a espera nesse momento se referia às negociações de cessar-fogo entre maderistas e governo federal. Assim, a autora novamente comenta sobre o sensacionalismo dos jornais diante das expectativas de um acordo e os rumos da Revolução.

Na correspondência seguinte, do dia 20 de maio, O'Shaughnessy comenta sobre o avanço das tropas revolucionárias e da aquisição de portos de entrada, ponto que, como já vimos, é central para o triunfo de Madero na pós-tomada de Ciudad Juárez:

As forças de Madero estão com a posse dos portos de entrada de Juarez e Agua Prieta, e podem cobrar as alfândegas que, como disse um ministro, seriam gastas em extravagância por todos, mas na realidade pelos poucos mais chegados habituais.¹⁸³

¹⁸¹ TAYLOR, Lawrence D. The Battle of Ciudad Juarez: Death Knell of the Porfirian Regime in Mexico. *New Mexico Historical Review*, v. 74, n. 2, p. 5, 1999, p. 193.

¹⁸² “The Belgian minister, Allart, who has been here during the last several years of Don Porfirio's glory, took me out. The conversation everywhere turns on the political situation, suppositions as to the abdication of Diaz, prophecies as to how and when Madero will arrive, if the city will offer resistance, and each one's little plan of campaign in case of siege. (...)Nobody seems to know exactly what forces are at the disposition of the Federal government. The newspapers get rich on the situation, however, and certainly it enlivens the dinners.” O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 27.

¹⁸³ “The Madero forces are in possession of the ports of entry at Juarez and Agua Prieta, and can collect the customs which, as one minister said, would be spent in fancy by all, but in reality by the usual nearest few.” *Ibidem.*, p. 27.

Alguns parágrafos depois, ela comenta sobre sua frustração de não poder mais encontrar Díaz conforme fora previamente agendado:

O presidente está muito doente. Estou profundamente desapontada que nossa audiência tenha que ser adiada. Quero ver o antigo regime, agora decididamente cambaleante, em seu ambiente habitual. (...) De fato, eu não vi viv' alma de ninguém do governo atual.¹⁸⁴

O interesse em conhecer Díaz pessoalmente, assim como a vontade de contemplar a atmosfera de seu governo ainda em funcionamento, pode ser compreendido como uma pulsão etnográfica da autora. Interessada em detalhar qualitativamente um retrato do glorioso México porfirista e suas instituições oficiais, o que naquele momento ruía em função da Revolução, O'Shaughnessy demonstra uma sensação de lacuna na sua experiência. Visto que não teria sua própria descrição, ela certamente viu a falta de oportunidade em observar de perto esse governo em ambiente habitual como um insucesso para essa pesquisa de campo que a viagem lhe permitia.

Diante disso, a autora se mantém apoiada na literatura sobre o país e sua cronologia política:

Tenho pesquisado a história do México desde a "Independência" — para tentar obter algum tipo de "linha" sobre a psicologia governamental. Tanto derramamento de sangue sempre acompanha mudanças de governos aqui.

(...) O longo reinado de Díaz foi precedido por todo tipo de convulsões, nas quais qualquer pessoa que tivesse algo a ver com o governo perdia a vida.¹⁸⁵

Nota-se que ela recorre a uma perspectiva mais ampla, que data de um ponto de partida no século anterior, com a Independência do México, e ressalta principalmente um histórico de convulsões sociais marcadas por derramamento de sangue. A partir desse panorama, a autora localiza o Porfiriato como um ponto de harmonia social onde tanto durante seu período quanto no seu fim e transição o país é resguardado de um *modus operandi* bárbaro em que se sangra e mata governantes. Ou seja, para ela Porfírio Díaz é a ruptura de um passado de revoltas e convulsões, um período de “paz” e ordem que possibilitaria até mesmo uma negociação para renúncia e transição branda.

¹⁸⁴ *The President is very ill. I am deeply disappointed that our audience has to be put off. I want to see the old régime, now decidedly tottering, in its accustomed setting. (...) Indeed, I have not seen "hide or hair" of any of the actual government.* O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 29.

¹⁸⁵ *"I have been looking into the history of Mexico since the "Independence"—to try to get some sort of a "line" on governmental psychology. So much bloodshed has always attended a change of government here. (...) The long reign of Diaz was preceded by all sorts of upheavals, in which any one who had anything to do with government lost his life."* *Ibidem.*, p. 30

Assim, O'Shaughnessy desconsidera os recentes conflitos do governo Díaz, seja durante essa primeira fase da Revolução ou mesmo referente à toda crise de sucessão presidencial e outras situações em que a classe operária e camponesa se organizavam por melhores condições de trabalho e pelo fim da expropriação de terras.¹⁸⁶ Esses exemplos são com certeza situações de desarmonia social. Contudo, a autora os ignora, seja por não considerar tão relevante quem compunha os feridos e mortos dos campos de batalha da Revolução e toda a luta popular que a antecedeu, seja por não ter visto ainda amostras dessas convulsões diretamente na Cidade do México, onde se hospedava.

Já que para a estadunidense o Porfiriato simboliza um período de tranquilidade popular, a sua sucessão provavelmente representaria o fim da paz, visto que podemos entender que a partir da leitura que faz da "psicologia governamental" do México, a política do país tendia sempre ao desequilíbrio e agitação social. Por esse viés, ela continua mais à frente:

À medida que as gerações se renovam com certeza e prontidão, no final o golpe nas coisas industriais é o mais grave; e não me julgue sem coração por afirmar esta verdade simples e cruel. Diaz parece finalmente empurrado contra a parede e, claro, com ele muitos interesses estrangeiros, que entendo serem vitais para a vida do país. Ele teve muita sabedoria, mas os deuses parecem ter retido o conhecimento da recomendação muito prática de um dos filósofos antigos sobre sucumbir no tempo. Ele supostamente prometeu sua renúncia, se sua consciência permitir. Ele teme a anarquia e, claro, conhece seu povo muito, muito bem.

Até eu, estranha e estrangeira, tenho a sensação de que, se essa revolução for bem-sucedida, as "liberdades" do povo mexicano, como sempre, se perderão na confusão. (...) A cortesia para com estrangeiros poderá ser levada adiante?¹⁸⁷

Percebemos nesse trecho a invocação de algumas questões importantes que indicam a opinião de O'Shaughnessy sobre a questão política do México nesse momento. A atenção ao setor industrial para ela é sempre o mais afetado elemento em

¹⁸⁶ Ver KATZ, Friedrich. **La guerra secreta en México**. Ediciones Era, 1990, pp. 48-50.

¹⁸⁷ *"As the generations renew themselves with certainty and promptness, in the end the blow to things industrial is the most serious; and don't think me heartless for stating this simple, cruel truth. Diaz seems at last pushed to the wall, and, of course, with him many foreign interests, which I understand are vital to the life of the country. He has had much wisdom, but the gods seem to have withheld knowledge of the very practical recommendation of one of the old philosophers about succumbing in time. He is supposed, however, to have promised his resignation, if his conscience lets him. He fears anarchy, and, of course, he knows his people very, very well.*

Even I, stranger and alien, have a sort of feeling that if this revolution proves successful the "liberties" of the Mexican people will, as usual, get lost in the mêlée. (...) Can courtesy to foreigners be carried further?" O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 30.

uma situação de transição governamental no país. Afinal, as chamadas “coisas industriais” estariam diretamente ligadas a Díaz e aos “interesses estrangeiros”; isso pode ser atribuído ao grande volume de capital estrangeiro aplicado no país no final do século XIX durante o Porfiriato, que favoreceu um denso processo de industrialização e progresso econômico. Segundo Stephen Haber, estima-se que só em 1910 o capital exterior investiu algo próximo a dois bilhões de dólares em empresas ferroviárias, mineradoras, entre outros ramos industriais, o que poderia representar mais de 70% dos recursos gerais investidos no México.¹⁸⁸ Assim sendo, a autora vê a presença estrangeira, e, vale dizer, principalmente dos Estados Unidos, no setor industrial do país como algo essencial para sua sobrevivência, tanto financeira quanto social.

Entende-se que para a autora a queda de Díaz – presidente que pela ótica de O’Shaughnessy representava a modernização do México, o equilíbrio social e político do país e o bom relacionamento com o capital internacional – supostamente significaria um rompimento no fluxo de investimentos estrangeiros no setor industrial do país, ao mesmo tempo que propiciaria a desordem social. Segundo ela, a liberdade, palavra publicada entre aspas nesse trecho, poderia custar caro para o povo mexicano, uma vez que, com o sucesso da Revolução e o fim do Porfiriato a tendência dessa sociedade, levando em conta seu histórico político, seria a de anarquia, e provavelmente perdas econômicas.

No dia 21 de maio, dia seguinte à carta dos trechos acima, foram assinados os tratados de Ciudad Juárez, determinando um acordo de paz e a formação de um governo provisório. A renúncia de Porfírio Díaz veio dias depois, em 25 de maio de 1911. Em correspondência do dia 24 de maio, Edith O’Shaughnessy escreveu sobre conflitos na Cidade do México. A Revolução finalmente chegava à vista da esposa do diplomata: “O México está em plena revolução, ou melhor, no que parece ser o ato normal de livrar-se do executivo.”¹⁸⁹

É curioso como a autora só compreende a Revolução como plena quando uma amostra desse processo se aproxima dela. Ela conta mais à frente na carta que estava na Embaixada dos Estados Unidos com a Senhora Wilson quando lhes foi avisado que um grande número de pessoas estava protestando em frente à casa de Díaz. Assim, relata

¹⁸⁸ Ver HABER, Stephen. **Industry and underdevelopment: the industrialization of Mexico, 1890-1940**. Stanford University Press, 1995, p. 12.

¹⁸⁹ “*Mexico is in full revolution, or, rather, in what seems the normal act of getting rid of the executive.*” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 32

seu rápido retorno para casa, descreve com os O'Shaughnessy poderiam se proteger e o que seu esposo Nelson viu nas ruas da Cidade do México:

(...) O som rosnado e retumbante de uma turba distante é uma coisa inquietante, e eu estava tremendo pelo meu filho enquanto me transportava. Mantivemos as portas grossas da entrada do pátio (o vestíbulo ou *zaguán*, como chamam) fechadas e trancadas, todas as venezianas da frente fechadas, e o mais apertadas possível. Aconchegante demais para mim, pois, uma vez que minha criança estava protegida por uma barricada, senti o espírito de aventura aumentar.

N., que estava em uma missão no Ministério das Relações Exteriores, onde ouviu a notícia, veio correndo pelo Paseo, grato por nos encontrar todos alojados em segurança, com a informação adicional de que metralhadoras haviam sido colocadas no telhado do palácio e que a polícia estava atirando na multidão na grande praça, que gritava: "Morte a Díaz!" muitos sendo mortos e feridos.¹⁹⁰

Como se sabe, houve tumultos e manifestações na Cidade do México no dia 24 de maio de 1911, em função principalmente da demora na apresentação da renúncia de Díaz no Congresso mexicano.¹⁹¹ Contudo, é interessante notar como a autora caracteriza a massa manifestante. A palavra “*mob*” que aqui podemos traduzir como turba, ou multidão, tem conotação de aglomerado desordeiro ou até mesmo “ralé”. Além disso, ela dá a essa concentração que protesta contra Díaz atributos animais ao referir o som que produziam nas ruas como um rosnado. Uma vez em casa, protegida e confortável junto ao seu filho, ela se vê declaradamente em uma situação de “aventura”. Esse discurso, diante de seu contexto e tonalidade, chama a atenção por seu viés etnográfico imperialista. Dessa maneira, os mortos e feridos alvejados naquele contexto são lembrados de uma forma que beira a indiferença. Ela continua em outro momento da mesma carta:

Esta manhã a turba foi abatida no alto da nossa rua, na larga Plaza de La Reforma (...) ao som de tiros rápidos e gritos, saí na sacada e vi a multidão correndo em todas as direções, alguns caindo quando as armas colocadas ao lado da estátua giravam com uma lentidão horrível e regular do outro lado da rua.

¹⁹⁰ “(...) *The growling, rumbling sound of a far-off mob is a disquieting thing, and I was trembling for my boy as I drove along. We had the thick doors of the courtyard entrance (the vestibule, or zaguán, as they call it) closed and barred, all the front shutters fastened, and soon were as snug as possible. Too snug to suit me, for, once my infant was safely barricaded, I felt the spirit of adventure rising.*

N., who had been on an errand at the Foreign Office, where he heard the news, came running across the Paseo, thankful to find us all safely housed, with the further information that mitrailleuses had been placed on the palace roof, and that the police had fired on the crowd in the great square, who were shouting, "Death to Díaz!" many being killed and wounded.” O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 33

¹⁹¹ TAYLOR, *op. cit.*, p. 197.

N. havia corrido para casa da Embaixada por um caminho lateral, sabendo que nossa rua era o cenário da ação. Senti que devíamos fazer algo além de permanecer a portas fechadas quando aquela agonia estava sendo encenada; mas N. e o Sr. Seeger (...) me disseram que os americanos em geral e a Embaixada em particular deveriam ficar longe do problema. De fato, não foi o nosso funeral. Acompanhados pela polícia, maqueiros apareceram na cena um pouco mais tarde e as ruas foram limpas de mortos e feridos.¹⁹²

Novamente ela relata um episódio em que um protesto é contido na Cidade do México, dessa vez mais próximo da casa em que se hospedava. Mas o que podemos destacar desse trecho é a informação sobre a segurança de estadunidenses, principalmente membros da Embaixada dos Estados Unidos. Mesmo em circunstâncias onde a massa revoltante estava perto, a certeza institucional de que sua casa e sua gente seriam poupadas de qualquer risco a coloca em uma posição estratégica, tanto no sentido de segurança quanto para a oportunidade de observar a turba se dispersar e ter suas mortes “limpas” da rua sem qualquer problema.

É nessa condição que O’Shaughnessy aguarda o fim oficial do Porfiriato, tema que iniciará sua carta do dia seguinte, 25 de maio: “Hoje às 4:30 a renúncia de Díaz foi finalmente arrancada dele.”¹⁹³ A ideia de uma renúncia que havia sido “arrancada” do presidente soa quase como uma violação, um golpe que poderia ter sido evitado. Podemos supor que a autora estava questionando mais uma vez as escolhas do povo mexicano, sobre o qual ela se refere algumas linhas depois, na mesma carta: “a turba está novamente como uma simples multidão de aparência pacífica, cantando o hino nacional e gritando: "Viva Madero!" intercalado com um ocasional "Viva De la Barra!"”¹⁹⁴ Nota-se que a massa de populares é vista como mais cordial uma vez que canta e não causa tumulto ou qualquer outro ato de baderna que demandasse ser repreendida e metralhada pela polícia. Ou seja, o que antes era uma turba, “*mob*”, passa a se organizar agora como uma “multidão de aparência pacífica” (“*peaceful-appearing*”).

¹⁹² “*This morning the mob was shot down at the top of our street in the broad Plaza de la Reforma. (...) to the sound of quick-firing guns and screams I stepped out on the balcony and saw the mob running in all directions, some dropping as the guns placed by the statue turned with a horrible, regular slowness across the street.*”

N. had rushed home from the Embassy by a side way, hearing that our street was the scene of action. I felt we ought to do something besides remaining behind closed doors when that agony was being enacted; but I was told by N. and Mr. Seeger (...) that Americans in general and the Embassy in particular should keep out of the trouble. In fact, it wasn't our funeral. Police-attended stretcher-bearers appeared on the scene a little later, and the streets were cleared of dead and wounded.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 35

¹⁹³ “*To-day at 4.30 Diaz's resignation was finally wrung from him.*” *Ibidem.*, p. 36.

¹⁹⁴ “*(...) the mob is again simply a peaceful-appearing crowd, singing the national anthem and crying, "Viva Madero!" interspersed with an occasional "Viva De la Barra!"*” *Ibidem.*, p. 36

crowd”) que dá vivas ao novo (Madero), mas também ao não tão novo assim (De la Barra).

Na carta do dia 26 de maio, Edith O’Shaughnessy conta um pouco mais sobre suas impressões diante da renúncia de Díaz e faz menção à posse de Francisco Leon de la Barra como presidente interino do México:

(...) a mudança de governo foi efetuada de forma branda, e não de outra forma, se olharmos para a história mexicana. Algumas centenas de mortos e feridos, alguns milhares de dólares em danos causados a propriedades na cidade, e o grande, longo e glorioso regime de Diaz é coisa do passado. O México deve trilhar caminhos inexplorados.

(...) Señor de la Barra foi empossado como presidente da república de tarde. Nenhuma manifestação antiamericana, que já foi temido, embora o embaixador e sua equipe tenham tido a agradável experiência de serem vaiados ao se dirigirem à Câmara para a cerimônia.¹⁹⁵

Observa-se que a autora reitera a novidade histórica quanto a uma transição de governo em que o governante não é assassinado no processo. Se esse fato a faz considerar o momento como tranquilo, ela também faz uma apuração sobre os danos e custos da Revolução para pôr fim a um regime político dito glorioso. Diante disso, entre os dados que apresenta, apenas o fim do Porfiriato é uma ocorrência de número preciso, e as mortes e estragos materiais são dadas por grandezas mais sintéticas, e restritas à capital do país.

Quanto à posse de De la Barra, ela ressalta a possibilidade de atos anti-estadunidenses. De acordo com Frederick C. Turner,¹⁹⁶ sentimentos de antipatia contra estadunidenses ajudaram a fortalecer o nacionalismo mexicano, mas representavam um problema para os Estados Unidos desde o início da Revolução Mexicana. Embora comuns e bem difundidas em todas as camadas sociais e regiões do país, essas manifestações anti-estadunidenses não tinham uma única motivação, podendo se justificar tanto por conta de intervenções militares dos Estados Unidos no México quanto por algum ressentimento a ver com a xenofobia sofrida por mexicanos e/ou por

¹⁹⁵ “(...) *the change of government has been effected mildly rather than otherwise, if one looks back over Mexican history. A few hundreds killed and wounded, a very few thousands of dollars damage done to property in town, and the great and long and glorious Diaz régime is a thing of the past. Mexico is to tread untrodden paths.*

(...) *Señor de la Barra was sworn in as President of the republic in the afternoon. No anti-American riots, which were at one time feared, though the ambassador and his staff had the pleasant experience of being hissed as they went to the Cámara for the ceremony.* O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 37.

¹⁹⁶ Ver TURNER, Frederick C. Anti-Americanism in Mexico, 1910-1913. **Hispanic American Historical Review**, v. 47, n. 4, p. 502-518, 1967, pp.502-503, 518.

demonstrações de um sentimento de superioridade de cidadãos estadunidenses. Assim sendo, uma vez que a Revolução tinha tido êxito em relação à queda de Díaz, a autora chama a atenção para a preocupação com atos que repudiassem os representantes dos Estados Unidos na cerimônia de posse de De la Barra, o que não deixou de ocorrer mesmo com algumas vaias de desaprovação ao embaixador Henry Lane Wilson.

Conforme determinava o Tratado de Ciudad Juárez, Francisco Leon de la Barra, secretário das Relações Exteriores e ex-embaixador do México nos Estados Unidos, fora nomeado presidente interino do país até que se realizassem novas eleições. Sua gestão representou um compromisso entre o governo deposto e as novas esperanças políticas mexicanas. Enquanto o governo provisório mantinha praticamente intacta a base institucional do Porfiriato, uma vez que seus remanescentes permaneceram no governo,¹⁹⁷ Porfírio Díaz se despedia do México e seguia em exílio para a França.

Seguindo com seus comentários acerca da posse de De la Barra, O'Shaughnessy destaca novamente o desfecho do Porfiriato: "(...) Agora testemunhamos o encerramento da época de Diaz."¹⁹⁸ Na edição publicada de *Diplomatic Days*, essa frase é acompanhada de uma longa nota de rodapé que se estende até boa parte da página seguinte, em que a autora conta com detalhes que viu Porfírio Díaz em três situações futuras no ano de 1913: a primeira no domingo de Páscoa em Roma; a segunda no verão em Paris; e a terceira em setembro de 1913, quando ela retornava para o México e o ex-presidente, sem poder embarcar,¹⁹⁹ aproximou-se com uma lancha do navio que ia em direção ao México para deixar sua filha. Bastante expressiva, a autora tece de forma romântica uma imagem desse momento, reforçando a figura de um bom e inofensivo velhinho, e declara:

Enquanto eu viver, sua figura será para mim o sinal e o símbolo da nostalgia, ao vê-lo em sua pequena lancha, a cabeça descoberta sob o céu brilhante, o ponto brilhante de sua gravata vermelha acentuando a brancura de seus cabelos, observando com olhos saudosos o navio voltar-se para a terra que o havia gerado e que ele, por sua vez, tornara grande e honrosa entre as nações.²⁰⁰

¹⁹⁷ MEYER, Lorenzo. Felipe Arturo Ávila Espinosa, Entre el Porfiriato y la Revolución. El gobierno interino de Francisco León de la Barra. **Estudios de historia moderna y contemporánea de México**, n. 31, p. 141-145, 2006, pp. 142-143.

¹⁹⁸ "(...) *We now witness the closing of the Diaz epoch.*" O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 38

¹⁹⁹ GARNER, Paul. **Porfirio Díaz**. Routledge, 2014, p. 2.

²⁰⁰ "As long as I live his figure will be to me the sign and symbol of nostalgia, as he stood in the small launch, his head bared under the brilliant sky, the bright spot of his red necktie accenting the whiteness of his hair, watching with longing eyes the ship turned toward the land which had given him birth, and which he in return had made great and honorable among nations." *Ibidem.*, p. 39.

3.2. O governo provisório de De la Barra

Para além da convocação de eleições presidenciais em outubro de 1911, os cinco meses do governo provisório de Francisco Leon de la Barra tiveram como objetivo a restauração da harmonia social do México, visto que algumas lideranças rebeldes ainda não tinham deixado as armas. Ou seja, o Tratado de Ciudad Juárez teria determinado o fim da Revolução, porém não era isso que se via ao redor do país.

Para o governo dos Estados Unidos, era muito importante que o presidente interino trabalhasse na garantia da segurança de cidadãos estadunidenses, bem como de suas propriedades, nas regiões ainda ocupadas por tropas armadas de revolucionários.²⁰¹ Além disso, ao mesmo tempo em que contava com uma parcela de classes abastadas e conservadoras do México, o governo interino contou com o reconhecimento de investidores e de governos estrangeiros.²⁰² A trajetória política e diplomática de De la Barra lhe fazia compreender bem as reivindicações dos Estados Unidos e as possíveis pressões diante de qualquer desconformidade com suas demandas, não encontrando dificuldades em angariar o apoio do governo estadunidense enquanto esteve no poder.²⁰³

Em contrapartida o Tratado de Ciudad Juárez conservava o aparelho estatal do Porfiriato – exército, sistema judicial, Congresso, por exemplo – e não contemplava reformas sociais, como a reforma agrária. Somado a isso, o projeto de desmobilização das tropas revolucionárias desagradou lideranças insurgentes. Segundo Aguilar Camín e Meyer, tentar descontinuar essas forças foi o plano de Madero para conseguir chegar ao poder. Contudo, essa iniciativa gerou resistência de algumas correntes. Já na transição de governo, a postura de Madero em combinar o modelo político vigente com as expectativas de um novo governo trouxe desaprovação de colaboradores.²⁰⁴ Dessa forma, Madero tanto permitiu quanto incentivou que o governo provisório de De la Barra agisse no desmonte da Revolução. O governo interino teve de conviver com problemas que também acompanhariam Madero depois de eleito, como conspirações e revoltas políticas advindas de várias vertentes que antes haviam se somado ao

²⁰¹ VÁZQUEZ, Josefina Zoraida; MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos. Fondo de Cultura Económica**, 2015, pp. 124-125.

²⁰² ESPINOSA, Felipe Arturo Ávila. **Entre el Porfiriato y la Revolución: el gobierno interino de Francisco León de la Barra**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2005, p. 25.

²⁰³ VÁZQUEZ, Josefina Zoraida; MEYER, Lorenzo. *Op cit.*, p117.

²⁰⁴ AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: Edusp, 2000, pp. 38-39.

maderismo. Na carta do dia 27 de maio de 1911, Edith O'Shaughnessy comenta um pouco sobre essa conjuntura de insatisfação:

A cidade está ocupada se preparando para a recepção de Madero e para as eleições. O general Reyes ainda é temido pelo novo partido. Madero disse outro dia a um de nossos jornalistas correspondentes que a única coisa desfavorável no Gabinete era a admissão do General Reyes como Ministro da Guerra, e que os membros do Gabinete e os governadores dos estados seriam escolhidos posteriormente por ele e De la Barra. Parece que na repartição das ameixas as primeiras sementes da discórdia serão lançadas no novo jardim político.²⁰⁵

Além dos preparatórios para a chegada de Madero na Cidade do México, situação que trabalharemos logo mais, a autora comenta sobre receios quanto ao general Reyes. A figura de Bernardo Reyes é um bom exemplo para pensarmos o panorama de oposição a Madero e as sementes da discórdia que a autora se refere, em 1911. Ex-secretário de Guerra do Porfiriato, Reyes se opôs à eleição de Díaz em 1910, candidatando-se ao cargo de presidência, e depois unindo-se a Madero durante a Revolução. Depois da renúncia de Díaz, ele se colocou novamente como candidato, opondo-se a Madero em conspirações e organizando junto a seus apoiadores uma ofensiva contra Madero em San Antonio e Laredo, fronteira norte do país, ainda em finais de 1911.²⁰⁶ Dessa maneira, Reyes representava não somente uma oposição política, mas um risco real aos planos eleitoreiros de Madero e à consonância requerida a todo tempo pelos Estados Unidos na fronteira.

No quadro de seus ex-aliados, Madero podia listar mais nomes. Concomitantemente à rebelião de Bernardo Reyes, Emílio Vázquez Gómez, antes um forte apoiador do maderismo, também organizou uma junta contra Madero na fronteira norte do país, incitando os descontentes com o governo de Madero a pegarem em armas. Já em 1912, Orozco, liderança tão essencial para a tomada de Ciudad Juárez em

²⁰⁵ “The town is busy preparing for the reception of Madero and for the elections. General Reyes is still feared by the new party. Madero said to one of our newspaper correspondents the other day that the only unfavorable thing in the Cabinet was the admission of General Reyes as Minister of War, and that the members of the Cabinet and governors of states would be selected later by himself and De la Barra. It looks as if in the apportioning out of the plums the first seeds of discord will be sown in the new political garden.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, pp. 39-40

²⁰⁶ HARRIS, Charles H.; SADLER, Louis R. The 1911 Reyes Conspiracy: The Texas Side. **The Southwestern Historical Quarterly**, v. 83, n. 4, p. 325-348, 1980, p. 327.

1911, também se opôs em enfrentamento ao maderismo.²⁰⁷ Entre outros exemplos, de antigos e novos antagonistas a Madero – não podemos esquecer de Zapata com sua oposição camponesa, que apoiou Madero durante a primeira fase da Revolução mas continuou armado depois da queda do Porfiriato –, podemos dizer que o projeto de construção de um novo governo mexicano estava sendo posto à prova e sua capacidade de construção já podia gerar suspeitas mesmo antes da eleição, como vemos nas palavras de O’Shaughnessy.

Na carta do dia 29 de maio, ela faz um comentário sobre o Plano de San Luis Potosí, manifesto lançado por Madero em 1910, logo após as eleições que deram vitória a Porfírio Díaz. No documento, Madero chama o povo mexicano para pegar em armas e lutar contra a ditadura porfirista, e ela observa:

Fala-se muito aqui sobre algo chamado "Plano de San Luis Potosí", aparentemente as pedras de construção de um novo México. É o manifesto que Madero fez naquela cidade nos primeiros estágios de sua revolução, um documento político bastante pessoal e arbitrário, no qual ele se declara portavoz da vontade da nação e declara ilegal a última eleição de Don Porfírio. (...) Madero finalizou dizendo que a república não tinha um governo legítimo e ele assumiria a presidência provisória. É tão simples que pode ter sucesso, e o governo Diaz deixou uma quantia confortável no tesouro para iniciar as operações, cerca de sessenta e cinco milhões.²⁰⁸

O Plano de San Luis Potosí sustentou a campanha eleitoral de Madero desde o princípio da Revolução. Destacando-se por pontuar interesses relacionados à criação de uma democracia parlamentar e pela ideia de limitação dos direitos de estrangeiros no México, o Plano não apresenta propostas de cunho social além da promessa de devolver terras expropriadas de camponeses, presente no artigo terceiro do texto. Segundo Berta Ulloa, “O artigo 3º do Plano de San Luis Potosí despertou a esperança de que os pueblos de Morelos recuperariam seus direitos sobre as terras e águas que durante o porfiriato lhes foram arrancadas”.²⁰⁹ Esse tópico em específico, embora não apresentasse um projeto de como seria realizado, era bastante diferenciado dos

²⁰⁷ TAYLOR, Lawrence D. The border as a zone of conflict: Foreign volunteers in the Mexican revolution and the issue of American neutrality, 1910–1912. **Journal of Borderlands Studies**, v. 20, n. 1, p. 91-113, 2005, pp. 100-102.

²⁰⁸ “There is a good deal of talk here about something called the “Plan de San Luis Potosí,” apparently the building stones of a new Mexico. It’s the manifesto Madero made at that town in the early stages of his revolution, a rather personal and arbitrary political document, in which he declares himself the mouthpiece of the nation’s will, and pronounces the last election of Don Porfirio illegal. (...) Madero finished by saying that the republic being without a legitimate government, he assumes the provisional presidency. It’s so simple it may succeed, and the Diaz government left a comfortable sum in the treasury to begin operations with, some sixty-five millions.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, pp. 43-44.

²⁰⁹ ULLOA, Berta. “La lucha armada (1911-1920)”. In: **Historia general de México**. Tomo 2. (Vários autores). México: El Colegio de México, 1981, p. 1076.

programas maderistas anteriores e com certeza atraiu o apoio e a força armada das comunidades camponesas do sul do país sob a liderança de Zapata. Mais à frente, na correspondência do dia 4 de julho, O'Shaughnessy faz outra referência ao tema:

Fico me perguntando como Madero pode "dividir os grandes latifúndios" e entregá-los àquela quantidade desconhecida, e aqui até sem rótulo, "o povo". De acordo com o Plano de San Luis Potosí, pareceria que o México era um bolo que bastava cortar e depois passar as fatias.²¹⁰

Ora, como se sabe, Madero não cumpriu o prometido. O próprio Tratado de Cidade Juárez não trazia qualquer menção à reforma agrária. Além disso, depois da queda de Díaz, as movimentações camponesas de requererem suas terras foram frustradas pela determinação do governo provisório de De la Barra em considerar qualquer operação contra as fazendas como "ato de guerra", o que levou os zapatistas a romperem definitivamente com Madero.²¹¹ Embora O'Shaughnessy definitivamente não corroborasse com as ideias presentes no artigo 3º do Plano de San Luis Potosí, é curioso como ela aborda a questão: embora cite o projeto de restituição de terras – expropriadas durante o governo Díaz no projeto liberal de incentivo às empresas industriais que passaram então a usufruir da mão-de-obra da população rural –, tal escolha de palavras sobre o assunto revela, até mesmo de maneira não muito sutil, sua postura crítica e mesmo condenatória. Três elementos da construção de seu discurso na passagem assim o revelam: em primeiro lugar o uso de aspas para citar o que seriam as palavras de Madero. Embora evidentemente toda citação deva ser contida entre aspas, esse uso em particular denota um sentido negativo. Isso é reforçado pela citação à palavra povo, que ela caracteriza como uma massa amorfa, um elemento quase vazio: "quantidade desconhecida, e aqui até sem rótulo". É essa massa que se torna parte da metáfora do bolo, pois cortar suas fatias significaria aqui uma divisão arbitrária e, portanto, injusta e contra os interesses de quem não seria o povo.

Na carta do dia 7 de junho de 1911, a autora comenta sobre as expectativas para a chegada de Francisco Madero na Cidade do México. Seu olhar etnográfico não deixaria de comentar que aquele dia havia sido tomado também por abalos mais

²¹⁰ *I keep wondering how Madero can "divide up the great estates" and deliver them to that unknown, and here even unlabeled, quantity, "the people." According to the Plan de San Luis Potosí, it would seem as if Mexico were a cake one had simply to cut into and then pass around the slices.* O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 73.

²¹¹ PRADO, Adonia Antunes. O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2003, p. 159.

naturais: “Esta manhã, às 4h30, a cidade foi abalada por um tremendo terremoto”;²¹² “(...) o maior terremoto que tiveram aqui em várias gerações”²¹³. Sem dúvida, todo terremoto é digno de nota, mas esse em específico mobilizava uma metáfora além dos abalos sísmicos: o também chamado “*temblor maderista*”²¹⁴ condimentou o imaginário da população, que, a partir de seu misticismo, logo vinculou o evento natural a uma dimensão divina na tão esperada chegada de Madero.²¹⁵ Diante das notícias sobre os danos do terremoto, O’Shaughnessy, à espera de presenciar a entrada de Madero na Cidade do México, relata seu atraso:

Madero deveria chegar à Cidade do México às dez horas e começar sua marcha triunfal da estação pelas grandes vias, descendo o Paseo, a avenida Juárez, a avenida San Francisco, até o palácio; mas agora são 14h e ele ainda não veio. À medida que o dia passa, o terremoto começa a ser interpretado apenas como uma manifestação da Divina Providência em seu favor. Não há soldados fora. Isso, me disseram, é para mostrar à multidão que eles têm a confiança de seu campeão e salvador. Parece-me um pouco confiante demais; se surgir alguma agitação entre a multidão, já desequilibrada pelo choque do terremoto, como essas pessoas serão controladas?²¹⁶

Percebe-se que O’Shaughnessy, em algum momento do dia, toma conhecimento da interpretação divina do terremoto associado à chegada de Madero. Porém, embora essa seja aparentemente uma observação neutra, está implícito que o povo pode agir com pouco discernimento. Ela ressalta o desequilíbrio da multidão, massa que já tenderia a ser desordeira, mas que, somando à demora de seu “salvador” e ao impacto emocional do terremoto, é digna de preocupação em relação a um possível descontrole. A falta de soldados, que ela frisa, vem de encontro à sua desconfiança quanto ao controle que a multidão deve ter para não se tornar uma turba, como ela chegou a apontar antes, e precisasse ser contida pelas ruas.

²¹² “*This morning, at 4.30, the town was shaken by a tremendous earthquake.*” O’SHAUGHNESSY, *Ibidem.*, p. 51

²¹³ “*(...) the biggest earthquake they have had here in several generations.*” *Ibidem.*, p. 52.

²¹⁴ Ver SÁNCHEZ, Grecia Monroy. Lírica y política en las hojas volantes de la imprenta de Antonio Vanegas Arroyo. **Boletín de Literatura Oral**, p. 195-201, 2019, pp. 198-199.

²¹⁵ DÍAZ FRENE, Jaddiel. Entre hojas volantes y máquinas parlantes: la otra historia de la llegada de Madero a la Ciudad de México (1911). **Historia y grafía**, n. 58, p. 17-56, 2022, pp. 46-47.

²¹⁶ “*Madero was supposed to reach Mexico City at ten o'clock, and begin his triumphal march from the station through the great thoroughfares, down the Paseo, the Avenida Juárez, the Avenida San Francisco, to the palace; but it is now 2 P.M. and he has not yet come. As the day wears on the earthquake begins to be interpreted solely as a manifestation of Divine Providence in his favor. No soldiery out. This, I am told, is to show the mob that they are trusted by their champion and savior. It strikes me as a bit too trusting; if any excitement does arise among the mob, already unsteadied by the earthquake shock, how will these people be controlled?*” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 53

Mais adiante, ela retorna à carta no mesmo dia à noite para finalmente descrever o desfile de chegada de Madero:

Às três horas, Madero desceu o Paseo. Nosso entusiasmo havia diminuído um pouco depois da longa espera, mas paramos em um carro na frente de nossa porta e pudemos ver a imensa multidão o aclamando. (...) Parece que sua partida de sua casa ancestral em Parras e a jornada para baixo foram uma das experiências pessoais mais marcantes de toda a história. Foram três dias de aplausos e adoração contínuos, como só os imperadores romanos conheciam (ou talvez Roosevelt quando passou pela Europa).²¹⁷

A historiografia aborda o caminho percorrido por Madero da fronteira-norte do país até Cidade do México como um circuito glorioso onde milhares de pessoas o receberam ao longo da rota.²¹⁸ O comentário de O'Shaughnessy demonstra sua curiosidade quanto à magnitude do clamor popular direcionado a Madero. A partir disso, a autora faz comparações do episódio, inicialmente com uma referência aos desfiles triunfais dos imperadores romanos, dado que as referências clássicas sempre trazem um quê a mais de erudição, e depois com uma insinuação ao ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt. Essa segunda comparação se refere à viagem realizada por ele entre os anos de 1909 e 1910 com destino a África e a Europa, continente em que Roosevelt foi recebido em diversos países com grande ovação.²¹⁹

Seja com os imperadores romanos, seja com Roosevelt, o paralelo feito pela autora sobre o percurso triunfal de Madero e sua entrada igualmente grandiosa na Cidade do México pode ser compreendido, a partir de seu relato, como uma situação surpreendente para O'Shaughnessy. É possível que, em seu julgamento, tal demonstração de louvor fosse exclusiva de grandes homens, merecedores de aclamação – Júlio César ou Roosevelt. Madero, contudo, era ainda um personagem que suscitava muitas dúvidas. Nessa perspectiva, ela continua:

Bem, é uma experiência curiosa ver um povo no momento em que eles estão convencidos de que é sua salvação, ver o homem que eles chamam de

²¹⁷ “At three o'clock Madero passed down the Paseo. Our enthusiasm had somewhat abated after the long wait, but we stood up in a motor in front of our door, and could see the immense concourse acclaiming him.

(...) It appears that his departure from his ancestral home in Parras, and the journey down, have been one of the most remarkable personal experiences in all history. There were three days of continual plaudits and adoration, such as only the Roman emperors knew (or perhaps Roosevelt when he went through Europe).” O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 53.

²¹⁸ HART, John Mason. **Revolutionary Mexico: the coming and process of the Mexican Revolution.** Univ of California Press, 1989, p. 251; SOLARES, Ignacio. **Madero en la historiografía de la Revolución.** 2000, p. 58; HENDERSON, Peter VN. **In the Absence of Don Porfirio: Francisco León de la Barra and the Mexican Revolution.** Rowman & Littlefield, 2000, p. 59.

²¹⁹ Ver THOMPSON, J. Lee. **Theodore Roosevelt Abroad: Nature, Empire, and the Journey of an American President.** Springer, 2010, pp. 117-131.

"Messias" entrar em sua Jerusalém. Não consigo pensar em comparação menor. A única coisa que eles não gritaram foi "Hosana". Os telhados estavam pretos com as pessoas ao longo de sua rota. Muitos jogavam flores e galhos verdes quando ele passava. (...)

Madero não conseguiu fazer nenhum discurso ao chegar aqui — perda da voz e dor de cabeça, li no jornal de noite. A viagem e esse clímax de sua entrada na capital sem dúvida sobrepujaram sua mortalidade. A multidão, no entanto, estava muito concentrada em suas próprias experiências para sentir qualquer falta. O "redentor" estava com eles e sua mera presença parece ter sido suficiente.²²⁰

No trecho acima notamos o tom irônico da autora ao se referir à reação do povo com a chegada de Madero na cidade. Nota-se que o comportamento da multidão dá ao líder revolucionário uma opulência messiânica; é entendido como curioso, e decerto descabido, já que para O'Shaughnessy a salvação daquela gente dificilmente viria pelo sucesso da Revolução maderista e a chegada de Madero à presidência. Em vista disso, a falta de um discurso do líder, do "messias", é citada como um contraponto de fragilidade para a construção de uma figura heroica ou divina. Além disso, a multidão é colocada como uma massa de manobra, que estaria se contentando com uma experiência política no mínimo incompleta, embora determinada por questões físicas e patológicas. As sutilezas da linguagem também revelam um racismo arraigado, já que estão pretos os telhados apinhados de gente.

Conforme seguem os dias, O'Shaughnessy continua sustentando uma visão de dubiedade acerca do panorama político do México, expondo o que vê como contraditório e deixando evidente suas descrenças em relação a Madero. Na correspondência do dia 9 de junho, O'Shaughnessy comenta sobre um anúncio de Madero quanto aos investimentos estadunidenses e expõe uma questão paradoxal:

Madero anunciou publicamente que incentivará os investimentos americanos, mas que se oporá a todos os trustes e concessões injustas. Parece quase razoável demais para ser verdade. Ele fez essas declarações de algum lugar no norte quando prometeu libertar todos os presos políticos e todos os prisioneiros de guerra. Esta revolução no México é cheia de

²²⁰ "Well, it is a curious experience to see a people at the moment of what they are convinced is their salvation, to see the man they hail as "Messiah" enter their Jerusalem. I can think of no lesser simile. The only thing they didn't shout was "Hosanna." The roofs were black with people along his route. Many threw flowers and green branches as he passed. (...)

Madero could make no speech on his arrival here—loss of voice and sick headache, I see by the evening newspaper. The journey and this climax of his entry into the capital doubtlessly overwhelmed his mortality. The crowd, however, was too intent upon its own experiences to feel any lack. The "redeemer" was with them and his mere presence seems to have been sufficient." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, pp. 53-54.

contrastes, para dizer o mínimo. Alguém já viu tamanha anomalia como a que estamos testemunhando aqui?²²¹

Nessa passagem, a observação da autora quanto às incoerências do discurso de Madero é feita principalmente a partir da expectativa econômica, valorizada pelo capital dos Estados Unidos – que, como já vimos neste capítulo, é entendido como investimento essencial ao desenvolvimento e sobrevivência do México. A autora provavelmente estava avaliando um cenário de campanha política, onde anúncios do tipo são esperados e têm suas especificidades dependendo do público. Mas, diante do discurso de Madero, essa declaração vinha acompanhada de outra mais polêmica. A soltura de prisioneiros políticos e de guerra denota algo incabível para o julgamento da autora, deixando transparecer sua crítica sobre o que vê como ideias no mínimo ilógicas.

Algumas correspondências depois, a autora continua a discutir as promessas eleitorais de Madero. Em primeiro de julho, ela discorre sobre as promessas “surreais” do líder revolucionário e salienta principalmente a ingenuidade do povo mexicano quanto à sua crença em um horizonte de mudanças no país:

Como foi observado por alguém outro dia, quanto mais os mexicanos tentam mudar o México, mais permanece a mesma coisa.

Praticamente novos métodos eleitorais devem ser testados, e como Madero, a menos que tenha um talento secreto para assuntos cívicos, vai resolvê-los é o que todos estamos esperando para ver. Os ouvidos do povo estão cheios de promessas. O governo poderia prometer a neve do Popo[catépetl] — qualquer coisa; mas há uma cantiga sendo cantada agora na cidade que alimenta o pensamento: “Pouco trabalho / Muito dinheiro / Pulque barato / Viva Madero!”.

É um pouco instável para fundar um governo, mas sem dúvida representa com muita precisão os sonhos dos pelados, como são chamados os peões.²²²

²²¹ “Madero has publicly announced that he will encourage American investments, but that he will oppose all trusts and unjust concessions. It sounds almost too reasonable to be true. He made these statements from some place in the north when he promised to liberate all political prisoners and all prisoners of war. This revolution in Mexico has been full of contrasts, to say the least. Has any one ever seen such an anomaly as we witnessed here?” *Ibidem.*, p. 55.

²²² “As was observed by some one the other day, the more the Mexicans try to change Mexico the more it remains the same thing.

Practically new electoral methods are to be tried out, and how Madero, unless he has a secret flair for civic matters, is to solve them is what we are all waiting to see. The people's ears are full of promises. The government would promise the snow of Popo—anything; but there is a ditty being sung about town now that gives one food for thought:

*Poco trabajo, Little work,
Mucho dinero, Much money,
Pulque barato, Cheap pulque,
Viva Madero! Long live Madero!*

A suposição de fracasso dada por Edith O’Shaughnessy em relação à Revolução de Madero e à trilha política do país pós-Porfiriato é apresentada como um predestino. Nela está embutida tanto um julgamento de incapacidade de governar de Madero, quanto uma crítica à natureza dos mexicanos em legitimá-lo politicamente em um ambiente de falsas promessas.

Além disso, podemos perceber no trecho acima que a autora também destaca uma leitura sobre o povo a partir de sua própria expressão popular, ligando-os essencialmente ao desejo de trabalhar menos e beber mais. Essa visão traz uma preconceituosa representação das camadas populares do México: uma vez que o povo expressa vontade de trabalhar menos, ele está demonstrando sua incapacidade de colaborar para as mudanças em sua sociedade e para o crescimento de seu país, pois está subjacente a percepção de que é o trabalho que move a economia, tal como “dignifica o homem”. Portanto, a população, enquanto base de apoio para a construção do governo, se não trabalha o suficiente, tornaria frágil esse projeto de país.

Aliás, os homens da canção descrita por O’Shaughnessy não só esperam trabalhar menos, como também desejam poder beber mais. Somado à ideia de preguiça e vadiagem de quem não quer trabalhar, a referência ao assíduo consumo de álcool traz uma conotação imoral. A partir disso, a autora localiza esse povo como uma categoria facilmente manipulável, que na extensão de sua vulgaridade aposta em promessas insensatas e tem ambições fúteis, como o beber mais pulque, uma bebida popular, e desonrosas, como trabalhar menos.

Na carta do dia 10 de julho, Edith O’Shaughnessy descreve um jantar na casa do embaixador da Alemanha, Paul von Hintze, no qual Madero estava presente em sua primeira participação oficial no mundo das relações internacionais. Tendo sido pessoalmente apresentada tanto a Madero quanto à sua esposa Sara Pérez Romero, a autora trabalha com mais detalhes uma descrição sobre a aparência do casal, abaixo do ideal. “Imaginei-a em Chapultepec e, de alguma forma, não consegui encaixá-la como *châteline* daquele palácio de alto nível”,²²³ comenta sobre “Madame Madero” após minuciar sua roupa, joias e fisionomia.

It's a bit wabbly for founding a government on, but doubtless represents very accurately the dreams of the pelados (skinned ones), as the peons are called. O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 70.

²²³ *I pictured her at Chapultepec, and somehow could not fit her in as châteline of that high-standing palace.* O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 75

Em determinado momento, a autora relata uma conversa entre seu esposo Nelson O'Shaughnessy e Madero a respeito da regulamentação de créditos entre os Estados Unidos e o México:

N. sugeriu a Madero que concordasse com os pontos de vista dos Estados Unidos na regulamentação de créditos e ele disse o seguinte em francês: "Vocês, americanos, sempre agem com a presunção de que nós mexicanos estamos sempre errados".²²⁴

Além da fala de seu marido Nelson, cuja intenção está diretamente ligada aos interesses dos Estados Unidos de manter a extensa relação econômica com o México conforme um modelo imperialista, observamos também a resposta dada por Madero. Dita em francês, revelando uma erudição inesperada por O'Shaughnessy, o revolucionário se mostra desenvolto ao assinalar o caráter subjugador expresso pelo segundo secretário da embaixada dos Estados Unidos. Embora a fluência de Madero, tanto para prontamente responder uma provocação, quanto para fazê-lo em francês, pudesse surpreender a autora, as cartas seguintes mostram como ela seguiu hesitante quanto à sua competência para o cargo de presidente do México.

Ao longo dos próximos dias, O'Shaughnessy manteve seu julgamento de desaprovação a Madero, questionando principalmente a viabilidade de suas promessas de campanha. Também é provável que autora estivesse sendo influenciada pelo seu meio social, ou seja, o ambiente da Embaixada dos Estados Unidos, que na figura do embaixador Henry Lane Wilson, não poupava o líder revolucionário de duras críticas. Por sua desconfiança de que Madero não cumpriria uma política de proteção dos interesses de investidores estadunidenses, tal qual desenvolveu Díaz, Wilson se tornou um grande opositor do maderismo, sendo peça fundamental na trama que arquitetou a ruína política e o assassinato de Madero anos depois.²²⁵ Assim sendo, em contato constante com o pessimismo e desaprovação da sua própria embaixada, Edith O'Shaughnessy corrobora com uma projeção de desordem e irresponsabilidade política para o futuro México. A carta do dia 3 de setembro de 1911 é um bom exemplo sobre como a autora entende a conjuntura do México em Revolução como algo que se espalha fácil e é difícil de controlar:

²²⁴ "N. suggested to Madero his falling in with the views of the United States in the regulating of claims, and he said the following in French, 'You Americans always act on the presumption that we Mexicans are always in the wrong.'" *Ibidem.*, p. 76.

²²⁵ TORRES, Oscar Flores. **El otro lado del espejo: México en la memoria de los jefes de misión estadounidenses (1822-2003)**. Oscar Flores Torres, 2007, pp. 218-220.

O governo é tão incerto que ninguém se atreve a fazer qualquer movimento, exceto os bandidos e revolucionários; e eles, ao que parece, estão sempre animados. A revolução vem com facilidade no México; é feita com uma leve espontaneidade, norte, leste, oeste e sul, que "dá para pensar". Apenas borbulha, agora a "tampa está aberta", inerente e ingênua, como qualquer outro fenômeno natural inquietante.²²⁶

A questão principal abordada nesse trecho é o formato e extensão da Revolução, que, de acordo com a autora, começa de forma espontânea, mas se espalha com facilidade por todas as regiões do país, fluindo em crescente expansão. Contudo, os esforços necessários para iniciar a Revolução não seriam os mesmos para contê-la, pois seu desenvolvimento desvairado se daria pela propensão à agitação e desordem da sociedade mexicana. Dessa forma, como o governo não conseguia conter o avanço dessa conjuntura, o México estaria fadado à ação da bandidagem revolucionária.

A incompetência de Madero também se mostra para ela em um discurso cheio de promessas mais vazio de conteúdo. Na mesma carta, O'Shaughnessy continua:

Ótima coisa para ler é "A Sucessão Presidencial" de Madero. Estive dando uma olhada, esperando estar mais interessada do que estou, mas me parece que o assunto só é interessante porque se aplica ao México. Senão, é um pouco banal – o tipo de coisa que em todas as épocas demagogos sinceros pregaram ao povo. No entanto, serviu para criar uma espécie de partido democrático, um chamado governo do povo, mas qualquer tipo de pássaro liberal, penso eu, pode perder algumas penas aqui.²²⁷

A referência ao livro *La sucesión presidencial*, lançado em 1910 por Francisco Madero, pode ser entendida como um esforço da autora para entender o impulso necessário para iniciar a Revolução Mexicana. Sendo o país naturalmente disposto a revoltas, ela entende que a publicação, embora "banal", tenha incitado o povo, facilmente manipulável por um discurso demagógico. Segundo Cumberland, embora a publicação de Madero seja literariamente fraca, ela acabou tendo uma grande recepção e foi indubitavelmente muito influente na construção do movimento anti-reeleição de

²²⁶ *The government is so uncertain that nobody dares make any move except the brigands and revolutionaries; and they, it would appear, are always lively. Revolution comes easily in Mexico; it's done with a light spontaneity, north, east, west, and south, that "gives to think." It just bubbles up, now the "lid is off," inherent and artless, like any other disquieting natural phenomenon.* O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 111.

²²⁷ *The great thing to read is Madero's Presidential Succession. I have been looking at it, expecting to be more interested than I am, but the subject-matter, it seems to me, is only interesting because it applies to Mexico. Otherwise it is a bit platitudinous—the kind of thing that in all ages sincere demagogues have preached to the people. It has, however, served to bring a sort of democratic party, a so-called government by the people, into being, but any kind of liberal bird, methinks, is apt to lose a few tail-feathers here.* *Ibidem.*, p. 111-112.

Díaz.²²⁸ Como sabemos, a Revolução foi instigada por um panorama político muito mais amplo e socialmente heterogêneo. Assim, o que O'Shaughnessy desconsidera é que *La sucesión presidencial* serviu como combustível de mobilização em um cenário de descontentamento com o Porfiriato. Ou seja, para ela, se o povo é naturalmente descontrolado, qualquer leitura rasa sobre política tem condições de estimular a revolta.

Além disso, a autora sinaliza o perigo da ideia de um “governo do povo”, que para ela parece agradar os ouvidos da massa, mas provavelmente implicaria na deterioração de uma política liberal. Nesse sentido, podemos entender que a crítica da autora leva em conta que as ideias presentes na escrita de Madero, seu discurso político, dificilmente poderiam coexistir com um projeto de país cujo desenvolvimento dependia da manutenção do liberalismo, com o incentivo a concessões e investimentos estrangeiros, por exemplo. Por uma questão de governabilidade, as pautas sociais se limitariam apenas ao discurso demagógico da campanha pelo poder executivo.

A invocação da ingenuidade do povo mexicano é uma constante em *Diplomatic Days*, já que O'Shaughnessy com frequência desenvolve análises sobre como ele reage e parece ser influenciado pela ideia de “salvação”, desenvolvida tanto no estímulo à revolta quanto pela campanha política maderista em seus discursos eleitorais. A autora tende com frequência a construir uma imagem de povo enquanto massa ignorante, sem condições práticas para as mudar o que ela entende por necessário, ou manter o que ela julga importante para o país. Em 16 de setembro, dias antes da eleição de Madero, ela relata a cerimônia de comemoração da Independência do México a que compareceu na noite anterior. Entre comentários sobre a arquitetura e decoração do Palácio Nacional e conversas triviais com personalidades do círculo diplomático, O'Shaughnessy conta que foi convidada pelo presidente De la Barra a observar a multidão da sacada do prédio, de onde ele e Madero discursavam:

O presidente me pediu para sair à varanda; Eu era a única dama da Embaixada Americana presente, e fiquei ali por alguns minutos entre ele e Madero e olhei para aqueles milhares de rostos virados para cima. Sentí a emoção da multidão. Emanações sem nome de sua estranha psicologia chegaram até mim. Mas também fiquei triste, pensando no impossível que lhes foi prometido.²²⁹

²²⁸ CUMBERLAND, *op. cit.*, p. 55.

²²⁹ “*The President asked me to go out on the balcony; I was the only lady of the American Embassy present, and I stood there for a few minutes between him and Madero and looked down upon those thousands of upturned faces. I felt the thrill of the crowd. Nameless emanations of their strange psychology reached me. But also I was sad, thinking of the impossible which has been promised them.*” O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p.118-119.

Nota-se que a proximidade com a multidão que O'Shaughnessy experimenta nessa ocasião a comove de duas maneiras distintas: em primeiro lugar, através da percepção do impacto físico da massa, cuja proporção pujante lhe emociona de alguma forma no que ela vai compreender como uma amostra de uma exótica psicologia coletiva; por outro lado, pelo pesar que lhe trazia a visão dessa concentração de pessoas em celebração, uma vez que as expectativas do povo seriam deveras impossíveis de ser atendidas. Ou seja, há mais uma vez no discurso de O'Shaughnessy uma crítica quanto às promessas da Revolução Mexicana e, mais precisamente, da campanha eleitoral de Madero, que lhe parecem vazias e ineficazes.

Em pouco mais de duas semanas, Madero estaria eleito. Carregando uma forte oposição política desde as negociações com o regime Díaz, o novo presidente teve que lidar com a instabilidade política cunhada na Revolução. Além das várias revoltas que se estendiam pelo país em finais de 1911, depois da vitória nas eleições, iniciaram-se as cobranças de dezenas de apoiadores que haviam prometido ao povo melhorias na qualidade de vida, melhores trabalhos, terras, entre outras. Embora tivesse sido favorito nas eleições, todo esse processo também fez com que Madero perdesse boa parte da sua popularidade no país.

Diante desse difícil cenário de governabilidade, De la Barra deixou o governo antes do esperado e Madero assumiu o poder em novembro de 1911. Em *Diplomatic Days*, Edith O'Shaughnessy relata suas interações com De la Barra, sua família e gabinete, sempre com muita estima e admiração, afirmando, inclusive, o quanto ele poderia oferecer um destino mais competente para o futuro do México. Na carta do dia 5 de outubro de 1911, ela resume, em linhas gerais e com uma metáfora poética, sua interpretação sobre o governo interino:

De la Barra tem sido uma espécie de ponte suspensa entre Diaz e Madero, e que ele e a república ainda estejam "suspensos" é um testemunho de fato. A dissolução do famoso Exército Libertador, financeira e moralmente, continua sendo a grande dificuldade, pois dela brotaram todas essas flores de banditismo cujas raízes são, aparentemente, profundas demais para serem arrancadas.²³⁰

Em outras palavras, a Revolução seria a primavera para os bandidos, eternos componentes da terra mexicana.

²³⁰ "De la Barra has been a sort of suspension-bridge between Diaz and Madero, and that he and the republic are still "suspended" is testimony indeed. The disbanding of the famous Liberating Army, financially and morally, continues to be the great difficulty, as from it have sprung all these flowers of banditry whose roots lie too deep, apparently, for plucking." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p.131.

3.3. Do governo Madero até a volta para casa

Desde seus primeiros dias, o governo de Francisco Madero conviveu com uma potente oposição e foi frequentemente ameaçado por golpes vindos de diferentes grupos e intenções. Ainda antes de assumir a presidência, no dia 6 de novembro de 1911, Madero foi largamente criticado pela escolha de seu vice-presidente, José Maria Pino Suárez. Ademais, além de ser visto como um líder que havia se virado contra seus aliados depois da abdicação de Díaz, também sofreu pressões que diziam respeito sobre seu empenho para derrotar grupos revolucionários armados ainda presentes entre norte e sul do país. Em vista disso, Edith O'Shaughnessy teve claras amostras da situação política a partir de sua vivência na Cidade do México, como podemos observar na carta do dia 29 de outubro de 1911, poucos dias antes de Madero assumir a presidência:

Os moinhos políticos aqui estão macerando rápido, e não particularmente bem. (...)

Todas as noites, multidões continuam a desfilar pelas ruas, cantando "Pino-no-no-no", embora "Pino" tenha sido devidamente eleito vice-presidente de acordo com os "retornos angelicais daquele templo de liberdade e amor, a urna", como um dos deputados não convencidos chamou o processo.

Zapata esteve às portas da cidade e, com oitocentos homens, foi autorizado a saquear as cidades vizinhas. (...)

O ministro da Guerra, Gonzalez Salas, agitou um ninho de vespas ao dizer que em três dias depois de se tornar presidente Madero estrangularia o movimento de Zapata.²³¹

A menção da autora a Pino Suárez refere-se às queixas sobre a imposição de seu nome à vice-presidência por Madero através de um processo de manipulação de alguns estados mexicanos.²³² A partir do comentário de O'Shaughnessy, notamos que a não aceitação da vice-presidência não estava restrita aos círculos políticos oficiais, uma vez que ela relata ouvir protestos populares nas ruas.

²³¹ "The political mills here are grinding fast, and not particularly fine. (...)

Nightly, crowds continue to parade the streets, singing, "Pino-no-no-no," though "Pino" has been duly elected Vice-President according to the "angelical returns from that temple of liberty and love, the polling-box," as one of the unconvinced deputies called the process.

Zapata has been at the gates of the city and, with eight hundred men, allowed to pillage near-by towns. (...)

The Minister of War, Gonzalez Salas, has stirred up a hornet's nest by saying that in three days after becoming President Madero would strangle the Zapata movement." *Ibidem.*, pp.136-137.

²³² AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *op.*, cit. p. 42.

Já a referência a Zapata simboliza algo certamente mais complicado para a governabilidade de Madero: sua relação com o campesinato revolucionário. Como já abordamos, o movimento zapatista já havia rompido com Madero no começo do governo provisório de De la Barra, e a luta campesina no sul do país que continuou em efervescência ao longo de 1911 representava tanto uma das maiores fragilidades do executivo mexicano, quanto um exemplo do que a Revolução havia despertado mas que o maderismo não teria condições de conter.

A princípio, Zapata tinha pelo menos três demandas a Madero: a restituição de terras expropriadas; a criação de uma administração governamental revolucionária no estado de Morelos; e a retirada de tropas federais, destinadas a abater a Revolução na região. Na tentativa de chegar a um acordo, Madero chegou a oferecer o governo de Morelos a Zapata em troca da dissolução do exército zapatista, que deveria ser assim integrado às tropas federais no estado sulista. O projeto de devolução de terras estava de fora dos planos de Madero. Ainda, sua proposta não seria aceita nem por Zapata, nem pelo exército federal, que permaneceu em guerra com o movimento campesino de Morelos.

Essa conjuntura levou Zapata a proclamar o Plano de Ayala, que, com ênfase nas questões agrárias e na defesa armada da causa camponesa, propunha uma ruptura com as leis vigentes exigindo a imediata restituição de terras (artigo 6); a distribuição de territórios monopolizados (artigo 7); e a nacionalização dos bens dos latifundiários que se opusessem a tais determinações (artigo 8).²³³ Na carta do dia 30 de novembro O'Shaughnessy trata especificamente sobre o Plano de Ayala:

Zapata acaba de dar mais algum material de construção para a nova república, na forma do que ele chama de *El Plan de Ayala*, da data de 25 de novembro, escrito para ele por um dos irmãos Vasquez Gómez. Para nossa surpresa, o brilhante editor do *La Prensa* não falou nada desfavoravelmente disso.

Não sei se é cedendo ao inevitável, ou conveniência, que o faz advogar o uso do referido material, que prevê a divisão das terras do estado de Morelos, único estado em que, por questões climáticas (não políticas), a distribuição de terras poderia ser feita sem a instalação de gigantescos processos de irrigação, impossíveis aos índios.²³⁴

²³³ BUSTOS, Rodolfo Bórquez (org.); MEDINA, Rafael Alarcón; LOZA, Marco Antonio Basilio. **Revolução Mexicana: antecedentes, desenvolvimento, consequências**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, pp. 94-98.

²³⁴ "Zapata has just given some more building material to the new republic, in the shape of what he calls *El Plan de Ayala*, of the date of November 25th, written for him by one of the Vasquez Gómez brothers. To our surprise, the brilliant editor of *La Prensa* has spoken not unfavorably of it.

No comentário da autora sobre o Plano de Ayala podemos notar que ela credita a autoria do documento a um dos irmãos Vasquez Gómez. Essa afirmativa não se sustenta, pois, segundo a historiografia sobre o tema,²³⁵ o Plano foi redigido pelo próprio Zapata em colaboração com o professor Otilio Montaña. Embora não possamos alegar com certeza, a declaração de O'Shaughnessy pode ter sido motivada por depreciação das lideranças camponesas, uma vez que são diretamente ligadas à população indígena. Quando a autora caracteriza a região do estado de Morelos quanto a suas vantagens geográficas, sendo essa a terceira maior região açucareira do mundo no início da década de 1910,²³⁶ ela provavelmente estaria considerando as perdas econômicas que uma reforma agrária geraria às empresas latifundiárias ali instaladas.

Além das tensões com o movimento revolucionário no sul do México, o governo Madero também foi atravessado por embates na região norte do país, como os exemplos de Pascual Orozco, que trataremos mais à frente, e Bernardo Reyes. As revoltas no norte do país implicavam em um problema antigo e inerente à região: a fronteira com os Estados Unidos.

Como já comentado neste trabalho, em oposição a Madero, Reyes cruzou a fronteira e organizou uma investida contra o governo a partir das cidades texanas de San Antonio e Laredo. Esse feito pode ser entendido como a primeira conspiração sofrida pelo governo Madero, uma vez que em grande parte fora viabilizado pelo próprio exército federal, contingente maciçamente formado por tropas porfiristas.²³⁷ Não obstante, a tentativa de golpe não teve sucesso, uma vez que a base de apoio de Madero eram os estados do norte,²³⁸ e que o governo mexicano pôde contar com o apoio dos Estados Unidos para derrotar Reyes através das leis de neutralidade. O'Shaughnessy discorre sobre o assunto em *Diplomatic Days*:

Reyes foi preso em San Antonio por um marechal dos Estados Unidos, acusado de violar as leis de neutralidade. Ele estava fazendo apenas o que Madero fez, mas o que serve pra um não serve pra outro. Diaz tinha seu

I don't know if it is bowing to the inevitable, or expediency, that makes him advocate the use of the aforesaid material, which provides for the division of the lands of the state of Morelos, the only state in which, for climatic reasons (not political), the distribution of land could be undertaken without installing gigantic irrigation processes impossible for the Indians." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 163.

²³⁵ Ver CHEVALIER, François. Un factor decisivo de la revolución agraria de México: "el levantamiento de Zapata," 1911-1919. **Cuadernos Americanos**, 1960, p. 13; ÁVILA ESPINOSA, Felipe. **Los orígenes del Zapatismo**. México: El Colegio de México, 2001, p. 12; MILLON, Robert P., **Zapata: The Ideology of a Peasant Revolutionary**, International Publishers Co, 1995, pg. 40.

²³⁶ GILLY, Adolfo. **La revolución interrumpida**. Ediciones Era, 2007, p. 65.

²³⁷ KATZ, Friedrich. **La guerra secreta en México**. Ediciones Era, 1990, p. 64.

²³⁸ HART, John Mason. **Revolutionary Mexico: the coming and process of the Mexican Revolution**. Univ of California Press, 1989, p. 255.

Madero, Madero seu Reyes. Como teria sido fácil fazer amizade com Reyes, que era o ídolo do exército!

Madero agora fala em esmagar todos os movimentos revolucionários com mão de ferro; mas sua mão infelizmente não tem semelhança com ferro ou qualquer coisa que possa esmagar.²³⁹

Nota-se que a autora compara a ação de Reyes com a de Madero, referindo-se às articulações maderistas feitas desde a fronteira durante do Porfiriato e as interpretações das leis de neutralidade que permitiram que a Revolução se armasse e abastecesse com o necessário para com sucesso se levantar contra Díaz. Segundo Cumberland,²⁴⁰ a pedido de Madero o governo dos Estados Unidos havia enviado seu exército para a fronteira com o objetivo de salvaguardar a região contra infrações às leis de neutralidade do país. Motivos como cruzamentos de fronteira e, principalmente, a colaboração de governantes texanos à causa de Reyes, podiam facilmente ser comparados às antigas operações maderistas. Mas, de acordo com Vic Niemeyer,²⁴¹ até mesmo Reyes esperava poder contar com a complacência dos Estados Unidos, já que o país permitiu que Madero também conspirasse contra o governo mexicano meses antes. Dessa vez, as autoridades estadunidenses agiram de forma diferente na fronteira: o governo de Taft agiu categoricamente contra revoltas na fronteira e sua interpretação oficial das leis de neutralidade estava disposta a acabar com o movimento de Reyes. Nesse sentido, a “mão e ferro” que O’Shaughnessy diz que Madero não possui para conter os movimentos revolucionários teria vindo do governo dos Estados Unidos, cuja defesa da neutralidade interna acabou por evitar o projeto de invasão do México por Reyes.

Abrangendo um ponto central das relações diplomáticas entre México e Estados Unidos, a questão da fronteira punha em evidência as reivindicações quanto à proteção dos cidadãos estadunidenses e seus bens em território mexicano. Além disso, como já comentamos, movimentos anti-estrangeiros eram uma realidade no México, o que ampliava as tensões entre os dois países. O’Shaughnessy expõe esse assunto em algumas correspondências, como na do dia 6 de novembro de 1911, quando Madero

²³⁹ “Reyes has been arrested at San Antonio by a United States marshal, charged with violating the neutrality laws. He was doing only what Madero did, but what is sauce for the gander isn’t sauce for the goose. Diaz had his Madero, Madero his Reyes. How easy it would have been to have made a friend of Reyes, who was the idol of the army!

Madero now talks about crushing all revolutionary movements with an iron hand; but his hand, alas! has no likeness to iron or anything that can crush.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 157.

²⁴⁰ CUMBERLAND, *op. cit.*, p. 187.

²⁴¹ NIEMEYER, Vic. Frustrated Invasion: The Revolutionary Attempt of General Bernardo Reyes from San Antonio in 1911. **The Southwestern Historical Quarterly**, v. 67, n. 2, p. 213-225, 1963, p. 224.

assume a presidência, e entre o vozerio da multidão que o saudava podia-se ouvir alguns "Abajo los gringos".²⁴² Algumas cartas depois, ela chama a atenção para o trabalho de seu esposo Nelson O'Shaughnessy nessa conjuntura: "N. acaba de ser delegado a tirar um americano da cadeia, o terceiro esta semana. Eles são levados por nada; não somos populares aqui agora."²⁴³ Em vista das mobilizações rebeldes no norte do México, podemos dizer que nos primeiros meses do governo Madero os Estados Unidos se voltaram em especial para as tensões na fronteira, área que concentrava maior número de cidadãos e bens estadunidenses e que despertava a atenção da diplomacia de Taft em fazer valer de forma satisfatória as requisições de proteção de estadunidenses, suas propriedades e capital.

Na carta do dia 26 de janeiro de 1912, a autora conta sobre uma recepção no palácio de Chapultepec, em que Nelson O'Shaughnessy e o presidente Madero conversaram sobre reivindicações de estadunidenses lesados durante a Revolução:

N. caminhou para cima e para baixo no terraço com o presidente por um longo tempo. Ele disse que teve uma conversa muito interessante, acidentalmente ligando às alegações de americanos que foram mortos ou feridos durante a revolução, em El Paso e Douglas. N. (...) apontou ao Presidente o caráter especial dessas reivindicações; que durante uma revolução pela qual ele se estabeleceu como presidente do México, seus soldados, tomando posições ocupadas pelas tropas do presidente Diaz, mataram e feriram em solo americano vários cidadãos americanos pacíficos. Tratava-se de uma alegação que não poderia ser negada por nenhum tribunal internacional, para não falar da violação do território americano. N., encontrando Madero em clima de otimismo (não que isso seja incomum), aconselhou-o fortemente a resolver essas reivindicações, que não eram grandes, e estavam levando muitas críticas ao seu governo, quando as coisas podiam correr tão bem. (...)

Madero respondeu: "Tudo isso será resolvido no devido tempo", mas ele não parecia sentir que era tão importante quanto N. pensava que era, dizendo: "Eles deveriam ter saído do caminho do perigo". Disse também que os valores reclamados eram exorbitantes (...) e não via como, sem levar a questão a um tribunal de arbitragem, poderia decidir quanto a uma indenização adequada. N. disse que, como a questão da responsabilidade do México era certa, ele não precisava ter medo de admitir a validade das reivindicações em princípio – para conseguir um bom advogado ferroviário no Texas para descobrir em quanto esses danos seriam pagos por uma empresa ferroviária se um evento com tais lesões ocorresse em uma linha

²⁴² O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, 148.

²⁴³ "N. has just been delegated to go to get an American out of jail, the third one this week. They are taken up for nothing; we are not popular here just now." *Ibidem.*, p.185.

férrea dos Estados Unidos e, em seguida, quadruplicar o valor. Isso pareceu impressioná-lo, mas, nas areias movediças dos passivos mexicanos, provavelmente não levará a lugar algum.²⁴⁴

O trecho apresentado exemplifica a atenção dos Estados Unidos acerca da proteção dos bens e das vidas de seu país. O tom imperioso de Nelson O'Shaughnessy põe em perspectiva os proveitos que a Revolução maderista teve com a vista grossa de Taft em relação às leis de neutralidade, mas de imediato cobra os débitos, aproveitando-se das vulnerabilidades do governo Madero. Embora a conversa seja relatada como amistosa, há sempre uma orientação sobre o quê e como gerir determinada coisa. Além disso, no tocante à prescrição dada, há a descrença ou o pessimismo quanto às capacidades do presidente mexicano de encaminhar as sugestões, uma vez que o governo estava se afundando em dificuldades.

Considerando os danos e despesas que a Revolução já havia trazido para cidadãos e empresas estadunidenses na região da fronteira, a atenção sobre as revoltas na região eram justificadas com a intenção de remediar despesas futuras, mas também estavam ligadas a um pessimismo em relação à competência de Madero em controlar a desordem e reprimir sua oposição armada. Por conseguinte, há uma série de notificações do governo dos Estados Unidos sobre o compromisso do México em resguardar estadunidenses e seus bens. Na carta do dia 5 de fevereiro de 1912, Edith O'Shaughnessy comenta sobre a recepção que uma reivindicação do tipo teve na Cidade do México:

Um grande alvoroço na cidade por causa das ordens de mobilização de Washington ontem, ou o que for; que as forças militares comandadas pelo

²⁴⁴ "N. walked up and down the terrace with the President for a long time. He said he had a very interesting conversation, accidentally turning on the claims of Americans who had been killed or wounded during the revolution, in El Paso and Douglas. N.(...) pointed out to the President the special character of these claims; that during a revolution by which he had established himself as President of Mexico his soldiers, in taking positions held by President Diaz's troops, had killed and wounded, on American soil, several peaceful American citizens. This constituted a claim that could not be denied by any international tribunal, to say nothing of the violation of American territory. N., finding Madero in optimistic mood (not that this is unusual), advised him strongly to settle these claims, which were not large, and were leading to much criticism of his government, when things might go so pleasantly. (...) Madero replied: "All that will be settled in due time," but he did not seem to feel that it was as important as N. thought it was, saying, "They should have got out of harm's way." He also said the amounts claimed were exorbitant (...) and he did not see how, without bringing the matters before a court of arbitration, he could come to a decision as to proper compensation. N. said that, as the question of Mexico's liability was certain, he need not be afraid to admit the validity of the claims in principle—to get a good railroad lawyer in Texas to find out for him how much such injuries would be paid for by a railroad company in event of such injuries occurring on a United States line, and then quadruple the amount. This seemed to make an impression on him, but in the shifting sands of Mexican liabilities will probably lead nowhere." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, pp. 201-202.

Departamento de Guerra estejam prontas para a concentração imediata na fronteira. As manchetes dos jornais são quase americanas em tamanho e sensação.

Os Estados Unidos avisam a Madero que ele deve proteger os americanos e os interesses americanos dos danos dos rebeldes, e os ouvidos mexicanos estão no chão, atentos ao possível passo de pés americanos deste lado do Rio Grande. O governo está claramente desconcertado. Eles precisam saber exatamente “onde” estão com os Estados Unidos, *Não nos baseamos em um solo que treme.*²⁴⁵

A autora coloca em evidência a apreensão gerada no México quanto à possibilidade de envio do exército dos Estados Unidos para a fronteira. Dessa maneira, podemos entender que o uso da figura de linguagem que retrata os “ouvidos mexicanos no chão” representa não só o temor de uma intervenção estadunidense no México, mas também uma concepção subalterna comparada à proeminência que as forças de guerra dos Estados Unidos teriam para cruzar a fronteira e lutar contra rebeldes ou quem mais atentasse contra seus cidadãos, bens e interesses. Ainda, há a figura do governo mexicano como uma categoria atrapalhada e falha, frustrada por não dar conta de sua obrigação diplomática. Em outras palavras, a autora explora um cenário que põe seu país tanto como o ponteiro capaz de resolver seu próprio problema na fronteira, como uma nação de quem não se deve desobedecer às exigências.

É importante comentar que, nos primeiros meses de 1912, as tensões na fronteira em geral se referiam às movimentações de Pascual Orozco. Ex-aliado de Madero, Orozco rompeu com o governo e declarou sua rebelião no início de março de 1912. Tendo parte do setor empresarial do estado de Chihuahua em seu apoio, a revolta se desenvolveu com rapidez e em poucas semanas boa parte do território já havia sido tomada.

O’Shaughnessy comenta sobre a situação no dia 29 de fevereiro: “Orozco está abertamente em plena revolta. Com ele estão alguns milhares de soldados e todo o

²⁴⁵ “Quite a flutter in town because of orders from Washington yesterday for mobilization, or what amounts to it; the military forces being commanded by the War Department to be ready for immediate concentration on the border. Head-lines of the newspapers are almost American in size and sensation. The United States warns Madero that he must protect Americans and American interests from injury by rebels, and Mexican ears are to the ground, listening for the possible tramp of American feet this side of the Rio Grande. The government is distinctly discomfited. They need to know exactly where they are “at” with the United States, *On ne fonde pas sur un sol qui tremble.*” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 207.

estado de Chihuahua.”²⁴⁶ No decorrer dos dias, a autora acompanhou os embates entre o exército federal e as tropas rebeldes no norte do país, relatando também as operações diplomáticas dos Estados Unidos em relação ao bem estar dos estadunidenses em meio aos conflitos armados na fronteira. Algumas semanas depois, no dia 25 de março, ela escreve sobre o suicídio do comandante José González Sala, depois de sua derrota contra as forças insurgentes de Orozco:

Uma reunião do Gabinete foi realizada às pressas no Palácio. O desastre pode ser recuperado? É o que estrangeiros e nativos se perguntam o dia todo. Atrevo-me a dizer que uma grande proporção da população está pronta para virar "Orozquista" ao menor indício do destino. Há sempre um "gênio militar" aqui pronto e geralmente capaz de perturbar qualquer situação existente.²⁴⁷

É nessa reunião comentada pela autora que Madero nomeia Victoriano Huerta como comandante das operações militares em substituição a González Salas.²⁴⁸ Huerta teria sucesso contra Orozco meses depois; contudo, pode-se dizer que a derrota das tropas federais em março expôs um problema de confiança nos quadros militares do exército e gerou um fluxo de especulações e sensacionalismos sobre os avanços dos orozquistas em direção à Cidade do México.²⁴⁹ Assim sendo, o trecho apresentado acima também exemplifica um pouco a sensação de que a revolução de Orozco teria tanto sucesso quanto a de Madero, já que o último falhava em reprimir as revoltas do país.

Vale ressaltar que, nos primeiros meses de 1912, tanto Madero quanto Orozco pediram apoio dos Estados Unidos. De acordo com Harris e Sadler, mesmo após o governo de Taft ter trabalhado na eliminação do movimento de Bernardo Reyes poucos meses antes, quando os rebeldes orozquistas começaram sua ofensiva contra Madero em março daquele ano, eles “ingenuamente presumiram que os Estados Unidos permitiriam

²⁴⁶ “(...) Orozco is openly in full revolt. With him are some thousands of troops and the whole state of Chihuahua.” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 225.

²⁴⁷ “A Cabinet meeting was hurriedly held in the Palace. Can the disaster be retrieved? is what foreigner and native alike have been asking themselves all day. I dare say a large proportion of the population are ready to turn "Orozquista" at the slightest further indication of fate. There's always a "military genius" here ready and generally able to upset whatever existing apple-cart there be.” *Ibidem.*, p. 240

²⁴⁸ MEYER, Michael C. El rebelde del norte: Pascual Orozco y la revolución. **Serie Historia Moderna y Contemporánea**, vol. 16, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984, p. 94.

²⁴⁹ AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: Edusp, 2000, pp. 48-49.

que eles importassem através de El Paso as munições de que precisavam”.²⁵⁰ No entanto, ainda que a figura de Madero gerasse muitas dúvidas sobre a capacidade de governar o México, o governo dos Estados Unidos preferiu colaborar com o presidente mexicano, visto que esse teria uma melhor posição para garantir a proteção dos interesses estadunidenses.²⁵¹ Dessa forma, uma das ações do governo Taft para a conservação do poder de Madero se deu com um embargo de armas. Isso dificultou drasticamente a operação de Orozco, que precisou contar com a custosa prática de contrabando de armamento pela fronteira para dar continuidade à sua revolução.²⁵²

Ainda que medidas de enfrentamento aos rebeldes orozquistas estivessem sendo tomadas por Madero, o embaixador dos Estados Unidos, Henry Lane Wilson, manteve seu pessimismo acerca da competência do presidente mexicano em restabelecer a ordem no país e proteger a vida de estadunidenses. Além disso, Wilson continuava a relatar episódios anti-estadunidenses no país, chegando a alegar que Madero teria intenções de sabotar interesses dos Estados Unidos no México.²⁵³ Portanto, o posicionamento do governo durante toda a gestão Madero foi de constante pressão quanto à defesa dos interesses estadunidenses, o que fica patente com as advertências que enviadas ao México por Taft. Na correspondência do dia 14 de abril de 1912 O’Shaughnessy aborda essa comunicação entre os países:

O governo mexicano está decididamente chateado hoje com o recebimento de uma notificação de Washington no sentido de que os Estados Unidos responsabilizarão o México e o povo mexicano por atos ilegais que sacrificam ou colocam em risco a vida ou a propriedade americana. É um aviso simultâneo para Madero e Orozco, e o tom certo da situação aqui é: "A necessidade é a mãe da intervenção?"²⁵⁴

Podemos destacar nesse trecho que a autora coloca como destinatários da mensagem oficial do governo dos Estados Unidos tanto Orozco como Madero. Logo,

²⁵⁰ HARRIS, Charles H.; SADLER, Louis R. The “Underside” of the Mexican Revolution: El Paso, 1912. **The Americas**, v. 39, n. 1, p. 69-83, 1982, p. 71.

²⁵¹ MAYER, Alicia et al. La política del gobierno de los Estados Unidos hacía México (noviembre de 1911 a febrero de 1913). **Estudios de Historia Moderna y contemporánea de México**, v. 13, n. 13, p. 211.

²⁵² MEYER, Michael C. *op. cit.*, p. 95.

²⁵³ CUMBERLAND. *op. cit.*, pp.200-201.

²⁵⁴ “The Mexican government is decidedly upset to-day at the receipt of a notification from Washington to the effect that the United States will hold Mexico and the Mexican people responsible for illegal acts sacrificing or endangering American life or property. It is a simultaneous warning to both Madero and Orozco, and the bon mot of the situation here is, ‘Is necessity the mother of intervention?’” O’SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 251.

podemos dizer que, por esse ponto de vista pouco importava ao governo Taft quem estaria descumprindo as reivindicações que diziam respeito à defesa do bem-estar dos cidadãos dos Estados Unidos e de seus bens e interesses no México. Por conseguinte, há um sentido de coação, de ameaça, nas palavras da autora, deixando evidente a possibilidade de uma intervenção caso houvesse desrespeito ao que estava sendo requerido por qualquer uma das partes. Ela continua a tratar do tema na carta do dia 17 de abril:

O governo mexicano responde à nossa notificação do dia 14, mais próximo de um ultimato, na qual chamamos a atenção categoricamente para a enorme destruição de propriedades americanas, sempre em crescimento no México, e a tomada de vidas americanas, em contrário aos usos de nações civilizadas.

Os Estados Unidos esperam e exigem que a vida e a propriedade americanas dentro da República do México sejam protegidas de maneira justa e adequada, e responsabilizarão o México e os mexicanos por todos os atos arbitrários e ilegais que os sacrifiquem ou os ponham em perigo.

Insistimos ainda que as regras e princípios aceitos pelas nações civilizadas como controle de suas ações em tempo de guerra sejam observados. Qualquer desvio de tal curso, qualquer maltrato de qualquer cidadão americano, será profundamente ressentido pelo governo e pelo povo americano, e deve ser totalmente respondido pelo povo mexicano. O tiroteio do infeliz e equivocado Thomas Fountain por Orozco (disse que T. F. estava tendo uma pequena aventura vendo a vida e a morte também com as forças federais) é deplorável. Orozco "responde" que naturalmente executou Fonte, que estava "lutando no exército do inimigo". Vários americanos, empregados nas ferrovias mexicanas, também foram assassinados pelos revolucionários.²⁵⁵

A insistente menção à ideia de uma nação civilizada no argumento sobre a necessidade do governo mexicano de garantir a segurança dos cidadãos estadunidenses e suas propriedades pode ser lida como um sentimento depreciativo dos mexicanos. Em

²⁵⁵ *"The Mexican government replies to our notification of the 14th, first cousin to an ultimatum, in which we call categoric attention to the enormous destruction of American property, ever on the increase in Mexico, and the taking of American life, contrary to the usages of civilized nations.*

The United States expects and demands that American life and property within the Republic of Mexico be justly and adequately protected, and will hold Mexico and the Mexicans responsible for all wanton and illegal acts sacrificing or endangering them.

*We further insist that the rules and principles accepted by civilized nations as controlling their actions in time of war shall be observed. Any deviation from such a course, any maltreatment of any American citizen, will be deeply resented by the American government and people, and must be fully answered for by the Mexican people. The shooting of the unfortunate, misguided Thomas Fountain by Orozco (said T. F. was having a little fling seeing life, and death, too, with the Federal forces) is deplored. Orozco "answers back" that naturally he executed Fountain, who was "fighting in the enemy's army." Several Americans, employed on the Mexican railways, have also been murdered by the revolutionists.", O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 252.*

outras palavras, e em um tom muito semelhante aos próprios textos diplomáticos oficiais, O'Shaughnessy expõe que se o governo do México e o povo mexicano não conseguissem se responsabilizar por oferecer um ambiente sem riscos de vida e prejuízos materiais para esses estrangeiros, o país latino-americano estaria atestando ser o inverso de uma nação civilizada. Ainda no texto da autora vemos novamente um tom ameaçador de que os Estados Unidos permaneceriam atentos a qualquer desrespeito dessas imposições, principalmente em tempos de Revolução, e estariam prontos para responder a qualquer hostilidade nesse sentido. Prontamente, ela faz referência à morte de Thomas Fountain, cidadão estadunidense que integrava as tropas revolucionárias de Francisco Villa e que foi executado por orozquistas, gerando uma série de protestos do governo dos Estados Unidos em relação ao México.

Segundo Meyer, Thomas Fountain teria ligações com atividades revolucionárias no México desde antes do início da Revolução. Atuando naquele momento como um dos soldados de Villa, ele havia sido capturado, julgado e executado como qualquer outro adversário, embora o governo dos Estados Unidos tivesse dado instruções para que quando um de seus cidadãos fosse capturado por qualquer força mexicana, esses fossem tratados conforme as regras do direito internacional.²⁵⁶ Uma vez que essa requisição foi desrespeitada, as tensões relativas à segurança de estrangeiros no México se intensificaram e não atingiram unicamente a Orozco, pois a notificação redigida pelo governo dos Estados Unidos teve como destino o governo federal do México.

Como já comentamos, o presidente Francisco Madero havia nomeado Victoriano Huerta como responsável pela campanha militar no norte do país. Com o passar dos meses o exército federal teve sucesso contra as guerrilhas da fronteira, o que não necessariamente valorizava a figura de Madero, mas com certeza enalteceu a de Huerta. Ainda em abril de 1912, O'Shaughnessy passa a reforçar a presença do general e sua eficácia em conter as revoltas no norte: "(...) mudanças de front estão entre os fenômenos naturais aqui. Parece que o General Huerta está cheio de recursos e contribuiu para alistar e equipar uma grande força neste curto mês."²⁵⁷ Segundo Aguilar Camín e Meyer,²⁵⁸ o sucesso do exército federal contra Orozco fez com que a instituição reconquistasse seu prestígio naquele momento, enquanto a reputação de

²⁵⁶ MEYER, Michael C.. *op. cit.*, pp. 97-99.

²⁵⁷ "changes of front are among the natural phenomena here. It appears General Huerta is full of resource and has contrived to enlist and equip a large force in this short month." O'SHAUGHNESSY, *op. cit.*, p. 265.

²⁵⁸ AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 49.

Huerta crescia entre os oficiais da embaixada dos Estados Unidos como o homem capaz de reestabelecer a ordem no México e preservar os interesses estadunidenses. No dia 25 de maio, Edith O'Shaughnessy relata a derrota de Orozco e destaca o desempenho de Huerta à frente do exército federal mexicano:

Orozco reconhece a derrota no norte, colocando-a às portas dos Estados Unidos. As leis de neutralidade o impediam de obter as armas e munições necessárias.

O governo está muito alegre, cheio de sorrisos com o avanço das tropas federais sob o comando do general Huerta, que varreram, com muito sangue, a mancha do escudo federal; já que Rellano, perdida por Gonzalez Salas, agora é retomada por Huerta. Orozco, em sua retirada, está destruindo ferrovias e pontes, e haverá grandes contas para alguém pagar. Huerta, ao que parece, mostrou um generalato de alta ordem.²⁵⁹

Sabe-se que a derrota de Orozco em Rellano, mesmo lugar em que meses antes as tropas federais sob o comando de Gonzalez Salas haviam sido derrotadas, não representou o fim de sua revolução, mas significou um sério abalo para o movimento. Somado ao embargo de armamento imposto pelos Estados Unidos, a insurreição orozquista estava enfraquecida e enfrentou dificuldades para retomar territórios reconquistados por Huerta, sendo finalmente eliminada no começo de outubro de 1912. Segundo Cumberland,²⁶⁰ o resultado mais significativo de todas as tensões causadas ao governo do México a partir da revolução de Orozco foi a maneira como os Estados Unidos passaram a lidar com o México no que se refere às demandas de segurança de seus cidadãos e bens em território mexicano. Essa questão teve como elemento principal as atitudes do embaixador Henry Lane Wilson, cujas constantes alegações de que Madero não teria condições de manter a ordem social do México e de que era incompetente no que tangia aos interesses dos Estados Unidos no México, influenciaram a política de Taft. Assim sendo, ao passo que o governo de Madero foi atravessado pela Revolução e suas variadas frentes de revolta, as relações diplomáticas entre Estados Unidos com o México maderista continuaram conturbadas até fevereiro de 1913, quando Madero sofreu um golpe de estado – vale dizer, com extensa participação do embaixador Wilson.

²⁵⁹ “Orozco acknowledges defeat in the north, laying it at the doors of the United States. The neutrality laws prevented him from getting in the required arms and munitions.

The government is very cheerful, full of smiles at the progress of the Federal troops under General Huerta, who have wiped out, in much blood, the blot on the Federal escutcheon; for Rellano, lost by Gonzalez Sala, is now retaken by Huerta. Orozco, in his retreat, is destroying railways and bridges, and there will be big bills for some one to foot. Huerta, it appears, has shown generalship of a high order.”

pp. 276-277

²⁶⁰ CUMBERLAND, *op. cit.*, p. 200.

Nesse panorama, durante o ano de 1912, O'Shaughnessy foi assimilando um ponto de vista em comum com o da embaixada. Por diversas vezes, como já expusemos nesta dissertação, ela relata situações em que Madero se mostra atrapalhado ou obtuso, além de julgar inúmeros momentos em que, mesmo antes de se tornar presidente, ele havia soado irresponsável e parecia não dotar das capacidades necessárias para assumir o poder e dar conta do tão referenciado legado de Porfírio Díaz. A carta do dia 5 de julho de 1912, onde a autora comenta sobre seu desejo de conhecer a capital de Morelos antes de voltar aos Estados Unidos, é um exemplo dessa construção sobre Madero:

A Sra. Wilson e eu tivemos uma conversa típica mexicana com o presidente. Era a propósito de Cuernavaca, que os sustos zapatistas sempre me impediram de visitar. Hoje, enquanto estávamos conversando com o Sr. Madero, ele disse: "O pedido está completo", e acrescentou que os zapatistas estavam bem controlados. Dissemos então que estávamos imensamente aliviadas, pois queríamos muito viajar de carro até Cuernavaca. Ele nos garantiu que era perfeitamente seguro e nos desejou uma viagem agradável. Mal havia chegado em casa, Carmona veio do Ministério das Relações Exteriores para dizer que o presidente implorou às senhoras da embaixada americana que adiassem a viagem, pois seria melhor não correr o risco de viajar por estradas pouco frequentadas agora.²⁶¹

Nota-se que a autora expõe justamente o que seria uma atitude confusa, ou mesmo irresponsável, do presidente mexicano ao incentivar uma viagem dela e da Sra. Wilson para um território zapatista. A ideia de descontrole do governo do México acerca da Revolução também fica evidente a partir da fala de que a revolta de Zapata estaria sob controle, o que é, de certa forma, desmentido logo depois no que ela caracteriza com um sentido de pressa e provável intenção de evitar maiores problemas com a embaixada dos Estados Unidos.

O'Shaughnessy concluiu essa sua primeira viagem ao México em outubro de 1912. A partir de *Diplomatic Days*, podemos observar que suas últimas semanas foram ocupadas por uma curta viagem ao estado de Veracruz, algumas despedidas, reuniões oficiais e jantares extraoficiais junto ao círculo político-diplomático ao qual pertencia. Nesse contexto, ela também esteve no palácio de Chapultepec com o objetivo de se

²⁶¹ "Mrs. Wilson and I had rather a typical Mexican conversation with the President. It was à propos of Cuernavaca, which the Zapatista scares have always prevented me from visiting. To-day, as we stood talking with Mr. Madero, he said, "Order is now complete," and added that the Zapatistas were well in hand. We then said we were immensely relieved, as we wanted very much to motor to Cuernavaca. He assured us it was perfectly safe and wished us a pleasant journey. I had barely got home when Carmona came over from the Foreign Office to say that the President begged the ladies of the American Embassy to postpone their trip, as it would be better not to run the risks of travel on unfrequented roads just now." pp. 296-297.

despedir da primeira dama, com quem construiu certa proximidade ao longo daquele ano. A autora relata esse momento de despedida, em que, tendo também encontrado Madero, constrói um retrato do presidente focando principalmente no que ela compreende como sua psicologia fantasiosa:

O presidente estava lá enquanto eu chegava, seu carro estava esperando para levá-lo ao palácio para uma reunião do Gabinete. Achei que ele parecia um pouco — muito ligeiramente — perturbado, embora tivesse a sensação de que sua cabeça ainda estava nas nuvens matinais do deslumbrante dia. Ele me desejou boa viagem e pronto retorno e foi embora. Nossas relações pessoais com ambos sempre foram muito amigáveis.

Imagino que tenha havido pouca ou nenhuma mudança em sua psicologia ao longo das linhas da política prática. Seu verdadeiro habitat é o mundo da fantasia, onde ele se sente protegido e conduzido por poderes benignos tão definitivamente quanto Tobias pelo anjo. Um estado de espírito como aquele pode ser muito convincente e ele pode testemunhar o que os indelicados dizem ser sua ambição favorita - sua própria apoteose.

A progressão tênue dos eventos mexicanos parece ter deixado seu espírito intocado, embora seu ser carnal deva ser uma massa de hematomas pelos fatos duros com que se depara. "Um homem com um sonho de prazer", mas tive vontade de deixar para ele uma edição de bolso de *O Príncipe*.

Achei que Madame Madero mostrava a tensão dessa escalada da obscuridade e da prisão pela via triunfal até os picos presidenciais. A inundação da luz da manhã, enquanto estávamos sentados no terraço, não poupou seu rosto cansado e ansioso. Eu tenho uma ideia de que ela é muito prática, mas não foi sua praticidade, mas os sonhos de seu marido, que os trouxeram para Chapultepec. É uma situação para desencorajar o bom senso.²⁶²

A aparência perturbada e desatenta de Madero; a perspectiva de que nada havia mudado na psicologia do presidente depois de meses tão difíceis politicamente; a ideia de que ele fantasia a própria apoteose enquanto seu corpo padece com as consequências

²⁶² "(...)The President was standing there as I drove up, his auto waiting to take him to the palace to a Cabinet meeting. I thought he looked slightly—very slightly—troubled, though I had a feeling that his head was still in the morning clouds of the dazzling day. He wished me a bon voyage and prompt return and drove away. Our personal relations with them both have always been most friendly.

I imagine there has been little or no change in his psychology along the lines of practical statecraft. His true habitat is the world of fancy, where he feels himself protected and led on by benign powers as definitely as was Tobias by the angel. A state of mind like that can be very compelling, and he may witness what the unkind say is his pet ambition—his own apotheosis.

The dim progression of Mexican events seems to have left his spirits untouched, though his fleshly being must be a mass of black-and-blue spots from the hard facts he bumps into. "One man with a dream at pleasure," but I felt like leaving him a pocket edition of *Le Prince*.

I thought Madame Madero showed the strain of that climb from obscurity and prison up the via triumphalis to the presidential peaks. The flood of morning light, as we sat on the terrace, did not spare her worn and anxious face. I have an idea that she is very practical, but it is not her practicality, but her husband's dreams, that brought them to Chapultepec. It's a situation to discourage common sense." pp. 334-335.

de seu poder... A descrição de Madero construída nesse trecho pela autora é lívida e potente, enquanto exageradamente poética. Entretanto, chama a atenção seu olhar sobre Sara Pérez, a Madame Madero, cuja humanidade é concebida no texto da autora quase como um lado contrário de seu esposo: enquanto Madero é visto como alguém que vive uma fantasia, a primeira dama não conseguiria esconder seu semblante tenso, cansado e ansioso. O caminho à presidência, a Chapultepec, pode ser entendido como um rumo que Madame Madero segue a partir do sonho de Madero. Embora essa leitura a respeito da primeira dama mexicana possa diminuí-la quanto à sua agência e trabalho durante a Revolução,²⁶³ é possível lermos o último parágrafo do trecho como um paralelo entre a “*Primera Dama de la Revolución*” e a esposa de diplomata Edith O’Shaughnessy, uma vez que a vida das duas são atravessadas pela biografia de seus maridos.

²⁶³ Ver FARÍAS, Francisco Suárez. Una mujer en la historia. **Política y Cultura**, n. 1, p. 271-276, 1992.

CONCLUSÃO

Desde sua independência em 1821, as relações diplomáticas do México com os Estados Unidos foram influenciadas pelo processo de expansão territorial e econômico estadunidense no século XIX. Nesse contexto, marcado drasticamente pela perda de cerca de metade de seu território para o vizinho do norte, é fundamental destacar o papel dos governos mexicanos no empenho de garantir o reconhecimento da soberania nacional do país. Uma vez que a diplomacia entre os dois países tem em seu histórico conflitos políticos de não reconhecimento de presidentes, tratados territoriais, fronteiras, e intervenções armadas por parte dos Estados Unidos, a doutrina do Destino Manifesto conduz a estrutura moral de um espírito imperialista que atravessa o período do expansionismo e se perpetua no século XX por outras especificidades.

No período que antecede a Revolução Mexicana, nota-se uma potente atuação dos Estados Unidos nas questões políticas do Porfiriato, principalmente em função do farto volume de investimentos injetados no território do México. O capital estrangeiro, investido principalmente pelos Estados Unidos, teve papel essencial no projeto de industrialização, modernização e crescimento econômico do México. Contudo, embora tenha sido essencial ao desenvolvimento do país, esses investimentos não melhoraram a vida nem da classe trabalhadora, que se via arrojada pelas empresas voltadas ao mercado estrangeiro, nem da classe campestre, que frequentemente perdia a posse coletiva de suas terras para grandes latifundiários. Esse descontentamento social, somado às questões político-eleitorais da reeleição do Porfírio Díaz, teceram um forte movimento de oposição durante a década de 1900.

Entre o processo da queda de Porfírio Díaz e o curto governo de Francisco Madero – período de maior enfoque desta dissertação – os Estados Unidos foram peça-chave para o desenvolvimento da Revolução, interferindo direta e indiretamente em favor de seus interesses e na construção de uma noção de restauração da ordem social do país, questão sobretudo ligada à preservação do bem-estar de cidadãos estadunidenses e suas propriedades em território mexicano.

É nessa conjuntura que Edith O'Shaughnessy compartilha sua viagem com seu público-alvo: sua mãe, *a priori*, entre 1911 e 1912 no momento da correspondência, e a audiência expandida – estadunidense – que pôde ler *Diplomatic Days* quando publicado

a partir de 1917. O livro, hoje disponível digitalmente em domínio público, atinge agora uma dimensão ilimitada para o acesso de seu conteúdo, o que ainda não se refletiu, contudo, no reconhecimento de sua utilidade como fonte plena para o estudo da história mexicana.

A publicação dessas cartas nos levou a considerar a intencionalidade da autora em escrevê-las enquanto um relato de sua viagem ao México revolucionário. Analisando suas linhas, fica patente uma interpretação da política e sociedade mexicanas totalmente em consonância com a visão oficial estadunidense – em resumo, o México é incapaz de se desenvolver sozinho. Os homens políticos mexicanos são corretamente subservientes – e, nesse sentido, civilizados e sofisticados, como Porfírio Díaz e Francisco León de la Barra, ou incompetentes e irresponsáveis, como Francisco Madero. O povo mexicano é uma massa amorfa, facilmente manipulada e dada à desordem. Assim, a história do México é para ela naturalmente inconstante e leva à instabilidade, como pelos terremotos que assolam o país. A exceção é o derrotado Díaz, responsável pelo período de maior alinhamento e sujeição aos interesses imperialistas dos Estados Unidos.

A concordância entre a visão de Edith O’Shaughnessy em seu livro e a abordagem estadunidense da Revolução nos desperta, pelo menos, a duas perguntas: qual é, então, a relevância particular dessa fonte para o estudo da Revolução Mexicana? Como ela pode ser lida sob uma perspectiva documental das relações diplomáticas entre Estados Unidos e México?

Entre as fontes não oficiais produzidas no contexto das Relações Internacionais entre Estados Unidos e México durante a Revolução Mexicana, talvez nenhuma delas explicita tanto as contradições e incongruências entre a realidade pragmática e o discurso cheio de meandros da política diplomática como *Diplomatic Days*. Os adjetivos, as metáforas, o “dar nomes aos bois” presentes na escrita de Edith O’Shaughnessy, no entanto, são editorialmente viáveis pois partem de uma premissa de documento pessoal e de bastidores, dando a ideia de um registro espontâneo do momento. Esse aspecto coaduna com o formato epistolar, no sentido de que se pretende como um registro informal, subjetivo e anedótico – o que o público-alvo do livro já teria como seu próprio horizonte de expectativa, dado que se trata de um texto “feminino”.

Mais além, diferentemente dos textos oficiais que são a base clássica para o estudo das relações internacionais, o caráter explícito da visão da autora sobre os

homens políticos e suas ações fornece também uma espécie de leitura nas entrelinhas desse universo – leitura essa quase literal, no sentido de que acompanha privadamente em tempo real a trama diplomática que produz a narrativa pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. **À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. EDUSP, 2000.
- ARCINIEGA, Maria Lourdes. **'A curious alchemy': revisioning gender identity in travel writing by Edith O'Shaughnessy, PK Page, and Karen Connelly**. Dissertação (Master of arts) - Department of English, University of Calgary, Calgary, 2008.
- ÁVILA ESPINOSA, Felipe. **Los orígenes del Zapatismo**. México: El Colegio de México, 2001.
- AVILA MARCUÉ, Felipe. **Santa Anna y la venta de la Mesilla**. Ciencia UANL. 2013 16 (64). pp. 15-19.
- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- _____. **A revolução mexicana**. Editora UNESP, 2010.
- BERBUSSE, Edward J. Neutrality-Diplomacy of the United States and Mexico, 1910–1911. **The Americas**, v. 12, n. 3, p. 265-283, 1956.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERBUSSE, Edward J. Neutrality-Diplomacy of the United States and Mexico, 1910–1911. **The Americas**, v. 12, n. 3, p. 265-283, 1956.
- BOROVKOV, Anatoly N. Colonización y anexión de Texas. **Iberoamerica**, n. 4, p. 32-47, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8a ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BURNETT, Lonnie A. **The Pen Makes a Good Sword: John Forsyth of the Mobile Register**. University of Alabama Press, 2006.

- BUSTOS, Rodolfo Bórquez (org.); MEDINA, Rafael Alarcón; LOZA, Marco Antonio Basilio. **Revolução Mexicana: antecedentes, desenvolvimento, consequências.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- CAHILL, Kevin J. The US Bank Panic of 1907 and the Mexican Depression of 1908–1909. **The Historian**, v. 60, n. 4, p. 795-811, 1998.
- CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. **A la sombra de la Revolución Mexicana.** Cal y arena, 1989.
- Cañizares-Esguerra, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo.** São Paulo: EDUSP, 2011.
- CASTRO MARTÍNEZ, Pedro Fernando. Andrew Jackson y la causa texana. **Secuencia**, n. 20, pp. 55-78, 1991.
- CELIS; MAYER, Leticia; JÁUREGUI, Luis; ORTEGA, José Antonio Serrano. *Historia y nación: Política y diplomacia en el siglo XIX mexicano.* Vol. 2. **Estudios Historicos**, 1998.
- CERUTTI, Mario; GONZÁLEZ QUIROGA, Miguel. Guerra Y Comercio En Torno Al Río Bravo (1855-1867). Línea Fronteriza, Espacio Económico Común. **Historia Mexicana**, vol. 40, no. 2, 1990: 217-97.
- CHARTIER, Roger. (Dir). **La Correspondance. Les usages de la lettre au XIX siècle.** Paris: Fayard, 1991.
- _____. Literatura e história. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 1, n. 1, p. 197-216, 2000.
- _____. **A mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- CHEVALIER, François. **Un factor decisivo de la revolución agraria de México:" el levantamiento de Zapata," 1911-1919.** Cuadernos Americanos, 1960.
- CREELMAN, James; DEL CAMPO, Mario Julio. **Entrevista Díaz-Creelman.** Universidad Nacional Autónoma de México, 2016.
- CUMBERLAND, Charles C. **Mexican Revolution: Genesis under Madero.** University of Texas Press, 2014.
- CUTRIGHT, Paul Russell; BRODHEAD, Michael J. **Elliott Coues: naturalist and frontier historian.** University of Illinois Press, 2001.

- DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 75-87.
- DEL CASTILLO, Richard Griswold. **The Treaty of Guadalupe Hidalgo: A Legacy of Conflict**. University of Oklahoma Press, 1992.
- DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 2, p. 233-240, 2014.
- _____. **O gênero epistolar, ou, O pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2016.
- DÍAZ FRENE, Jaddiel. Entre hojas volantes y máquinas parlantes: la otra historia de la llegada de Madero a la Ciudad de México (1911). **Historia y grafía**, n. 58, p. 17-56, 2022
- EISENHOWER, John SD; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. **Tan lejos de Dios: la guerra de los Estados Unidos contra México, 1846-1848**. Fondo de Cultura Económica, 2000.
- ESCALANTE GONZALBO, Pablo et al. **Nueva historia mínima de México**. México: El Colegio de México, 2008
- ESPINOSA, Felipe Arturo Ávila. **Entre el Porfiriato y la Revolución: el gobierno interino de Francisco León de la Barra**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.
- EXMAN, Eugene. **The brothers Harper: a unique publishing partnership and its impact upon the cultural life of America from 1817 to 1853**. New York: Harper & Row, 1965.
- FABELA, Isidro. **Historia diplomática de la Revolución Mexicana (1912-1917)**. México: Fondo de cultura económica, 2013.
- FARIAS, Francisco Suárez. Una mujer en la historia. **Política y Cultura**, n. 1, p. 271-276, 1992.

- FARRIER, Paul Everest. **Taft and Mexico: neutrality, intervention and recognition, 1910-1913.** 1966.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Eugenia Meyer. **Revista Brasileira de História**, v. 33, n. 65, p. 413-431, 2013.
- FICKER, Sandra Kuntz. Las oleadas de americanización en el comercio exterior de México, 1870-1948. **Secuencia**, n. 57, p. 159, 2003.
- FIORI, Jose Luis. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. **O poder americano.** Petrópolis: Vozes, p. 67-110, 2004.
- FOOS, Paul. **A short, offhand, killing affair: soldiers and social conflict during the Mexican-American War.** Univ of North Carolina Press, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega. 2015.
- _____. **Microfísica do poder.** 23. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p. 62-86, 2011.
- _____. **Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX.** São Paulo: Editora Intermeios, 2018.
- GALEANNA, Patricia. **El Tratado McLane-Ocampo: la comunicación interoceánica y el libre comercio.** UNAM, 2006.
- GARCIADIEGO, Javier. El Porfiriato (1876-1911). **Historia de México.** Cidade do México: Academia Mexicana de Historia, 2010. p. 209-225.
- GARCÍA MATA, Víctor. **Los conflictos entre México y Estados Unidos en el siglo XIX, las pérdidas territoriales, el caso La Mesilla y los litigios entre ambas naciones.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2009.
- GARNER, Paul. **Porfirio Díaz.** New York/London: Routledge, 2014.
- GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950.** 2009. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GILLY, Adolfo. **La revolución interrumpida.** Ediciones era, 2007.

- GOMES, Angela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.
- _____. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GÓMEZ, Antonio Castillo; D'ALBIS, Cécile. Entre public et privé: Stratégies de l'écrit dans l'Espagne du Siècle d'Or. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**. 56(4-5), p. 803-829, 2001.
- GREENE, Meg. **The Transcontinental Treaty, 1819: A Primary Source Examination of the Treaty Between the United States and Spain Over the American West**. The Rosen Publishing Group, Inc, 2005.
- GROSSMAN, Herschel I. Choosing between peace and war. **Annals of Economics and Finance**, v. 14, n. 2 (B), p. 747-765, 2013.
- GUARDINO, Peter. **La marcha fúnebre: una historia de la guerra entre México y Estados Unidos**. Grano de Sal, 2018.
- HABER, Stephen. **Industry and underdevelopment: the industrialization of Mexico, 1890-1940**. Stanford University Press, 1995.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: EDUSP, 2016.
- HARRIS, Charles H.; SADLER, Louis R. The 1911 Reyes Conspiracy: The Texas Side. **The Southwestern Historical Quarterly**, v. 83, n. 4, p. 325-348, 1980.
- _____. The "Underside" of the Mexican Revolution: El Paso, 1912. **The Americas**, v. 39, n. 1, p. 69-83, 1982.
- HART, John Mason. **Revolutionary Mexico: the coming and process of the Mexican Revolution**. University of California Press, 1997.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- HEANEY, Christopher. Compared to What? William Walker and Radical Republicanism in the 19th-Century Americas. **Reviews in American History** 47, no. 3 (2019): 370-379.
- HENDERSON, Peter VN. **In the Absence of Don Porfirio: Francisco León de la Barra and the Mexican Revolution**. Rowman & Littlefield, 2000.

- HERZOG, Jesús Silva. **Breve historia de la Revolución mexicana, I: Los antecedentes de la etapa maderista.** Fondo de cultura económica, 2011.
- HERRERA LEÓN, Fabián. *Ensayo episódico de la vida internacional de México de 1848 a 1876.* **Boletín del Archivo General de la Nación**, núm. 16 (mayo-agosto 2018), pp. 67-99.
- HERRERA, Octavio; SANTA CRUZ, Arturo. **Historia de las relaciones internacionales de México, 1821-2010** Vol. 1. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2011.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.
- HOLLENBECK, Rachel. Lending a Helping Hand: Dollar Diplomacy in Latin America. University of **Nebraska at Kearney Undergraduate Research Journal**, v. 24, n. 1, p. 25-40, 2020.
- ISENBERG, Andrew C.; RICHARDS JR, Thomas. Alternative wests: Rethinking manifest destiny. **Pacific Historical Review**, v. 86, n. 1, p. 4-17, 2017.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p. 44-61, 2011.
- KATZ, Friedrich. Pancho Villa and the Attack on Columbus, New Mexico. **The American Historical Review**, vol. 83, n. 1, 1978.
- _____. **La guerra secreta en México: Europa, Estados Unidos y la revolución mexicana.** Ediciones Era, 1998.
- KELLEY, Sean. "Mexico in his head": Slavery and the Texas-Mexico border, 1810-1860. **Journal of Social History**, v. 37, n. 3, pp. 709-723, 2004
- KNIGHT, Alan. El liberalismo mexicano desde la Reforma hasta la Revolución (una interpretación). **Historia mexicana**, p. 59-91, 1985.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado.** Rio de Janeiro: Contraponto, v. 25, 2006.
- LAJOUS, Roberta. **La política exterior del Porfiriato (1876-1911).** México, D.F. : El Colegio de México, 2010.

- LOMNITZ, Claudio. Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da "dependência" no México porfiriano tardio. **Mana**, v. 15, p. 91-125, 2009.
- LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- MAGOC, Chris J.; BERNSTEIN, David (Ed.). **Imperialism and Expansionism in American History: A Social, Political, and Cultural Encyclopedia and Document Collection [4 volumes]: A Social, Political, and Cultural Encyclopedia and Document Collection**. Vol. 1. ABC-CLIO, 2015.
- MAY, Robert E. **Manifest Destiny's Underworld: Filibustering in Antebellum America**. Univ of North Carolina Press, 2002.
- _____. "Reconsidering antebellum US women's history: Gender, filibustering, and America's quest for empire." **American Quarterly** 57, no. 4 (2005): 1155-1188.
- MAYER, Alicia et al. La política del gobierno de los Estados Unidos hacia México (noviembre de 1911 a febrero de 1913). **Estudios de Historia Moderna y contemporánea de México**, v. 13, n. 13.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, R. M.; NEGRA, Cinderela. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. **História oral: desafios para o século**, v. 21, p. 85-98, 2000.
- MEYER, Eugenia. Tierra y hombre del México revolucionario, 1913-1914. Visión histórica de Edith O'Shaughnessy. **Anuario de Historia**, ano III, 1963.
- _____. Edith O'Shaughnessy, una interpretación. **El Heraldo de México Cultural** (suplemento). 93. 1967.
- _____. Prólogo de la traductora. In O'SHAUGHNESSY, Edith. **Huerta y la revolución vistos por la esposa de un diplomático en México**, México, Editorial Diógenes, 1971.
- MEYER, Lorenzo. Felipe Arturo Ávila Espinosa, Entre el Porfiriato y la Revolución. El gobierno interino de Francisco León de la Barra. **Estudios de historia moderna y contemporánea de México**, n. 31, p. 141-145, 2006.

- MEYER, Michael C. El rebelde del norte: Pascual Orozco y la revolución. **Serie Historia Moderna y Contemporánea**, vol. 16, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984.
- MERK, Frederick; MERK, Lois Bannister. **Manifest destiny and mission in American history: A reinterpretation**. Harvard University Press, 1995.
- MILLON, Robert P., **Zapata: The Ideology of a Peasant Revolutionary**. International Publishers Co, 1995
- MOUNTJOY, Shane. **Manifest destiny: westward Expansion**. Infobase Publishing, 2009.
- New Book by the Author of "A Diplomat's Wife in Mexico". Diplomatic Days. (s/a) **Harper's Monthly Magazine**. V. CXXXV, jun-nov. 1917.
- NIEMEYER, Vic. Frustrated Invasion: The Revolutionary Attempt of General Bernardo Reyes from San Antonio in 1911. **The Southwestern Historical Quarterly**, v. 67, n. 2, p. 213-225, 1963.
- NORD, D. P., RUBIN, J. S., HALL, D. D., & SCHUDSON, M. (Eds.). **A History of the Book in America. Volume 5. The Enduring Book: Print Culture in Postwar America**. UNC Press Books, 2009.
- OCAMPO, Emilio. **De la Doctrina Monroe al destino manifiesto: Alvear en Estados Unidos, 1835-1852**. Claridad, 2009.
- O'SHAUGHNESSY, Edith. **A Diplomat's Wife in Mexico: Letters from the American Embassy at Mexico City, Covering the Dramatic Period Between October 8th, 1913, and the Breaking Off of Diplomatic Relations on April 23rd, 1914, Together with an Account of the Occupation of Vera Cruz**. Harper & brothers, 1916.
- _____. **Diplomatic days**. Harper & Brothers, 1917.
- PECQUET, Gary M.; THIES, Clifford F. Texas treasury notes and the Mexican-American War: market responses to diplomatic and battlefield events. **Eastern Economic Journal**, v. 36, n. 1, p. 88-106, 2010.

- PITA GONZÁLEZ, Alexandra; AYALA FLORES, Hubonor. Miradas tangenciales del México huertista: A Diplomat's Wife de Edith O'Shaughnessy. **Tzintzun. Revista de estudios históricos**, n. 62, p. 149-182, 2015.
- PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. Routledge, 2003.
- PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricas**, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998.
- RAJCHENBERG, Enrique, e HÉAU-LAMBERT, Catherine. En la antesala del Plan Puebla-Panamá: Tehuantepec en el siglo XIX. **Revista Chiapas** 14 (2002).
- ROSENBERG, Emily S., Revisiting Dollar Diplomacy: Narratives of Money and Manliness, **Diplomatic History**, V. 22, Issue 2, p. 155–176, 1998.
- SÁNCHEZ, Grecia Monroy. Lírica y política en las hojas volantes de la imprenta de Antonio Vanegas Arroyo. **Boletín de Literatura Oral**, p. 195-201, 2019.
- SCHELL, William. American investment in tropical Mexico: Rubber plantations, fraud, and dollar diplomacy, 1897–1913. **Business History Review**, v. 64, n. 2, p. 217-254, 1990.
- SOLARES, Ignacio. **Madero en la historiografía de la Revolución**. 2000.
- STAGG, John Charles Anderson. **Borderlines in Borderlands**. Yale University Press, 2009.
- STANLEY, Liz. The epistolarium: On theorizing letters and correspondences. **Auto/biography**, v. 12, n. 3, p. 201-235, 2004.
- TAYLOR, Lawrence D. The Battle of Ciudad Juarez: Death Knell of the Porfirian Regime in Mexico. **New Mexico Historical Review**, v. 74, n. 2, p. 5, 1999.
- _____. The border as a zone of conflict: Foreign volunteers in the Mexican revolution and the issue of American neutrality, 1910–1912. **Journal of Borderlands Studies**, v. 20, n. 1, p. 91-113, 2005.
- THOMPSON, J. Lee. **Theodore Roosevelt Abroad: Nature, Empire, and the Journey of an American President**. Springer, 2010,
- TODOROV, Tzevetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, v. 46, n. 1, 2006.

- TORRES, Oscar Flores. **El otro lado del espejo: México en la memoria de los jefes de misión estadounidenses (1822-2003)**. Oscar Flores Torres, 2007.
- TRILLO, Mauricio Tenorio. Algo más que una entrevista: la Díaz-Creelman, 1908. **Istor: revista de historia internacional**, v. 9, n. 35, p. 117-128, 2008.
- TUCKER, Phillip T. Motivations of United States Volunteers during the Texas Revolution, 1835-1836. **East Texas Historical Journal**, v. 29, n. 1, pp. 25-34, 1991.
- TULCHIN, Joseph S. **América Latina x Estados Unidos: uma relação turbulenta**. Editora Contexto, 2016.
- TURNER, Frederick C. Anti-Americanism in Mexico, 1910-1913. **Hispanic American Historical Review**, v. 47, n. 4, p. 502-518, 1967.
- ROCHA, Miguel de Oliveira Estanqueiro. Estados Unidos e Europa: entre parceria e isolacionismo. In. VALENTE, Isabel Maria Freitas; DE OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Visões Interdisciplinares sobre a Europa e o Mundo. Uma experiência de convergência disciplinar em homenagem a Maria Manuela Tavares Ribeiro**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2019.
- ULLOA, Berta. “La lucha armada (1911-1920)”. In: **Historia general de México**. Tomo 2. (Vários autores). México: El Colegio de México, 1981
- UNITED STATES OF AMERICA, **Revised statutes of the United States, passed at the first session of the Forty-third Congress, 1873-'74**. [2d ed.]. Washington, Govt. print. off., 1878. p.1024-1026.
- VALONE, S. J. (1995). “*Weakness Offers Temptation*”: *William H. Seward and the Reassertion of the Monroe Doctrine*. **Diplomatic History**, 19(4), 583–599.
- VÁZQUEZ, Josefina Zoraida Vázquez e MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos. Un ensayo histórico, 1776-2000**. 4a ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Zahar, 1994.
- WICKS, Daniel H. Dress Rehearsal: United States Intervention on The Isthmus of Panama, 1885. **Pacific Historical Review**. 1 November 1980; 49 (4): 581-605.

United States. Revised statutes of the United States, passed at the first session of the Forty-third Congress, 1873-'74. [2d ed.]. Washington, Govt. print. off., 1878.

WOOD, Molly Marie. **An American diplomat's wife in Mexico: gender, politics and foreign affairs activism, 1907-1927.** 1998. Tese de Doutorado. University of South Carolina.

_____. A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional Political, and National Identities in the Early Twentieth Century. **Frontiers: A Journal of Women Studies**, v. 25, n. 3, p. 104-133, 2004.

_____. "Commanding Beauty" and "Gentle Charm": American Women and Gender in the Early Twentieth-Century Foreign Service. **Diplomatic History**, v. 31, n. 3, p. 505-530, 2007.

_____. Wives, Clerks, and 'Lady Diplomats': The Gendered Politics of Diplomacy and Representation in the US Foreign Service, 1900-1940. **European Journal of American Studies**, v. 10, n. 10-1, 2015.